



Zaira Moura Teixeira

INDISCIPLINA

.....
sob o olhar da comunidade escolar

– dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental –

Copyright © 2021, Editora Oitica, alguns direitos reservados
Copyright do texto © 2021, os autores
Copyright da edição © 2021, Editora Oitica



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercialSemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Oitica pelos autores e organizadores desta obra. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos seus autores, não representando a posição oficial da Editora Oitica.

contato@editoraoitica.com.br | www.editoraoitica.com.br
João Pessoa, PB

CONSELHO EDITORIAL

Ana Karine Farias da Trindade Coelho Pereira (UFPB)
Danielle Fernandes Rodrigues (UFPB)
Hieny Quezzia de Oliveira Bezerra (FCU)
José Gláucio Ferreira de Figueiredo (UFCC)
José Moacir Soares da Costa Filho (IFPB)
José Nikácio Junior Lopes Vieira (UFPB)
Júlyana de Lira Fernandes Gentle (FCU)
Larissa Jacheta Riberti (UFRN)
Luiz Gonzaga Firmino Junior (UFRN)
Mayara de Fátima Martins de Souza (PUC/SP)
Sandra Cristina Moraes de Souza (UFF)
Wendel Alves Sales Macedo (UFPB)

INDISCIPLINA

SOB O OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR

dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental

Autora: Zaira Moura Teixeira

**Projeto gráfico,
Editoração:** Heitor Augusto de Farias Oliveira

Capa: Skynesher [iStock]

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T266i

Teixeira, Zaira Moura.

Indisciplina sob o olhar da comunidade escolar: dificuldades de
aprendizagem no ensino fundamental / Zaira Moura Teixeira — João Pessoa:
Oitica, 2021.

171 p.

ISBN 978-65-994375-8-8

1. Educação — Indisciplina 2. Aprendizagem 3. Problemas sociais — Educação 4.
Escola pública II. Título

CDU 37.06

Catalogação na Publicação: Maria Rozana Rodrigues Soares da Silva CRB 15/786



SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	7
II. CONTEXTO ESCOLAR E INDISCIPLINA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	9
II. IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR	22
III. METODOLOGIAS VOLTADAS PARA O ENFRENTAMENTO DA INDISCIPLINA ESCOLAR	36
IV. INDISCIPLINA E APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO BÁSICO	52
V. INDISCIPLINA ESCOLAR E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	68
VI. ANÁLISE DOS RESULTADOS	81
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	162

A AUTORA



ZAIRA MOURA TEIXEIRA, é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí, com Especialização em Gestão Ambiental e Sustentabilidade pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER e Especialização em Educação Global, Inteligências Humanas e Construção e Cidadania pela UNIFUTURO Faculdades Integradas do Brasil. Possui Mestrado em Sanidade e Produção Animal Sustentável, pela Universidade Federal do Acre, e recentemente concluiu o Mestrado em Educação pela Florida Christian University. Ministrou aulas no Centro Universitário – UNINTA e na Faculdade Metropolitana de Teresina. Trabalhou no quadro efetivo de escolas privadas como: o Instituto Monsenhor Hipólito – IMH, Escola Senador Nilo Coelho - SESI e Colégio São Lucas – CSL. Atualmente é funcionária da Secretaria de Estado da Educação – PI.

O conhecimento semeia, cultiva e colhe frutos magníficos. Pensando nisso a autora elaborou esse livro, buscando conhecer cada vez mais a relação entre professores e alunos, acreditando que uma educação calcada em um bom relacionamento conduz a uma compreensão mais profunda da vida e consequentemente ao sucesso educacional.

PREFÁCIO

Com imenso prazer orientei a Prof.^a Zaira Moura Teixeira, aliás muito dedicada no seu propósito em obter o título de Mestre em Educação no Programa de Educação sem Fronteiras – PEsF / Florida Christian University/FCU com um trabalho de pesquisa bem fundamentado na escolha de autores renomados no Referencial Teórico e que teve como objetivo principal algo que preocupa a todos os educadores: Conhecer as dificuldades causadas pela indisciplina escolar no processo ensino aprendizagem, que teve como foco alunos da rede municipal de Aroeiras do Itaim-PI.

Esse incansável trabalho, mesmo com todas as dificuldades encontradas pela Prof.^a Zaira durante um processo de saúde pública conhecida por todos, logrou êxito pela forma inteligente como realizou a pesquisa de campo orientada pelos procedimentos metodológicos corretos e atualizados tendo aprovação do Comitê de Ética e também na 9ª Gerência Regional de Educação - GRE, que está localizada no município de Picos-PI, o que passou a representar um trabalho de muita profundidade que servirá, com toda certeza, como um referencial para professores e profissionais que atuam nas diversas áreas do ensino.

Convém salientar que a Prof.^a Zaira não mediu esforços na obtenção dos resultados da pesquisa com um número de respondentes muito mais do que o desejado, culminando num trabalho acadêmico de relevância para o modelo em nosso país no tocante ao ensino-aprendizagem de jovens que naturalmente necessitam de uma estrutura educacional em qualquer região do nosso país.

No tocante ao posicionamento ético, a Professora não deixou em nenhum momento de atentar às exigências do Conselho Nacional de Saúde sendo que só realizou a pesquisa após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa e o recebimento da certidão provisória, demonstrando o senso profissional e a seriedade em seus objetivos.

Quanto ao tratamento dos dados de forma quantitativa, os mesmos seguiram o método estatístico do programa SPSS versão 23.0 que foram apresentados de forma clara através de gráficos e tabelas, facilitando a interpretação dos leitores.

Agradecendo pela oportunidade que me foi dada pelo Programa Educação Sem Fronteiras/PEsF da Florida Christian University/FCU em ter contribuído, mesmo de forma singela na formação de Mestre em Educação da Prof.^a Zaira, desejar-lhe sucesso em sua carreira e que esse estudo possa ter continuidade no próximo passo: o Doutorado.

Sucesso para o livro, são meus votos.

Prof. Nelson Ludovico
Pós-doutor [FCU]

I. INTRODUÇÃO

A escola contemporânea passou a configurar-se como o espaço físico formal para educação da pessoa em fase de desenvolvimento. Nessa concepção, a escola é composta por docentes e discentes, onde a educação ocorre por meio de conteúdos estabelecidos e de atividades enraizadas no currículo escolar. É inegável a importância da escola no processo de aquisição do conhecimento.

Frequentemente são expostos na mídia noticiários sobre a onda de violência e agressão nas escolas que tem aumentado consideravelmente. A indisciplina apresenta-se como um dos maiores desafios do processo de ensino-aprendizagem, dificultando assim o trabalho docente, bem como interferindo diretamente na transmissão dos conhecimentos que forem ministrados em sala de aula. A indisciplina escolar, provavelmente, tenha se tornado um dos problemas mais difíceis de serem solucionados, levando inúmeros pesquisadores a desenvolver teorias que busquem minimizar o problema, ou até mesmo solucioná-lo por completo.

A vista disso indisciplina escolar é um tema que deve ser amplamente debatido e investigado, tendo em vista que é uma fonte de estresse nas relações interpessoais e um dos maiores obstáculos pedagógica enfrentados em muitas instituições. Contudo, nas escolas do município de Aroeiras do Itaim, o comportamento indisciplinar tem-se tornado habitual, o que tem prejudicado o exercício da função docente e impulsionado o déficit de aprendizagem nessas escolas. Diante deste contexto, evidencia-se a problemática que norteia este estudo: **Quais as dificuldades causadas pela**

indisciplina escolar no processo ensino aprendizagem dos alunos da rede municipal de Aroeiras do Itaim-PI?

As hipóteses adotadas para o estudo foram: a indisciplina escolar prejudica o processo ensino aprendizagem dos alunos das escolas da rede municipal de ensino básico; o processo educativo no ensino básico alcança resultados satisfatórios independentemente da indisciplina escolar.

A investigação se justifica porque a indisciplina é um dos elementos que mais causam desgaste na docência, e uma das maiores adversidades didáticas da atualidade e tem se tornado cada vez mais frequente nas escolas, manifestando-se com frequência no município de Aroeiras do Itaim, sendo apontado pelos professores e gestores da localidade como maior dificuldade enfrentada nessas escolas. Tendo em vista que em nenhum momento houve uma tentativa de entender as manifestações indisciplinares dos alunos e a necessidade de um estudo refinado para as peculiaridades locais, essa pesquisa se faz indispensável diante da complexidade do assunto. Neste contexto, torna-se relevante conhecer o conceito de indisciplina escolar em seu sentido mais amplo, ou seja, o que vem propiciando o aumento da indisciplina nas salas de aula das escolas brasileiras. Outra questão que merece atenção nesse estudo são os métodos de ensino utilizados nas escolas de ensino fundamental do país, tendo em vista que os métodos de ensino escolhidos e utilizados pelos professores em sala de aula são grandes responsáveis em promover a construção de conhecimento nos alunos.

II. CONTEXTO ESCOLAR E INDISCIPLINA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A educação brasileira apresenta um contexto no qual os estudantes se mostram indisciplinados e desinteressados pelos conteúdos apresentados nas escolas, em virtude de sua desvinculação com suas realidades e de suas famílias e ainda aceitam, mesmo assim, qualquer imposição sem qualquer reação ou questionamento, desde que não haja cobranças a respeito. Souza (2015) adverte para o fato de que, sob a ótica moralista, o fenômeno da indisciplina escolar se revela caracterizado como clara desobediência às regras pré-estabelecidas. Tiba (1998) desperta para o fato de que a indisciplina na escola significa um resultado natural da falta de educação.

Segundo Salvi (2017):

A palavra disciplina em seu sentido mais corrente tende a indicar o conjunto de regras e de comportamentos desejáveis que regulam a convivência e garantem que estas sejam cumpridas em instituições sindicais, militares, esportivas, educacionais e na vida pessoal e profissional do indivíduo num contexto geral (SALVI, 2017, p. 24).

Neste sentido, a atividade do educador pode ser evidenciada diante da existência de várias regras que são destinadas a regular os horários para suas atividades, como a postura esperada do professor, competências e habilidades para as respectivas disciplinas, dentre outras. O não cumprimento enseja em restrições da escola, podendo chegar à demissão.

Além disso, os estudantes têm no educador o exemplo para tudo presente na sala de aula.

Entretanto, pode-se considerar que a escola também deve exercer o controle sobre as atividades do educador, inclusive regras de convivência e para as atividades acadêmicas dos alunos no contexto escolar. A instituição escolar representa uma organização social que se compõe de pessoas com características culturais diferentes e as regras devem ser utilizadas para promover a convivência harmoniosa e a melhoria da aprendizagem dos estudantes.

O real significado da palavra disciplina contempla um regime de ordem de maneira imposta ou livremente acatado, com vistas ao funcionamento de alguma instituição, como também para a definição da hierarquia entre estudante e educador, entre outras situações. Ferreira (2008) afirma que a disciplina é mais comumente usada em organismos governamentais como academia militar, instituições de ensino superior, escolas públicas e privadas etc. Trata-se de instituições de ensino reguladas por relações de subordinação de estudantes aos educadores, baseada na obediência a normas disciplinares voltadas para controle comportamental.

Segundo Rego (1996):

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim, como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do

tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social (REGO, 1996, p. 84).

Percebe-se que não existe consenso quanto à definição do que venha a ser indisciplina, que é uma construção social e cultural, apresentando variados significados, de acordo com o ambiente social. Porém, um dado importante é que a indisciplina sempre representa o desrespeito às regras já existentes. Já em relação à disciplina, esta pode ser considerada um grupo de fatores capazes de viabilizar a prática pedagógica no interior das escolas.

Segundo Vasconcellos (2009):

[...] a disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais e coletivos. Pode haver divergência quanto à concepção de disciplina, mas, com certeza, sua ausência inviabiliza o crescimento do sujeito, uma vez que a aprendizagem, especialmente a escolar, é um processo rigoroso, sistemático, metódico (VASCONCELLOS, 2009, p. 25).

Dessa forma, para superar grande parte dos problemas causados pela indisciplina no ambiente escolar deve-se também eliminar atitudes autoritárias, o sentido de opressão que ainda se verifica em muitas escolas. Lopes e Gomes (2012) avaliam que ainda existe grande preocupação por parte dos professores no sentido encontrar soluções para o problema, tendo em vista que “num ambiente caótico e ruidoso é mais difícil, senão impossível, aprender, em particular, aprender a conviver” (LOPES; GOMES 2012, p. 262).

A prática da indisciplina pelos alunos das escolas públicas tem relação direta com determinadas atitudes como alterar a voz para o professor, apresentar respostas grosseiras, conflitos com colegas de classe, desobediência, bagunça, recusa a fazer as tarefas propostas pelo professor. Oliveira (1996) acrescenta que os referidos atos são prejudiciais ao processo

educativo, atrapalhando seriamente a prática profissional do educador e o alcance dos objetivos da escola.

Segundo Munhaes (2015):

Não se pode analisar ou refletir sobre qualquer assunto, vendo-o apenas sob um aspecto somente, pois seria uma visão limitada. O termo (in) disciplina, consequentemente, a Teoria da Complexidade não contradiz as múltiplas compreensões existentes sobre o assunto, porque possibilitam-se diversas conexões e relações (MUNHAES, 2015, p. 33).

O fenômeno da indisciplina pode ser analisado a partir de uma tipologia baseada em três perturbações principais, que são o vandalismo, o conflito e a pontualidade. Em relação à pontualidade, observa-se que pode ser aplicado ao estudante, ao educador e ao próprio sistema, que apresenta impontualidade significativa no desenvolvimento de suas atividades. Quanto aos conflitos, são relacionados às divergências entre os estudantes que, além de prejudicar a convivência entre eles, pode chegar a altos níveis de roubo, violência e extorsão. Silva e Lopes (2010) acrescentam que o vandalismo significa uma infração à própria escola, principalmente em razão de seu significado na vida acadêmica do aluno. Quaisquer fatores levados em conta à revelia do aluno devem ser relacionados a aspectos sociais e familiares, no sentido de extrapolar a convivência entre professor e aluno, alcançando a desestruturação da família e a crise ética que atinge a sociedade nos dias atuais.

Neste contexto, pode-se ressaltar que a relação existente entre a aprendizagem e o ensino não pode ser considerada uma simples transmissão de conhecimento, realizado de forma mecânica e no qual o educador ensina e o estudante aprende. Silva e Navarro (2012) esclarecem que se trata de um relacionamento constituído de reciprocidade, tendo como base a função de dirigente atribuída ao professor e o exercício das atividades pelos estudantes.

Segundo Viana (1989):

Existe a possibilidade de uma disciplina consensual, que é [...] decidida e acertada em função de bens e objetivos [...] fruto de decisões comuns em função de objetivos também comuns, partindo do princípio que é possível buscar uma disciplina enfocada como uma realidade - participativa, comunitária, política, criativa - que possa facilitar a solidariedade, a conscientização e a politização dos envolvidos, transformando-se, dentro do nosso contexto político e cultural, numa proposta eminentemente desafiadora (VIANNA, 1989, p.13).

No processo de construção do conhecimento, o educador deve se posicionar de forma a transmitir o gerenciamento da sala de aula, evidenciando este comportamento continuamente em sua prática pedagógica, tendo em vista que o desenvolvimento efetivo das atividades que conduzem ao conhecimento se baseia na contribuição do professor em relação ao estudante, o que possibilita a este identificar e construir mentalmente uma representação verdadeira do objetivo do estudo, alcançando sua essência. Vasconcellos (2002) comenta que se tornou fundamental o reconhecimento dos professores como administradores da sua prática profissional, no sentido de promover uma transformação verdadeira no interior da sala de aula.

Existem aspectos ligados a indisciplina que não dependem apenas do professor, havendo a ligação com aspectos de caráter social, familiar e escolar, cabendo ao educador a busca pela evidência da realidade do estudante, como forma de obter melhor compreensão de suas atitudes e habilidades e comportamentos, e facilitando a integração com as famílias, possibilitando o resgate da autoestima do aluno.

Segundo Garcia (1999):

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensa-la em consonância com o momento histórico desta virada de século (GARCIA, 1999 p. 102).

A reflexão voltada para as transformações ocorridas no interior da escola certamente traz como consequência muitas transformações sociais, políticas, culturais e até econômicas, pois a instituição escolar passou por mudanças significativas em decorrência da legislação, de seus valores e cultura, da mesma forma que a sociedade. Transformações verificadas no ambiente laboral e na esfera política, evidenciando-se no formato conhecido como globalização, promoveram formas de pensar inovadoras para fazer evoluir a educação, levando em conta a constituição de um novo sujeito para a sociedade.

Segundo Justo (2010):

Quando olhamos para o cenário mais geral do funcionamento da sociedade contemporânea e focamos o perfil das instituições existentes ou daquelas novas que estão nascendo, verificamos que a escola, na verdade, está no epicentro de uma crise institucional provocada por uma mudança profunda na lógica do capitalismo atual e da cultura que o acompanha [...]. Aquele capitalismo que antes precisava de produção fabril, da acumulação e concentração tanto das riquezas materiais como da própria mão de obra, confinando e concentrando as pessoas, no cenário atual estaria com outras necessidades, tais como a intensificação do ciclo de produção e de consumo, a expansão da circulação do capital exigindo o alargamento de fronteiras geográficas e psicossociais, o aumento da

velocidade e a movimentação cada vez maior de mercadorias, de capital, de subjetividades, de mão de obra e assim por diante. Tais necessidades da economia capitalista atual estariam produzindo uma outra lógica de organização e funcionamento da sociedade: não se trataria mais de confinar o sujeito em espaços fechados, mas de colocá-lo em espaços abertos (JUSTO, 2010, p.29).

Considerando o processo de ensino-aprendizagem, percebe-se que ao longo do tempo o professor tem a responsabilidade de ser o transmissor do conhecimento, situação na qual os estudantes se posicionam como receptores, passivos e ouvintes. Nessa situação, segundo Dametto e Esquinsani (2009), o educador tem uma função de superioridade em relação aos estudantes, que ocupava dentro da sala de aula, uma posição de destaque e de maior visibilidade. Trata-se de um posicionamento aparentemente favorável, como uma vantagem para a prática pedagógica, mas passou a originar possibilidade de confronto e resistência nos alunos. A responsabilidade do educador contempla direcionar e coordenar todas atividades em sala de aula.

Segundo Pimenta e Louzada (2012):

[...] Há algumas décadas havia outra realidade. O contexto histórico era diferente da atual, a escola era para poucos, escola elitista, regime militar, onde só permanecia quem se adaptasse a ela. Escolas extremamente militarizadas no seu funcionamento diário, tendo como metodologia as ameaças e os castigos, assim era obtido o chamado respeito que tanto é desejado hoje. A escola não era obrigatória e se uma criança não estudasse não fazia diferença para a sociedade (PIMENTA & LOUZADA, 2012, p.26).

A análise mostra que o educador era detentor de algum status e de superioridade em relação aos estudantes, podendo até impor castigos aos que não cumprissem as normas estabelecidas. Prevalencia a aplicação de


métodos rigorosos e atividades repetitivas e provas. Trata-se de fatores que estimulavam a ocorrência de indisciplina na escola, espaço no qual o estudante não tinha voz e não podia questionar o que era imposto, devido à falta de liberdade. Entretanto, Banaliatti e Dametto (2015) relatam que muitos aspectos contribuíram para mudar as relações entre estudantes e educadores ao longo do tempo, diminuindo os casos de indisciplina no ambiente escolar durante certo período de tempo. Atualmente, pode-se considerar que o controle exagerado e a autoridade do educador de décadas atrás foram substituídos por liberdade em excesso concedida aos jovens da atualidade, atribuindo importância secundária aos aspectos disciplinares.

A disciplina representa um fator indispensável para o êxito de qualquer atividade grupal ou individual, sendo necessária a existência de ordem que sejam alcançados determinados objetivos. Boarini (2013) afirma que é imprescindível refletir sobre as consequências que a ausência de disciplina pode trazer para o ambiente escolar, especialmente para o processo ensino-aprendizagem, contexto no qual não apenas o estudante indisciplinado fica prejudicado, mas também os educadores, colegas de sala e demais atores envolvidos no processo educativo.

Segundo Oliveira (2009):

Apesar do tempo em que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e o quanto isto tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimento de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão (OLIVEIRA, 2009, p.450).

A prática da indisciplina causa vários tipos de prejuízo para o ambiente da escola, especialmente o tempo perdido com as variadas



situações do tipo. Verifica-se inúmeras situações em que o professor leva tempo em excesso para acomodar os estudantes e iniciar a exposição dos assuntos e as atividades previstas, o que poderia ser revertido em aprendizado de novos conteúdos e desenvolvimento de novas habilidades. Percebe-se que a atuação indisciplinada de um grupo de estudantes contamina o resto da turma no sentido de ter um baixo rendimento devido a impossibilidade de realização das tarefas planejadas. Neste sentido, muitos alunos se adequam às regras disciplinares da escola e outros resistem e não aceitam, situação na qual o educador tem seu trabalho prejudicado quanto ao alcance dos objetivos propostos para o processo educativo.

Nessa direção, pode-se considerar também que a indisciplina representa um dos principais fatores que vem gerando desgaste profissional na prática profissional de muitos educadores do ensino básico, tendo em vista que as atitudes de indisciplina acabam por comprometer seu equilíbrio emocional, trazendo como consequência sentimento de frustração, ansiedade, desânimo, baixa autoestima e falta de motivação. Pimenta e Louzada (2012) ressalta a existência de educadores que admitem a possibilidade de desistir da profissão devido a tudo que acontece durante um dia de trabalho constituído de muitos atos de indisciplina de seus alunos. São aspectos que trazem prejuízos físicos, psicológicos e morais.

Inúmeros educadores apresentam grandes dificuldades para lidar com as situações de indisciplina no cotidiano da sala de aula e são dominados pelo desânimo e o pensamento em desistir, vendo a problemática como sem solução. De acordo com Vasconcellos (2004), estes professores analisam a indisciplina como um fenômeno histórico que sempre fez parte do meio educacional e sempre vai existir e este raciocínio leva a acomodação e conformidade em relação a uma situação que pode e deve ser combatida a todo momento.

Segundo Pimenta (2004):

Sozinho o professor não deveria se sentir, pois existe na instituição escolar um grupo de pessoas cuja função é a de dar apoio ao professor diante das dificuldades encontradas dentro das instituições escolares. Quando o professor entra em sala, não está entrando sozinho; com ele entram seus colegas, os funcionários, as regras determinadas pela escola, enfim, toda a instituição que naquele momento ele passa a representar (PIMENTA, 2004, p.24).

Dessa forma, fica claro que a indisciplina no ambiente escolar traz prejuízos para todos os atores que fazem parte do processo educativo, incluindo estudantes, educadores, gestores e técnicos. Estes aspectos revelam a necessidade urgente de implementar mecanismos que possam trazer alternativas de controle da indisciplina nas escolas, em razão dos graves prejuízos trazidos para a prática profissional do educador e para o aprendizado dos alunos.

Segundo Boarini (2013):

A disciplina ou indisciplina escolar é uma prerrogativa humana, um fenômeno complexo e incerto. [...] O comportamento indisciplinado pode ser um indício de insatisfações que estão sendo produzidas no âmbito da instituição escolar. A promoção ou o controle da indisciplina nos alunos não estão escritos na literatura pedagógica ou em qualquer outra, nem recebemos junto ao diploma de conclusão de curso, fórmulas para manter a disciplina ou evitar a indisciplina. A disciplina é um exercício que se faz necessário em qualquer situação, social ou não. No caso do ambiente escolar, a disciplina é um exercício diário que ocorre no cotidiano da sala de aula. Deve ser construída e administrada no dia a dia por todos os envolvidos na educação. Esse exercício não é um problema para nós educadores. Esse exercício é um compromisso e desafio e faz parte do nosso trabalho (BOARINI, 2013, p.129).

A disciplina faz parte do cotidiano escolar, sendo um componente fundamental para o êxito do processo educativo, especialmente no ensino básico. Sua manutenção é um desafio para os professores, que lidam diretamente com as situações de indisciplina e sentem seus efeitos negativos na prática profissional.

Historicamente, a orientação comportamental direcionada para a obediência vem se modificando e tem relação com normas e castigos aplicados em razão da desobediência, tendo por base o temor a algum tipo de sanção. Trata-se de um temor que faz com que os atores das instituições sejam obedientes ou submissos ou se adequem às normas estabelecidas. O contrário significa a indisciplina, a falta de obediência, falta de ordem, contravenção, sendo indisciplinada a pessoa que contraria as ordens ou normas previamente estabelecidas. Rego (1996) afirma que a definição de indisciplina se modifica bastante e de acordo com a região, apresentando certa relação com os valores e expectativas das pessoas, podendo sofrer alterações no decorrer do tempo e em conformidade com as transformações culturais e sociais. Trata-se de um fenômeno que também se faz presente de diferentes maneiras no plano individual, sendo consequência de muitas vivências de cada indivíduo no contexto social onde atua.

Diante do exposto, pode-se considerar que os padrões de disciplina presentes no ambiente educacional, da mesma forma que as diretrizes que norteiam determinados comportamentos indisciplinados, podem sofrer alterações ao longo do tempo, se tornando evidentes no convívio social de cada pessoa. Sendo assim, as definições atribuídas à indisciplina estão ligadas às expectativas de cada um em função do meio em que vivem.

A indisciplina no ambiente da sala de aula se apresenta de várias formas, sob diferentes conceitos, assim como as manifestações e atitudes decorrentes dela. Segundo Garcia (1999), as origens da indisciplina são

bastante variadas e se agrupam naqueles que se verificam dentro da escola e nos que ocorrem fora da instituição escolar. Dessa forma, percebe-se a necessidade de evidenciar que os referidos fatores internos e externos à escola interagem intensamente e podem levar à necessidade de promover a discussão da indisciplina a partir de suas várias formas de manifestação.

Segundo Sousa (2016):

As atitudes indisciplinadas dos alunos não são recentes na educação brasileira, mas podemos considerar que a preocupação tem se tornado mais aguda nos últimos tempos, especialmente pelo aumento da violência nas escolas e por uma maior circulação de notícias relacionadas à temática pelos meios de comunicação de massa, como a televisão. Mas ainda não se tem um corpo de conhecimentos suficientemente sistematizado sobre o tema a ponto de conseguir oferecer explicações mais firmes e consistentes. E a maioria das explicações existentes está voltada para a culpabilização do aluno e de sua família (SOUSA, 2016, p. 43).

Diante da diversidade existente, as definições para a indisciplina evidenciam inúmeras interpretações. Para Jusviack (2009) um estudante indisciplinado é representado por um indivíduo possuidor de atitudes que divergem das regras existentes no meio escolar e social. Ela pressupõe contravenção das normas que regulam a convivência em sociedade, convenções e contratos, deixando explícita a divergência de objetivos dos atores envolvidos, sejam educadores, estudantes e a própria escola, gerando turbulências na ordem e nas relações sociais.

Considerando ainda a realidade do espaço escolar e a diversidade cultural ali existente, percebe-se que a indisciplina pode ser uma das razões para a escola apresentar dificuldade para acolher alunos que possuem atitudes que contrariam as regras, aspecto que contribui para maior evidencia da indisciplina no ambiente escolar. Aquino (1996) avalia que, embora

havendo variados fatores contribuindo para a existência de comportamentos indisciplinados nas escolas, o surgimento do fenômeno da indisciplina não está no estudante, mas sim nos dirigentes das escolas, que se mostram incapacitados para conviver com o novo perfil de estudante que está surgindo. A indisciplina é dinâmica e está relacionada com aspectos culturais e valores que se transformam no decorrer do tempo.

Dessa forma, entende-se que o educador deva tornar possível o melhor relacionamento com o estudante, fazendo com que as normas sejam iguais para todos e de maneira que o estudante venha a compreender bem suas responsabilidades e as consequências das atitudes contrárias às normas estabelecidas. Os acordos de boa convivência firmados na sala de aula devem ser caracterizados pelo consenso e senso de cooperação e participação, fazendo com que o estudante também participe do processo decisório.

II. IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

A escola é fundamental no processo de formação dos sujeitos, pois é no ambiente escolar que é possível obter conhecimentos específicos e desenvolver habilidades, tornando o indivíduo capaz de conviver em sociedade. Essa formação está ligada ao desenvolvimento de vários fatores, dentre eles o disciplinamento dos sujeitos envolvidos no processo de educação.

Segundo Oliveira e Torres (2017):

É importante o diálogo e a relação professor-aluno na condução da (in) disciplina em sala de aula. Registramos, então, a importância do processo de formação do professor e das parcerias com a família e demais segmentos da sociedade como medidas interventivas fundamentais para minimizar seus efeitos negativos e abrir caminhos que instrumentalizam e potencializam para um novo atuar em sala de aula, substancial para proporcionar uma educação significativa e transformadora aos nossos alunos (OLIVEIRA E TORRES, 2017, p. 350).

A indisciplina em sala de aula prejudica o processo de ensino-aprendizagem, tendo como consequência diversos fatores como o desrespeito entre alunos e professores, desordem e estresse. A falta do diálogo e de uma boa relação entre professor e aluno pode ser aludida como uma das causas à indisciplina, por isso a importância do processo de formação do professor e da presença familiar na escola como medidas interventivas fundamentais para minimizar seus efeitos negativos e proporcionar uma educação significativa e transformadora aos nossos alunos.

Nas escolas onde foi realizado o estudo é notória a ausência da família, verificando a presença apenas nas reuniões de pais e mestres, onde, muitas vezes, os professores aproveitam a ocasião para falar sobre a indisciplina dos alunos, ocasionando a fuga dos pais ainda mais das escolas. Em vista disso, os professores devem estar preparados, não apenas para conduzir uma boa relação com os alunos, mas também com os pais dos alunos.

Sendo assim, as escolas contemporâneas devem planejar e organizar seu ensino pautado sempre em desempenhar melhor sua função social, portanto o uso das inovações pedagógicas e o respeito à cultura do aluno devem ser constantes, favorecendo o ensino de qualidade.

Segundo Nunes (2017):

Na contemporaneidade devem-se buscar inovações pedagógicas, valorização e respeito à cultura do aluno, privilegiando um ensino que garanta o desenvolvimento intelectual, social e cultural do aluno, valorização dos profissionais da educação, articulação e mediação entre a escola, família e comunidade; garantindo a formação de sujeitos críticos e participativos, aptos ao mercado de trabalho e a intervir nos problemas sociais. (NUNES, 2017, p. 79)

Contudo, as famílias têm muitas dificuldades em impor limites nas crianças e adolescentes, e estes não aceitam serem regrados. Mundel (2017) afirma que, para muitos professores os pais não estabelecem limites, não educam seus filhos com princípios básicos, como o saber se comportar em determinados ambientes, respeitar os outros e esperar sua vez, tudo isso prejudica o ensino nas escolas.

Sendo assim, a educação inicial, aquela recebida em casa, que representa o alicerce da disciplina em sala de aula, está ruindo, dificultando a adaptação e aceitação às normas impostas pela escola, isso porque as regras

que deveriam ser repassadas em casa não estão sendo, e as crianças chegam à escola sem saber conviver com os limites impostos. Com isso, os alunos que não recebem uma boa educação em suas casas são mais propícios a se tornarem indisciplinados em sala de aula. Todavia, Vasconcelos (1997) afirma ser notório que os padrões de família e sociedade mudaram e isso tem refletido de forma negativa na vida das crianças e adolescentes. Os pais altamente permissivos e a sociedade moderna, onde tudo pode, têm causado grandes manifestações de indisciplina o que vem interferindo na aprendizagem dos alunos e na atividade de docência.

Segundo Oliveira (2005):

A educação oferecida pela família reflete na relação da criança com os colegas e com os professores, podendo gerar atitudes indesejáveis na escola que culminam em desobediência, agressividade, falta de respeito perante aos colegas, professores e outros (OLIVEIRA, 2005, p. 47).

Sendo assim, é essencial que o professor saiba ouvir os alunos sobre suas dificuldades, pessoais ou escolares, tendo em vista que muitas vezes o comportamento alterado seja genuínas demonstrações de desesperanças. O simples ato de escutar e dar mais atenção aos problemas dos alunos pode favorecer em muito o relacionamento e o clima na sala de aula. Batista (2012) demonstrou que uma escola baseada na cooperação cotidiana de professores, familiares e comunidade pode mitigar os problemas enfrentados pelas escolas atuais, incluindo a indisciplina e as lacunas deixadas pelos governos.

Segundo Batista (2012):

O aluno está desinteressado da escola, por isso é cada vez mais importante à escola, o professor, a família e a sociedade caminharem juntas, para assim entender as necessidades desse aluno e supri-las, tornando o sistema de ensino mais atrativo, mais flexível e dinâmico (BATISTA, 2012, p. 43).

Trata-se de um problema educacional que não pode ser atribuído apenas a um dos pilares da formação da pessoa humana, pois tanto a escola como a família têm participação no desenvolvimento dos jovens. Porém, para Casadore e Hashimoto (2012), o grande problema da indisciplina está em culpabilizar apenas dois pilares, a situação estrutural das escolas, que se pauta no baixo investimento direcionado às escolas públicas e nos professores com seus baixos salários, quando na verdade, esses pontos centrais de cada ideia seriam no máximo um fragmento da problemática total.

Segundo Soares (2017):

Com as diversas mudanças ocorridas no padrão de convívio escolar, os complexos geracionais sobre o comportamento dos jovens, associado às novas estruturas econômicas globais, pelo processo de reestruturação produtiva e pelos efeitos perversos da globalização que conjugam déficits cívicos, no plano da legitimação dos direitos e deveres, promovendo a desarticulação das instituições sociais; precarização e flexibilização do trabalho (SOARES, 2017, p. 82).

As grandes frustrações causadas pela indisciplina nas escolas e a vontade incontínua de resolver o problema fazem com que todos tendam a encontrar um único e determinante responsável pelo fracasso escolar esquecendo que essas questões perpassam ambientes e convivências, e não se encontram exclusivamente no ambiente da escola, mas também nas mudanças estruturais ocorridas na sociedade moderna.

Segundo La Taille (1994):

Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por

estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social — a família, a escola, a sociedade como um todo (LA TAILLE, 1994, p. 9).

Verifica-se a importância da função do educador em possibilitar a mediação do conhecimento, enxergar o aluno como sujeito de seu próprio conhecimento, juntamente com a família, ambos contribuindo para o bom comportamento desse indivíduo em todos os seguimentos da sociedade, ele ainda chama a atenção para a importância de um ambiente favorável para o estudo, um lugar propício para que o ensino e aprendizagem aconteçam.

Por conseguinte, é essencial que as escolas trabalhem a questão da indisciplina, pois segundo Mundel (2017): “nas escolas o educador torna-se mediador entre o aluno e o conhecimento, ou seja, possibilita aprendizagem por meio de métodos e recursos que instigue no aluno a curiosidade e a interação com o outro e com os conteúdos propostos” (MUNDEL, 2017, p. 87).

Pensando nisso, essa pesquisa irá procurar conceituar e interpretar as respostas dos entrevistados, alunos, professores e pais, sobre a indisciplina escolar, visando entender a relação do comportamento indisciplinar nas escolas do município de Aroeiras do Itaim com o déficit de aprendizagem que há nesse local para uma possível melhora no ensino. Andrade e Cardoso (2012) consideram que o comportamento de desordem e muitas vezes abusivo tem contribuído para o alto grau de incidência de transtornos psicológicos nos docentes, como a ansiedade e o estresse, o que pode acarretar em afastamentos, licenças, abandono da profissão, precarização do ambiente de trabalho e adoecimento mental propiciando o fracasso no ensino.

Segundo Zechi (2014):

[...] refletindo em mudança na didática das aulas e na maneira de enfrentamento desse entrave pedagógico, tal fato pode ser positivo quando metodologias cansativas e monótonas são alternadas por didáticas atrativas que se aproximam da realidade dos alunos, contextualizando com seus cotidianos (ZECHI, 2014, p. 249).

Sendo assim, é visível o quanto a indisciplina pode abranger um grande número de situações e também como esse conceito varia, seja individualmente, socialmente ou culturalmente. Portanto, com a opinião contraditória dos autores a respeito das verdadeiras causas e das possíveis consequências da indisciplina no contexto escolar fica clara a necessidade de estudos específicos para que seja possível o entendimento e resolução dessa problemática no local.

Normalmente os docentes consideram como os principais atos de indisciplina, o desrespeito às normas do colégio, a perturbação do desenvolvimento da aula, atrapalhar os colegas de classe na atenção demandada à explicação, a não realização de atividades, conversas, uso de aparelhos eletrônicos, discutir com o professor e fazer algo que foge do padrão da aula. Para Moura e Prodócimo (2017), as instituições de ensino devem acompanhar as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. Hoje com as transformações ocorridas na sociedade algumas posturas dos alunos não podem ser interpretadas simplesmente como desordem e insubmissão, mas sim, como autênticos manifestos de descontentamento ou apenas formas de disseminar suas opiniões.

No passado, as instituições escolares tinham como missão básica reunir e confinar os indivíduos em espaços geográficos e psicossociais para serem submetidos àquilo que o capitalismo exigia deles. Por esta razão, o docente no processo de ensino-aprendizagem, era considerado o portador e

transmissor de conhecimento, e os alunos meros receptores, ouvintes e passivos.

Segundo Danetto e Esquinsani (2009):

Frente a este impasse, ensinar (e disciplinar) pessoas que não se propõe a sujeição empreendida pela Escola, cabe à instituição e ao professor buscar gerir de forma consciente o poder enquanto força que emerge nas relações, utilizando-se de instrumentos diferentes dos criados nos primórdios das instituições disciplinares, pois essas ainda conservavam em si a possibilidade de utilizar a violência como recurso reforçador de seu discurso (DAMETTO E ESQUINSANI, 2009, p.9).

Porém, para acompanhar as vicissitudes atuais e as idiossincrasias de cada aluno é preciso adaptar-se aos novos tempos, tendo em vista que os alunos querem ter voz ativa e participação efetiva no processo de ensino-aprendizagem, isso vem crescendo desde que a Constituição Federal brasileira tornou universal o acesso ao Ensino Fundamental.

Segundo Pimenta e Louzada (2012):

[...] o contexto histórico da época era diferente da atual, a escola era para poucos, escola elitista, regime militar, onde só permanecia quem se adaptasse a ela. Escolas extremamente militarizadas no seu funcionamento diário, tendo como metodologia as ameaças e os castigos, assim era obtido o chamado respeito que tanto é desejado hoje. A escola não era obrigatória e se uma criança não estudasse não fazia diferença para a sociedade (PIMENTA E LOUZADA, 2012, p.26).

A partir de então, os conflitos entre os intervenientes da escola só aumentam, acarretando em enormes dificuldades para docentes e alunos, o que impossibilita a evolução das aulas, afeta as relações entre os discentes, funcionários, professores e gestores e prejudica as relações interpessoais.

Todavia, em muitas situações a disciplina é um fator imprescindível para a realização de algumas atividades. Isso ocorre, porque ainda se concebe como uma verdade, que diversas atividades exigem ordem para chegar a um bom termo. Nesse sentido a indisciplina pode causar muitos danos no ambiente escolar, no trabalho docente, mas principalmente pode influir em grandes prejuízos na aprendizagem dos alunos.

Segundo Boarini (2013):

A disciplina é um exercício que se faz necessário em qualquer situação, social ou não. No caso do ambiente escolar, a disciplina é um exercício diário que ocorre no cotidiano da sala de aula. Deve ser construída e administrada no dia a dia por todos os envolvidos na educação. Esse exercício não é um problema para nós educadores. Esse exercício é um compromisso e desafio e faz parte do nosso trabalho (BOARINI, 2013, p.129).

Embora os alunos sejam os mais prejudicados com a indisciplina, toda a comunidade escolar sofre fortes perdas com tal conduta. Entre essas perdas podemos citar o tempo perdido em sala de aula. Além disso, os educadores vêm sofrendo um extremo desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, e pela diminuição da autoestima pessoal favorecendo sentimento de frustração, desanimo e desejo de abandono da profissão.

Segundo Oliveira (2009):

Apesar do tempo em que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e o quanto que isto tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimentos de

frustração, desanimo e ao desejo de abandono da profissão (OLIVEIRA, 2009, p.450).

Assim, quando os professores entram em sala de aula e encontram diariamente a desordem, e a completa falta de respeito, se sentem abandonados, com dificuldades para enfrentar esta situação, o que os levam a nítida sensação de desânimo e desprazer no ato de lecionar, pois se considera incapaz de resolver o problema e mudar esse cenário. Mesmo diante de tantas adversidades, cabe ao professor ser o protagonista da sua história, avaliar e buscar intervenções e soluções para a problemática (CARVALHO; OLIVERA, CARITA, 2016).

Dessa forma, é necessário o professor se valer de medidas para superar o problema da indisciplina, a motivação como uma forma de assegurar a atenção e o bom desempenho dos alunos na escola é uma resolutive, tendo em vista que por meio da motivação os alunos irão sentir-se mais instigados e engajados na realização das tarefas, tornando assim o ensino e a aprendizagem experiências mais prazerosas aos alunos e também aos professores, elevando o senso de pertencimento do educando em relação ao ambiente escolar.

Segundo Banaletti e Dametto (2015):

No processo escolar há a necessidade de o professor desenvolver concomitantemente dois traços, então inerentes: disciplina e motivação. Se o professor realizar atividades que promovam a motivação, sem dúvida terá menos problemas de indisciplina, o aluno motivado dirige sua atenção e as suas ações para a realização das atividades e por consequência, resta menos tempo para o envolvimento do aluno em atividades que comprometam o trabalho desenvolvido e gerem indisciplina (BANALETTI E DAMETTO, 2015, p. 12).

Isso posto, fica notório a necessidade que o tema da indisciplina seja tratado nos cursos de formação de professores, preparando esses profissionais para atuarem de maneira correta dentro da sala de aula. Os educadores, ainda se sentem acuados com o comportamento deletério de alguns alunos que demonstram sua insatisfação com práticas de rebeldia, assim, os processos de formação continuada além de beneficiar projetos que visem à diminuição da indisciplina escolar propiciarão aos educadores, maiores experiências e vivências eficazes no trato com os alunos, podendo elucidar ou, ao menos, minimizar o problema.

Segundo Nunes (2017):

Faz-se necessário uma análise reflexiva uma discussão e uma tomada de decisão urgente acerca da problemática da indisciplina e da desmotivação dos alunos nos dias atuais, bem como fortalecimento de vínculos entre família e escola, e a valorização e apoio ao trabalho do professor (NUNES, 2017, p. 84).

Assim, para essa autora, diante do atual cenário das escolas brasileiras, tendo em vista a necessidade de uma reformar no sistema de ensino, visando atender os anseios e as carências dos alunos do século XXI, é necessário que haja uma tomada de decisão acerca da problemática da indisciplina, bem como a promoção no fortalecimento de vínculos entre família e escola e uma maior valorização ao trabalho do professor.

Segundo Aquino (1996):

A tarefa de educar não é de responsabilidade da escola, é tarefa da família, que ao educador cabe repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda aponta que a solução pode estar na forma da relação entre professor e aluno, ou seja, a forma que suas relações e vínculos se estabelecem aponta também que a solução pode estar no desenvolvimento do resgate da moralidade discente através da relação com o conhecimento e

que esse conhecimento deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade (AQUINO, 1996, p. 98).

Neste contexto, cabe ao educador a responsabilidade pelo ensino e a família pela orientação equilibrada dos filhos, tendo em vista que, de maneira geral, o estudante não acata as orientações ou regras implantadas pela instituição ou pelo professor, sendo este um reflexo da convivência familiar sem a existência de regras ou a colocação de limites pelos pais. Neste caso a tentativa da escola ou do professor pode gerar a rebeldia e a revolta, que levam a comportamentos que visam apenas chamar a atenção. Percebe-se neste sentido a necessidade diálogo entre os atores envolvidos na situação, inicialmente por meio da construção de um regimento interno comum a toda a instituição, como forma de clarificar os procedimentos a serem adotados em cada situação.

Para os professores, o fenômeno da indisciplina nas escolas representa um dos grandes a serem superados por esses profissionais, em função da amplitude com surgem focos de indisciplina em todas as áreas no mundo contemporâneo. Estudos mostram o tempo dispendido em sala de aula para resolver problemas de indisciplina, sendo esta caracterizada de diversas formas por comportamentos dos alunos durante o processo educativo.

Segundo Vasconcellos (2005):

(...) O trabalho do professor do educador é estressante; ele procura um pouco de paz para poder respirar; daí espera o comportamento dócil, passivo do aluno. É claro que esta expectativa se coloca a partir do círculo da alienação em que se encontra, onde seu desejo, alienado, não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a submissão, com a esperança de reencontrar assim o espaço vital que sente falta (...) (VASCONCELLOS, 2005, p.47).

Além das questões relacionadas com os conflitos sociais e familiares e a vulnerabilidade social, a indisciplina envolve também fatores internos da escola, ocorridos em seu interior, a exemplo do relacionamento aluno e professor, porque comumente surge o professor intransigente e que assume a posição de dono da verdade, por meio da imposição e determinação de ordens em sala de aula, tornando-se um fato gerador da indisciplina dos alunos, por revolta e protesto.

Segundo Freire (2011):

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 2011, p.73).

Sob o aspecto da culpabilidade, geralmente se atribui a responsabilidade pela indisciplina dos estudantes às células familiares, ressaltando o descuido e a falta de interesse e dedicação pelos assuntos do jovem, mas também ao sistema de ensino diante da falta de condições mínimas para que um trabalho educativo de qualidade seja desenvolvido, mesmo que seja por falta de formação, carência de infraestrutura e de espaço, deixando de considerar nesta análise a contribuição da escola sobre a indisciplina dos estudantes.

Segundo Scalabrin, Horn e Piaia (2011):

O professor, que assume o papel de mediador, deve refletir também sobre a coerência das regras da escola e do seu planejamento, do currículo, da metodologia e das normas escolares a fim de contribuir na tarefa educativa de formar comportamentos disciplinados nos seus alunos, estando

sempre atento para as manifestações de inquietação, de conversa, de desatenção e até mesmo de agressividade por parte dos alunos, buscando ajuda junto às famílias e junto aos serviços especializados (SCALABRIN, PIAIA E HORN, 2011, p. 6).

No meio educacional, percebe-se como aluno indisciplinado o rebelde e que apresenta desvios de comportamento e falta de respeito em relação a autoridade e cumprimento de regras. As atitudes que o estudante apresente, mesmo que se limite a uma simples inquietação, vem a ser considerado indisciplina, visto que a expectativa é que permaneça quieto, silencioso. No entendimento de Leite (2012), existem inúmeros fatores capazes de interferir na aprendizagem e que se desenvolve na própria escola, dentre eles a percepção dos atores da comunidade escolar sobre a temática da indisciplina, ou seja, o que pensam pais, professores e até alunos a respeito das causas da indisciplina. No espaço da sala de aula, percebe-se a necessidade de identificação das exposições realizadas pelos educadores tratando das atitudes relacionadas com o processo ensino aprendizagem dos estudantes.

Segundo Rego (2001):

A indisciplina na sala de aula não ocorre isoladamente, ela está atrelada a outros fatores que há na sociedade em que o aluno está inserido. Podemos apontar diversos fatores que fazem com que o aluno se torne indisciplinado, dentre eles, os meios de comunicação e principalmente a TV. Nessa perspectiva, parecem compartilhar a ideia de que os alunos são o retrato de uma sociedade injusta, opressora e violenta, e a escola, por decorrência, vítima de uma clientela inadequada (REGO 2001, p. 19).

Pode-se compreender ainda que a indisciplina pode ser também originada pelo desinteresse do estudante e diante da falta de condições dos pais para fazer o acompanhamento e poder conhecer a evolução escolar e

social do próprio filho. Dessa forma, a questão da indisciplina poderia estar relacionada à falta de valorização da escola pelos pais, visto que muitos deles não comparecem aos eventos escolares e não se envolvem com o processo de aprendizagem do estudante, deixando perceptível a interpretação de que os pais acreditam que a responsabilidade pelo comportamento do estudante é apenas da escola. Por outro lado, a escola não procede a uma revisão interna e a questão da indisciplina se desloca para além do seu controle, culpando apenas os pais, sem que haja conjugação de esforços para o enfrentamento problema no ambiente escolar.

III. METODOLOGIAS VOLTADAS PARA O ENFRENTAMENTO DA INDISCIPLINA ESCOLAR

O fenômeno da indisciplina na escola prejudica seriamente a prática profissional do educador e torna instáveis as atividades desenvolvidas pela equipe de apoio pedagógico e pela gestão escolar, gerando a possibilidade conflitos com familiares e responsáveis. Percebe-se a necessidade de que a escola assuma a função de pacificar as relações entre as pessoas envolvidas no processo, utilizando-se do bom senso para a manutenção da harmonia e da ordem no contexto da instituição escolar. A escola inclusiva deve atuar no sentido de preservar os direitos do aluno, mesmo que este não cumpra suas obrigações satisfatoriamente, sendo este um dos maiores desafios dos professores e da escola contemporânea.

As ocorrências de indisciplina na escola evidenciam ainda estudantes que apresentam comportamentos agressivos e mal-educados, demonstrando total descaso com o processo educativo e o trabalho do educador, que, na maioria dos casos não se encontra preparado para lidar com situações dessa natureza, especialmente em relação aos conflitos com os alunos indisciplinados.

Segundo Silva (2004):

Como educar de tal maneira que os pequenos possam respeitar valores como a honestidade, o respeito e a justiça se não conseguimos praticá-los? Como contribuir para que eles sejam disciplinados, isto é, respeitadores de regras e de valores morais e, em consequência, partidários da doçura, se não apresentamos e não praticamos tais valores? (SILVA, 2004, p.64).

O equilíbrio almejado nas relações interpessoais que se verificam no interior da escola depende dos esforços de professores, gestores e equipe pedagógica, para promover a socialização e inclusão de todos os estudantes igualmente, gerando o sentimento de que todos são parte do ambiente da escola. Segundo Silva (2004, p.161) “É fundamental que as crianças, os adolescentes e a comunidade em geral tenham condições de se conscientizarem da sua responsabilidade na preservação da escola. Ela é um patrimônio público e como tal lhes pertence”.

Os obstáculos significativos enfrentados no combate à indisciplina e violência na escola e a procura por soluções e na tentativa de identificar a origem do problema, tem levado educadores, analistas e estudiosos a isentar o jovem e atribuir a responsabilidade apenas aos pais, aspecto que não contribui para resolver a situação. Entende-se que a família também se torna vítima das condições impostas pela vida, mesmo trabalhando excessivamente para garantir a sobrevivência dos filhos.

Segundo Brasil (1988):

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança, ao adolescente ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1988, art. 227).

Sabe-se que a transformação comportamental é algo difícil de obter, principalmente quando se trata de indisciplina na escola. Na análise de Souza (2014), deve-se reconhecer que o desenvolvimento da sociedade ao longo do tempo, assim como o capitalismo que tomou conta de todo o mundo, passaram a despertar para o debate, deixando claro que os resultados obtidos pelo crescimento econômico e liberdade excessiva não contribuíram

satisfatoriamente com mudanças positivas de comportamento. São fatores que acabam contribuindo para o crescimento da indisciplina nas escolas de ensino básico.

Segundo Fante (2005):

[...] um relacionamento marcado pela falta de afetividade positiva e pelos maus-tratos físicos ou verbais influenciará o indivíduo, determinando seu desempenho social e sua capacidade de adaptação às normas de convivência, bem como sua habilidade de integração social. Portanto, as raízes do comportamento agressivo estão fincadas na infância, sendo o modelo de identificação familiar o elemento fundamental para a sua compreensão (FANTE, 2005, p.173).

O processo de transformação de comportamento é complexo e difícil, principalmente diante da dificuldade em se identificar as origens da insatisfação do estudante indisciplinado, podendo ter como causa as relações familiares, as condições de vida ou até mesmo o relacionamento com os professores.

Partindo do pressuposto de que grande parte do nosso tempo passamos no ambiente de trabalho e lá estão as pessoas que fazem parte de nossa convivência, sendo nossa responsabilidade tornar este ambiente o mais agradável possível e apropriado para a aprendizagem dos alunos, sendo a disciplina fundamental que isto seja possível. Sabe-se que a disciplina viabiliza o funcionamento de qualquer atividade, mas também se mostra indispensável para o fortalecimento do respeito e da compreensão, diante da possibilidade de resolução pacífica dos conflitos que podem surgir na convivência entre as pessoas.

Segundo Codo (2006):

O professor pode imprimir o seu jeito, dar o tom e a cor que melhor lhe pareça à aula ministrada, sabendo que serve como


modelo para os alunos e podendo espelhar-se no desenvolvimento dos mesmos. Aqui, a capacidade de empatia não é apenas permitida, ela se faz imprescindível para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra com maior qualidade. O professor não consegue ensinar se não fizer um vínculo afetivo com os alunos (CODÓ, 2006, p.119).

A empatia revela-se fundamental para o êxito das relações no ambiente escolar. Torna-se possível que o estudante indisciplinado venha a assumir a própria culpa por problemas por ele causados, o que significa os primeiros sinais de mudança de comportamento. Trata-se de um processo lento, mas deve-se levar em conta que disciplina pode ser aprendida e deve fazer parte da vida das pessoas como um instrumento que contribui para a construção do conhecimento e promove o bem-estar nas relações humanas. Segundo Souza (2014), a disciplina tem relação direta com os mais diversos objetivos que se pretende alcançar, pois viabiliza acordos, normas, regras, regulamentos, constituindo ambientes onde desrespeito, ofensa e violência não são permitidos.

Segundo Teixeira (2004):

Partimos da escola, percorremos caminhos teóricos que nos levaram até as origens da violência, passamos pelos problemas sociais, culturais e econômicos que a agravam, acompanhamos experiências e tentativas de se lidar com ela dentro e fora da escola e, finalmente retornamos a escola, objeto de preocupação de todos nós (TEIXEIRA, 2004, p. 17).

No ambiente escolar, o relacionamento entre o professor e o estudante pode surgir como causador da indisciplina, quando é conduzido por meio de atitudes autoritárias, metodologia inadequada ou falta de diálogo. Para Amado (2001), muitos alunos identificam comportamentos de professores que estimulam a indisciplina na escola, como por exemplo os métodos de ensino inadequados e atitudes agressivas com os alunos.



Além disso, verifica-se a existência de diversos estilos de autoridade que fazem surgir comportamentos indisciplinados, situações nas quais o educador vem a ser considerado como injusto e incoerente. Neste contexto, considera-se que, para alcançar um aprendizado consistente e significativo, deve existir ambiente e convivência escolar direcionados por limites e regras capazes de regular as atitudes e comportamentos dos atores envolvidos no processo. Para Antunes (2009), trata-se de regras e limites que devem ter propósitos voltados para a boa convivência e não para um ambiente rígido e contrário à liberdade dos alunos. Neste ambiente, ao professor cabe a construção de uma autoridade democrática e reconhecedora da necessidade de dar liberdade aos alunos, de forma equilibrada e constante.

Na mesma direção, destaca-se a necessidade de que todas as regras devam ser elaboradas de forma democrática e coletiva, sem imposição ou por intermédio de um contrato pedagógico caracterizado pela arbitrariedade. É indispensável que haja legitimidade na constituição da autoridade. Azevedo e Fernandes (2012) consideram que a disciplina autêntica se baseia no alvoroço dos inquietos, na dúvida e na esperança que desperta. Dessa forma, os conhecimentos que o educador deve construir em sala de aula com os estudantes para eliminar a indisciplina significa a percepção das diferenças de forma equilibra e bem-humorada, ouvindo calmamente e promovendo a empatia, reconhecendo o próprio erro e agindo com justiça.

O professor ocupa uma posição de destaque no processo de gestão da disciplina na escola, porém, o despreparo do docente para atuar com segurança em situações de indisciplina pode significar um problema gigantes e um enorme desafio, tendo em vista que um comportamento indisciplinado pode representar uma reivindicação dos alunos por mudanças na atuação do professor no ambiente da sala de aula. Torna-se fundamental construir o respeito do aluno pela instituição escolar, para que o mesmo possa valorizá-la e ter prazer em frequentá-la. Dessa forma, Aquino (1998) afirma que a

indisciplina pode significar uma resposta transparente do aluno à indiferença do professor quanto às atividades em sala de aula, pois a partir do comportamento transparente do educador o aluno pode identificar o seu próprio papel no processo educativo e sua importância.

Os métodos utilizados pelos professores na sala de aula podem causar inibição no aluno ou o contrário, podendo ainda provocar comportamentos indisciplinados. Ao educador cabe a responsabilidade de facilitar a aprendizagem e a interação sadia com o estudante. Souza (2015) considera importante salientar que o professor ocupa posição de destaque no gerenciamento das situações de indisciplina na sala de aula, porém todos os esforços não devem se limitar apenas à figura do educador, tendo em vista que a tarefa é atribuição também de outras instâncias que não podem ser excluídas do processo, a exemplo da escola, sociedade e família e o próprio estudante. O docente busca opções que destaquem a importância da disciplina no ambiente escolar, como forma de torna-lo dinâmico e apropriado para a disseminação do conhecimento.

A análise dos métodos usados nas escolas públicas para a construção do conhecimento mostra a imperiosa necessidade de levar em conta o processo de ensino como uma prática educativa formadora, da qual fazem parte muitas dificuldades provenientes da fragmentação dos saberes e da impossibilidade de articulação entre eles, pois o saber se espalha rapidamente. Moreira (2014) ressalta que o educador precisa ser capacitado cientificamente, considerando a ética e as possibilidades de transformação, devendo estar comprometido com as ações práticas, promovendo a aproximação cada vez maior entre o discurso e a prática.

O professor promove a aplicação dos métodos de ensino na escola em direção ao aprendizado, conduzindo os estudantes em direção a reflexões importantes e identificando alternativas que contribuam para a solução de cada problema que surge, levando a um desempenho satisfatório.

Boruchovitch e Bzuneck (2004) afirmam que ao educador cabe a organização do próprio trabalho, incluindo-se aí o estímulo que leva ao aprendizado, tornando-se sujeitos preparados para pensar e obter a capacidade de pesquisa e desenvolvimento da criatividade, interesse e curiosidade, problematizando e buscando soluções adequadas. Este processo se torna realidade quando o docente compreende e aplica o ensino multidisciplinar, atribuindo significado aos conteúdos apresentados.

Nessa direção, pode-se destacar que o planejamento elaborado pelo professor possibilita reorganizar conteúdos e conhecimentos sistematicamente, fazendo com que os alunos possam interagir com seus conhecimentos prévios, agregando um valor pessoal ao próprio aprendizado. Anastasiou, Cavallet e Pimenta (2003) afirmam que o processo de ensino se torna mais democrático quando o professor permite o desenvolvimento dessa prática, que representa uma prática social constituída de complexidade, mas diferenciada em relação às análises individuais e às emoções que desperta.

Neste contexto, o educador continua posicionado no processo educativo como condutor das atividades que levam ao aprendizado, por meio de estratégias desafiadoras para a capacidade dos estudantes e da organização de atividades pedagógicas ajustadas às peculiaridades dos conteúdos, cursos, disciplina e alunos relacionados ao processo, cabendo aos alunos recorrerem à própria capacidade e habilidade para assimilar o que está sendo transmitido.

Segundo Moreira (2014):

É importante que, nas verbalizações expressas pelos professores, torne-se claro para o aluno o significado de aprender determinado conteúdo para atingir os objetivos que almeja alcançar, fazendo com que os estudantes atribuam valores pessoais ao que lhes foi proposto. Dessa forma, encontram significado na aprendizagem, percebendo a

importância de aprendê-lo para o próprio desenvolvimento. Ao atribuir significado ao que se aprende, responsabiliza-se por seu envolvimento e avanços no ato de aprender. Esses comportamentos colaboram para o exercício de autonomia do aluno e pela busca por aprender em profundidade. O professor, por sua vez, ao considerar essas especificidades, se sente desafiado a organizar um trabalho que faça os alunos atingirem os objetivos curriculares (MOREIRA, 2014, p. 17).

O educador estrategista envolve todos os educandos no processo de ensino, contribuindo para elevar a motivação em sala de aula, preservando o respeito às peculiaridades de aluno, tanto em relação à aprendizagem quanto em relação aos conhecimentos prévios que possuam, aspectos que promovem um envolvimento profundo do estudante com o processo de aprendizagem em desenvolvimento. Para Veiga (2004), existe a necessidade de o educador fornecer informações aos educandos em conformidade com a evolução de cada um, contribuindo assim para que haja o senso de responsabilidade e competência e seja construída a autonomia indispensável enquanto cidadão crítico e reflexivo. Trata-se de um nível de motivação que faz surgir no aluno emoções positivas que o desafiam ao aprendizado por meio de atividades que exigem tempo, energia e dedicação, aspecto que gera o engajamento intenso do estudante na atividade apresentada.

A didática e as metodologias fazem as mediações entre a teoria educativa e a prática educativa escolar, essas ciências oferecem conhecimentos que instrumentalizam os professores para a realização da atividade de ensino do conteúdo. Assim os métodos de ensino escolhidos e utilizados pelos professores em sala de aula são grandes responsáveis em criar as condições e estratégias que assegurem a construção do conhecimento, sendo o interposto nos processos de ensino e aprendizagem. Segundo Libâneo (2002), para que seja possível promover o desenvolvimento humano, juntamente com a valorização do conteúdo escolar, surge o desafio

de criar modos de tornar a absorção dos conhecimentos acessíveis e concretos aos alunos.

Segundo Sforini (2015):

Para levar à formação do pensamento teórico, é preciso que o ensino de conceitos científicos esteja assentado em procedimentos didáticos voltados para a apropriação do conceito como atividade mental, o que em muito se diferencia do modelo de ensino conceitual próprio da tradição escolar e materializado em livros didáticos e apostilas (SFORINI, 2015, p. 03).

As metodologias adotadas não devem ser baseadas na memorização de conteúdos, e em um sistema rígido de conduta e de avaliação, os saberes devem ser adquiridos e construídos em um processo contínuo de aprendizagem, ou seja, o aluno deve ser levado a produzir e criar com o intuito de desenvolver seu pensamento, com isso, ele é ativo no processo de ensino-aprendizagem, havendo uma descentralização da figura do professor. Todavia, os métodos de ensino adotados, em muito se assemelham ao modelo jesuítico, baseado na leitura e interpretação de textos pelo professor, e nas anotações e resoluções de exercício pelos alunos.

Segundo Anastasiou (2001):

[...] Quanto ao método de ensino adotado nesse período desenvolvia-se em dois momentos fundamentais, leitura de um texto com interpretação dada pelo professor e de perguntas aos alunos e destes aos mestres. Já aos alunos cabia realizar anotações para serem memorizadas em exercícios [...] (ANASTASIOU, 2001, p. 58)

Muitos professores seguem esse comportamento obsoleto, no qual alunos tem que se manterem passivos e obedientes, com um único propósito de memorizar o conteúdo para as avaliações, no caso de objeções os alunos

seriam submetidos à aplicação de castigos. Assim, Santos (2011) afirma que os professores que utilizam somente a metodologia tradicional, as aulas são centradas no professor, que definem quais serão os conteúdos repassados aos alunos. Nesse método, tem-se como vantagem o fato de o professor possuir um maior controle das aulas, porém tem a desvantagem de propender a aulas cansativas, com nítidas demonstrações de desinteresse pelos alunos.

Segundo Weintraub, Hawlitschek e João (2011):

Um problema do método tradicional a não aprendizagem, “pois há baixa interação entre o aluno e o objeto estudado, pouca promoção de reflexão e problematização [...] também possui a desvantagens, pois se torna difícil para o professor explicar a prática por meio de aulas expositivas, assim como para o aluno se torna difícil pensar na aplicabilidade da teoria exposta (WEINTRAUB; HAWLITSCHKE; JOÃO, 2011, p. 24).

Entende-se que o método tradicional deve ser complementado com outros métodos de ensino. Porém não bastam incluir um novo método para melhorar o aprendizado dos alunos, os professores devem avaliar constantemente os resultados alcançados com esta mudança, para identificar as lacunas a serem ajustadas objetivando um melhor aprendizado.

Contudo, muitos educadores atualmente já vêm modificando seus métodos de ensino, abstendo-se do modelo rígido e adotando técnicas mais dinâmicas e interativas. Nesse caso, as metodologias são baseadas no ensino de parceria entre alunos e professores, isso se deu, “devido visões mais modernas trazidas pelos avanços da tecnologia que facilitou o acesso à informação” (BRIGHENTI, BIAVATTI, SOUZA, 2015).

O método que frequentemente é aplicado como complemento do método tradicional é o construtivista, em que o aluno é o sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem, e o professor age como um agente facilitador no processo que orienta o aluno a buscar e gerar seus próprios

conhecimentos. Para Gomes e Belilini (2009), uma vantagem do método construtivista é que existem diversos meios de consulta ao conteúdo, como livros, internet, revistas, televisão, entre outros, o professor não é o único que tem acesso aos conteúdos da disciplina, contudo existe a dificuldade da condução da turma pelo professor, pois cada aluno possui um jeito próprio de trabalhar. Este aspecto se torna relevante porque o estudante tem a possibilidade de construir o próprio aprendizado, contando com o professor apenas para orientar e dar apoio, mas sem a dependência de acesso aos conteúdos apenas pelo educador, o que se constitui em uma inovação no processo educativo.

Segundo Kruger (2013):

Neste método, o aluno é levado a descobrir o conteúdo a partir de pesquisas, para assim compreender sobre o conteúdo. Com isso, ele é ativo no processo de ensino-aprendizagem, havendo uma descentralização da figura do professor, no qual o aluno deve também ser capaz de construir seu conhecimento (KRÜGER, 2013, p.33).

A vista disso é importante que o professor estabeleça os métodos e técnicas que irá adotar em suas aulas, pois os métodos empregados irá orientar a escolha dos recursos a serem utilizados, com a finalidade de atingir os objetivos propostos, e as técnicas irão fazer a intermediação entre professor e aluno. Assim as metodologias de ensino são destinadas a efetivar o processo de ensino, sejam eles de forma individual ou coletiva. Nesse contexto, Gil (2002) aponta para a importância da definição dos métodos que serão utilizados para o desenvolvimento das atividades escolares, pois de acordo com o autor, muitos professores ainda planejam suas atividades consoantes com o material didático utilizado sem considerar o que realmente é necessário para os alunos, “simplesmente seguem os capítulos de um livro-texto, sem considerar o que realmente é necessário que os alunos aprendam”

não acompanhando as mudanças de paradigmas que os estudantes e a sociedade, em geral, vêm passando.

Diante disso, é notória a falta de criatividade com que muitos professores ainda planejam suas aulas, utilizam sempre os mesmos métodos de ensino e procedimentos de avaliação, deixando nítido que não acompanharam as mudanças e evoluções que vêm ocorrendo, pois continuam com as tradicionais formas de ensinar que já não servem, ou não são tão eficientes como no passado, despertando a necessidade de aprimoramento dessas práticas docentes. Corroborando com essa premissa, um estudo realizado por Nogueira e Bastos (2012), observou que na visão dos alunos, os professores frequentemente fazem uso de recursos como livros e quadro negro em suas aulas, mas dificilmente utilizam outros materiais didáticos como vídeos, Datashow e aulas fora do ambiente da sala, o que, na opinião dos alunos, tornam a escola monótona e desestimulante.

Portanto, é necessário rever constantemente as práticas pedagógicas, visando superar a reprodução de metodologias ultrapassadas e de valorizar a produção crítica e criativa do saber. Essa preocupação com a prática pedagógica deve passar pela análise de professor e aluno, pois ambos são coautores do processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, o objetivo de intervir em ações de desobediência tem a finalidade de colaborar com a convivência, mas não somente isso, além da intenção de amenizar e tentar solucionar o problema desenvolver ações para se reorganizar no processo de ensino aprendizagem.

Nos contextos da indisciplina a intervenção atua como estratégia que compõe diversos métodos pedagógicas sendo por iniciativa da organização escolar ou docente em sala de aula. De acordo com Garcia (2011, p. 3), “Intervenção precisa englobar ações de visão mais ampla, que sejam sensíveis e capazes de considerar as conexões locais e globais daquilo que ocorre dentro da escola”.

A intervenção situada no ambiente escolar é o planejamento desenvolvido por a equipe pedagógica professores e gestores nos quais são desenvolvidas regras claras. Para Parrat Dayan (2008, p. 84), “Há dois tipos de intervenção possíveis. As intervenções centradas no meio escolar e as centradas no indivíduo e sua conduta”. É fundamental que no contexto de indisciplina no ambiente escolar haja ações de intervenção relacionados a atuação dos docentes e as práticas pedagógicas. Que por meio da equipe de coordenação escolar, gestores, e todos que atuem no meio levem a discussão para a comunidade para que possam refletir juntos e buscar meios de amenizar ou até mesmo de solucionar as ocorrências relativas à indisciplina na escola.

É importante que se estabeleçam normas de grupo que conscientizem os alunos sobre as consequências de suas atitudes pessoais e sociais como reflexo para o meio no qual estão inseridos, de modo que o educando possa identificar os problemas e encontrar soluções alternativas junto com a equipe pedagógica e a comunidade para o problema. Nesse sentido a intervenção tem como objetivo trabalhar as competências cognitivas e as condutas educativas do aluno, a intervenção não é no sentido de reprimi-lo, mas trabalhar as competências dos educandos.

Segundo Sandri (2014):

Uma das maneiras de intervir a indisciplina no contexto escolar é acompanhar na elaboração de um projeto institucional que permita tratar os problemas por meio de ações que estimulem a convivência entre todos e não apenas melhorar ou adequar a regulação normativa das relações entre os membros da escola. Toda proposta de intervenção deve incluir ações de promoção da convivência, pois neste sentido podemos fazer incluir propostas diferentes na elaboração das normas escolares por meio de deliberação e da participação de todos, inclusão no programa escolar de espaços de discussão e análise da convivência, a inclusão de espaços de encontro e discussão dos

interesses da família e da escola, a inclusão de espaços de intercâmbio entre os alunos onde possam realizar exposições da produção intelectual, desportiva ou estética (SANDRI, 2014, p. 9).


As instituições escolares possuem suas normas estabelecidas, seus princípios que na maioria das vezes estão relacionados ao uniforme, comportamentos permitidos e não permitidos dentro do meio escolar, entres outros. Desse modo comportamentos associados a indisciplina relativos as normas convencionais muitas vezes estão ligadas a vestimenta, ou um corte de cabelo por exemplo, dentro da instituição escolar.

Entretanto, Garcia (1999) lembra que dentro do meio escolar a indisciplina existe várias correntes teóricas que auxiliam quando pensamos na esfera escolar apresentada nas regras convencionais em relação à indisciplina, recordamos que existem várias correntes que mostram como trabalhar o comportamento dos discentes, dentre as quais há uma evolução histórica do termo que vai mudando a definição ao longo dos anos. De modo que não pode ser considera como fenômeno estático.

Segundo Mesquita, Santana e Oliveira (2016):

Tendo por base as regras morais e convencionais, prevalece-se quando o professor precisa priorizar as regras morais tais como: honestidade, perdão, empatia, visto que elas são usadas no processo de ensino aprendizagem diariamente pelos alunos enquanto as convencionais, são estabelecidas pela escola e às vezes não são cumpridas, contudo o diálogo pode ser proibido, ou ser liberado (SANTANA, MESQUITA E OLIVEIRA, 2016, p. 5).

É importante que haja a participação dos alunos no que diz respeito a construção das normas convencionais vigorerantes dentro do meio escolar, assim os educandos são estimulados a cumpri-las de forma espontânea.



Algumas estratégias são propostas para o combate da indisciplina na escola, no livro “O dia a dia do professor” da revista Nova Escola (2014). O livro traz diálogo que é muito importante com relação a quebra de normas da escola, estratégias muito rígidas ou autoritárias não são o melhor método para tentar combater os problemas ligados a indisciplina, o professor por exemplo não deve apenas culpar o aluno, é importante ouvir e entender as causas que conduzirão certo comportamento por parte do discente, sem falar que se deve ter uma conversa de respeito entre aluno e professor/ gestor, em tom adequado para que o aluno não se sinta constrangido ou submisso diante da situação e tentar evitar surgir algum tipo de revolta, lembrado que qualquer comportamento que seja impetrado dentro do meio escolar não afeta pessoas individualmente, mas o grupo.

Usar estratégias que chamem atenção dos alunos e fujam da monotonia é um fator importante além disso o professor deve ter domínio do conteúdo trabalhado ou como diz, Alfred Adler (1870-1937) “o tédio acaba gerando a falta de interesse por parte do aluno que é confundido com a indisciplina, pois ele acaba procurando outras coisas para fazer” (NOVA ESCOLA, 2014, p. 130).

Estratégias que têm limites como referência muitas vezes é interpretado apenas com sentido negativo, é necessário educar os discentes de forma que saibam até como podem agir e até onde podem ir, incentivar para que tenha um resultado positivo. Em muitos livros encontram-se narrativas que trazem a indisciplina escolar como um fato que está a ligado a diversos fatores sociais como as maneiras que são adotadas nos diferentes ambientes familiares. Existe um exercício que trabalha a autoridade, o aluno tem no professor um reflexo de poder e autoridade que adultos tem sob as crianças, referente aos pais nas suas famílias, e assim tendem chamar atenção dos educadores de maneiras negativa ou positiva.

Segundo Campbell (2015):

Além da culpa e da acomodação, o medo e a insegurança também parecem ser fatores que pesam na questão dos limites. Temendo ser intolerantes ou injustos, muitos adultos não se colocam mais no lugar de autoridade, abrem mão de sua função de educadores, hesitam quando tem que dizer “não” e vacilam em impor limites nas crianças e nos jovens (CAMPBELL, 2015, p.62).

No entanto essa atribuição de poder pode causar conflito entre pais e docentes, uma vez que muitos pais, quando atribuem certa autoridade, também querem a medida que lhes convir retirar essa autoridade, os limites nem sempre são vistos de forma positiva por alguns pais, assim o professor tem a necessidade e precisa pôr certos limites para que as aulas aconteçam da melhor forma, mas para os pais nem sempre estes limites são vistos com bons olhos. A indisciplina é entendida de maneiras diferentes são diversas as concepções que os pais têm a respeito e isso leva em conta fatores ligados a família, escola, educação, contexto socioeconômico e cultural entre outros. Entende-se que o professor ao considerar as histórias de vida e experiências anteriores do aluno, pode evitar diversos problemas e frustrações indisciplinares.

IV. INDISCIPLINA E APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO BÁSICO

Os níveis de indisciplina verificados nas escolas públicas mostram a necessidade de que seja evidenciada a importância de trabalhar no ambiente escolar as relações de indisciplina e aprendizagem dos alunos, durante o período de formação acadêmica. Para isto, o diagnóstico da educação atual sob este enfoque mostra que um processo disciplinar interativo e consciente na escola pode ser alcançado, desde que a instituição escolar e os educadores adotem procedimentos voltados para a prática de variadas formas de organização da sala de aula e da escola como um todo, levando em conta a inexistência de receitas prontas para o enfrentamento da indisciplina escolar, a adoção de práticas já existentes e princípios teóricos metodológicos capazes de contribuir para a valorização do corpo discente da escola.

Segundo Rampazzo, Steinle e Vagula (2009):

Nesse contexto, é preciso resgatar a imagem do professor e valorizar o seu importante papel na escola e na sociedade. O professor deve ensinar o aluno a aprender a aprender, deve promover a formação de um aluno ativo, sujeito da sua ação. Para que isso ocorra, é preciso que o professor seja integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, produtor de conhecimento e comprometido com as mudanças do seu tempo. Entretanto, se a sua prática for conservadora, irá contribuir para a manutenção dos valores tradicionais da sociedade e pouco poderá avançar na formação de alunos críticos. Sendo o professor um agente de mudança, e sabendo que toda inovação encontra resistências que exige a organização, podemos nesse processo enfatizar a importância

do planejamento de ensino, como fundamento de toda ação educacional, como forma de gerenciar as mudanças (RAMPAZZO, STEINLE e VAGULA, 2009, p.23).

Percebe-se a necessidade de que a instituição escolar, constituída por educadores e demais atores envolvidos no processo educativo, tenha condições de construir objetivos concretos nos diversos níveis que compreendem o processo de estudo, de conteúdo, de plano de aula, no intuito de preencher o vazio de sentido que se verifica na prática pedagógica em vigor. Neste sentido, Vasconcelos (2009) avalia que as atividades que envolvem projetos didáticos são muito importantes no processo, em razão de possibilitar uma projeção para outra realidade, construída por transformações realizadas por alunos e professores no cotidiano da escola.

No intuito de trabalhar a indisciplina e fortalecer a aprendizagem dos alunos, considera-se que o projeto político pedagógico da instituição escolar deva ser construído de forma democrática e participativa, envolvendo todos os atores que constituem o processo educacional, em busca do comprometimento e envolvimento de todos os que contribuem para que este se desenvolva. “O projeto revela as possibilidades educativas e, de outro lado, dá sentido aos limites que preservam a vida e ajudam a crescer. Os valores e intencionalidades expressos no projeto ajudam a descobrir ou criar possibilidades para a ação” (VASCONCELLOS, 2009, p. 148).

No contexto da sala de aula identifica-se a grande necessidade de ressignificação da prática em vigor, inovando no sentido de promover a emancipação, por meio da incorporação de novos personagens e elementos, excluindo a possibilidade de imposição autoritária de conteúdos e possibilitando o debate e a contradição, oferecendo ao estudante a possibilidade de construção do próprio conhecimento, o que exige do educador muita segurança em relação ao que pretende levar ao seu aluno,

aspecto que favorece a aprendizagem significativa e a criação de um ambiente saudável para a prática pedagógica e aquisição do conhecimento.

Segundo Araman (2009):

Sabe-se da importância do entendimento global do aluno em formação para o trabalho em prol de um desenvolvimento satisfatório em termos emocionais, cognitivos, pedagógicos e sociais. A criança passa grande parte de sua vida na escola e lá desenvolve e demonstra muitas de suas habilidades e limitações. É provável que fragilidades emocionais fiquem à mostra na escola. É comum que problemas externos à classe enfrentados pela criança interfiram em seu rendimento escolar cabendo ao professor, quando possível, detectar e denunciar que algo não está bem (ARAMAN, 2009, p.145).

No processo de aprendizagem significativa, a participação da família na construção do projeto político pedagógico da instituição escolar revela-se importante para o melhor direcionamento do processo pedagógico, tendo em vista que a criação de vínculos entre escola e família favorece e consolida a disciplina em sala de aula e traz grandes benefícios para a aprendizagem.

A indisciplina escolar vem sendo foco de muitos estudos e isso ocorre porque a indisciplina nas escolas é um dos maiores problemas a serem resolvidos, além de tornar o trabalho docente mais difícil está diretamente ligado ao número considerável de reprovação e evasão escolar, portanto, identificar as causas e consequências da indisciplina nas escolas poderá facilitar o trabalho do docente e proporcionar o sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Banaletti e Dametto (2015):

As instituições escolares enfrentam múltiplos problemas preocupantes, dentre eles, a indisciplina dos alunos. Pode-se identificar que a mesma é um dos grandes desafios a serem enfrentados pelos professores, que em diversas circunstâncias,

não sabem como atuar perante essa questão que abrange a todos os envolvidos no processo educativo e que causa inúmeros prejuízos para o processo de escolarização (BANALETI E DAMETTO, 2015, p. 1).

Neste contexto, entende-se que os docentes são a pilastra da educação, os modelos a serem seguidos. Abou (2004) afirma que durante o curso de formação, os professores deveriam adquirir conhecimentos das principais tendências teóricas sobre educação, para fundamentar sua prática pedagógica diante do comportamento indisciplinar dos alunos.

A atuação docente inadequada em sala é a principal causa da indisciplina, pois diante de tantos atrativos para os discentes, como internet, celulares modernos e jogos, aulas apazíveis se fazem necessárias nos dias de hoje. O professor bem preparado, que domina seu conteúdo, tem muito mais chance de lançar mão de estratégias eficientes para ensinar seus alunos. Caso contrário, a aula se tornará uma punição e o aluno buscará algo mais interessante para fazer, o que impulsionará a indisciplina em sala de aula.

Contudo, as causas da indisciplina estão vinculadas a problemas que não cabem somente à escola ou a professores, mas envolve outros seguimentos da sociedade, como a família e a comunidade. Para essa autora, a indisciplina é um problema social que vem se agravando e dificultando a relação professor x aluno x conteúdo.

Segundo Tavares (2012):

As causas da indisciplina estão vinculadas a problemas que não cabem somente à escola, mas envolve a família e a comunidade. É um problema social que vem se agravando e dificultando a relação professor-aluno. As consequências são: o baixo rendimento escolar e a insatisfação dos profissionais de educação (TAVARES, 2012).

Diante disso, torna-se fundamental reconhecer a importância da parceria entre família, escola e sociedade, que esses segmentos devem estar interligados em mutualismo, tendo em vista que o sujeito é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, portanto a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também por meio da família, dos amigos e dos meios de comunicação. Sendo assim, os autores concluíram a relevância de que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos.

Segundo Sousa e Filho (2008):

É impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos (SOUSA E FILHO, 2008, p. 1).

A parceria entre familiares e as instituições de ensino devem ser estabelecidas e aprimoradas, pois esses dois pilares tem a responsabilidade de formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com uma perspectiva de um futuro promissor. Para tanto, Maimoni e Miranda (1999) concluíram que a família deve participar da vida educacional do estudante, visitando a escola, conversando com professores, acompanhando as tarefas e trabalhos escolares e estabelecendo horários de estudos.

Os pais devem fornecer os primeiros ensinamentos sobre uma boa conduta, devem mostrar interesse pelos assuntos da escola, assim diante dessa postura a criança se sente cuidada, protegida e procura se tornar mais

responsável, já à escola deve fornecer princípios e conhecimentos que o tornará um cidadão crítico e capaz de desenvolver seu papel na sociedade.

Segundo Scalabrin, Horn e Piaia (2011):

A não aprendizagem pode ocasionar também um sentimento de vergonha, reforçado pelo desprezo e pela humilhação manifestada pelos colegas e professores. A incapacidade sentida pela criança de ser reconhecida pelo grupo pode acarretar em comportamentos inadequados para chamar a atenção, como por exemplo, fazer rir, exibir provas com notas baixíssimas, dizer besteiras, etc. Tal comportamento pode levar a rejeição escolar e a falta de investimento por parte da criança para as aprendizagens escolares (SCALABRIN, HORN E PIAIA, 2011, p. 3)

Embora o modelo familiar tradicional esteja mudando com o tempo, a família continua sendo o primeiro vetor de conhecimentos e aprendizagens para o sujeito em formação. É por meio da família que as crianças têm os primeiros contatos sociais e experiências educacionais, o que irá influenciar no comportamento, na maneira de ser, de falar e de enxergar o mundo, interferindo diretamente na personalidade da criança. Portanto, a estrutura familiar tem impacto importante no desenvolvimento das habilidades sociais.

Segundo Vieira et al (2015):

É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e nos situarmos nele. É a família formadora de nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ponto a quem aprendemos a nos referir. É nessa instituição, pois, que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras dos valores vigentes na sociedade. Ao se constituírem nas primeiras referências e figuras da autoridade, os pais se tornam responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Ao assumir esse papel formador, a

família participa com a escola de um projeto comum, que é o da formação/educação da criança e do adolescente. (VIEIRA et al. 2015, p. 37)

Com isso, percebemos que o papel da família é guarnecer o conhecimento básico, talhando o comportamento e o desenvolvimento moral da criança. Isso é, famílias agressivas e restritivas tendem a formar pessoas também agressivas e com isolamento social, já as famílias que incentivam seus filhos, os respeitam e encorajam, tendem a formar crianças mais confiantes e com habilidades sociais. Dessa forma, a maneira que os pais tratam as crianças, o carinho envolvido na relação nos anos que antecedem à escola é primordial para o aprendizado e conduta escolar.

Segundo Scalabrin, Horn e Piaia (2011):

Quando a família não consegue ajudar e demonstra sua decepção com o rendimento insatisfatório, cobrando uma aprendizagem, a criança pode entender tais reações como ausência de amor, pensa que não é mais amada por seus pais e passa a adoecer para garantir a atenção deles. Se a criança “doente” se afasta da escola por uns dias fica mais difícil ainda para ela o retorno, pois se sente como um estranho e pode reforçar ainda mais o sentimento de exclusão (SCALABRIN, HORN E PIAIA 2011, p. 3).

Todavia, também são apontados como causa da indisciplina escolar a não inclusão dos alunos na participação da construção das normas que nortearão as aulas. Muitas vezes os estudantes consideram as normas das escolas inválidas ou desnecessárias, nesse caso os alunos precisam entender o regimento escolar, fazer parte da criação das regras, determinar o que parece justo para eles, conhecer o significado e a importância da criação das normas. Quando essas ações são implantadas tendo a validação dos alunos, fica mais fácil respeitá-las com rigor.

Segundo Oliveira e Torres (2017):

Os fatores causadores da indisciplina escolar não são da responsabilidade de algo ou alguém, pois existe uma dimensão multifatorial relacionada a esse problema em sala de aula. Para amenizar esse cenário no contexto escolar, torna-se essencial capacitar os professores e buscar parcerias da família e de segmentos da sociedade para provocar mudanças nos problemas relacionados à indisciplina dos alunos. (OLIVEIRA E TORRES, 2017, p. 13)

No enfrentamento à indisciplina, além da participação da comunidade, família e escola, é importante incluir melhores condições de trabalho e investimento na educação pelos governos. Contudo, esse mesmo estudo chama a atenção para a importância de um professor altamente qualificado e propício ao diálogo com os alunos no contexto pedagógico.

Portanto, mesmo considerando a gestão escolar e os professores como o setor social mais capacitado e comprometido na busca de alternativas para possíveis soluções aos problemas de ordem disciplinar, as escolas não podem ser vistas como as únicas responsáveis pela educação, é necessário que o entorno escolar também participe, por meio de diálogos, sugestões ou simplesmente visitando as escolas para que seja possível reinventar a educação e as relações pedagógicas.

No contexto da educação, a problemática da indisciplina escolar não se revela como um fenômeno estático e que apresenta as mesmas peculiaridades durante os últimos anos. Ao invés disso, apresenta evolução nas instituições escolares, bem como novas características em relação a décadas passadas, originando-se a partir de causa variadas, e não apenas de uma única ou principal.

Situações de indisciplina, embora envolva uma única pessoa, geralmente provém de um conjunto de motivações diversas, refletindo várias

causas combinadas de maneira complexa e que se constitui no perfil da indisciplina evidenciada, devendo ser compreendida pelos educadores para melhor enfrentamento. Araújo e Mendonça (2015) afirmam que a indisciplina vem crescendo cada vez mais no ambiente escolar, contribuindo para aumentar o estresse nas interações entre as pessoas, especialmente quando envolve as situações em sala de aula.

Ao longo do tempo vem sendo possível constatar que a indisciplina na escola vem se tornando cada vez mais um problema de proporções consideráveis na aprendizagem dos alunos, trazendo claros prejuízos para a prática profissional do educador e para o processo de aquisição do conhecimento pelos estudantes. Aquino (1998) afirma que a indisciplina e o desempenho insatisfatório dos estudantes refletem dois grandes problemas no processo educativo da contemporaneidade, por serem produtores de insucesso na escola e de problemas gigantescos para o trabalho dos professores, tornando-se, por isso, motivo de análises constantes entre os atores que fazem a educação, envolvendo inclusive a comunidade e tornando o assunto presente nas reuniões que envolvem pais, professores conselhos escolares. Trata-se de um problema educacional que se faz presente em todo cenário educativo do país, trazendo grandes preocupações para pais e professores de escolas públicas e particulares.

Segundo Ruotti (2007):

Não basta mudar o comportamento de alguns alunos se não houver apoio mais amplo dentro das escolas, pois se a intervenção for bem-sucedida e os alunos mudarem de comportamento eles não terão como exercitar esse novo roteiro de condutas estando na contramão das normas dos colegas (RUOTTI, 2007, p. 19).

O aumento da indisciplina no ambiente escolar mostra que sua origem está na falta de estrutura familiar, atuação e metodologia dos

educadores, inconsistências no currículo das escolas que não contempla a realidade da escola, do aluno e da comunidade, falta de capacitação dos docentes para administrar conflitos e situações de indisciplina na sala de aula. Magalhães (2015) afirma que o fenômeno da indisciplina na escola não é reflexo de motivações isoladas, mas sim de vários aspectos e influências que atingem o jovem em seu cotidiano. Percebe-se a família responsabilizando apenas a escola por essa problemática, tornando-a foco de críticas pela indisciplina dos alunos no ambiente escolar.

Segundo Munhaes (2015):

Diante disso, é possível fazer algumas reflexões sobre a maneira como ocorre a formação plena do educando, se ocorre sob os princípios que a escola adota, se estes estão pautados no respeito, reciprocidade e justiça, se a escola tem procurado, com êxito, garantir qualidade no ensino, contribuindo para o estímulo a comportamentos disciplinados conscientes, por meio de propostas metodológicas que estimulem a capacidade dos alunos, com espaços adequados, distanciando-se de uma pedagogia repressora que prioriza a obediência, pelas vias da ameaça e punição, sem o diálogo, em que conhecimento e ensino estão centrados na figura do professor (MUNHAES, 2015, p. 51).

Neste contexto, os professores e a instituição escolar não contribuem para a formação plena do cidadão, quando fortalecem a estrutura de poder disciplinar da prática pedagógica, estimulando sim a docilidade da pessoa e a aceitação passiva de tudo que lhe for proposto. Trata-se de um ambiente em que são eliminados os “[...] fragmentos significativos e acontecimentos diversos que podem ser acolhidos da riqueza cotidiana das escolas” (PASSOS, 1996, p.123).

Percebe-se claramente uma significativa diferença comportamental nos alunos quando se divertem fora do ambiente escolar. Suas peculiaridades

e valores se destacam no ambiente dinâmico do meio social em que vive e a indisciplina adquire significado quando entram no meio escolar, ao se depararem com um ambiente estático e sem vida, constituído pela resistência e rigidez, totalmente diferente do local em que se diverte com prazer. Dessa forma, “os próprios alunos vão impondo à escola a necessidade de mudança” (PASSOS, 1996, p. 123).

Verifica-se então um espaço significativo entre o interior da instituição escolar e o seu exterior, embora devesse existir o máximo de integração das diversidades que se comprova existir nesses dois mundos, onde o conhecimento proposto pela escola pudesse interagir com as experiências trazidas pelos estudantes, no entanto, fica clara uma tendência para o distanciamento do que poderia significar aproximação e enriquecimento do processo educativo. Munhaes (2015) demonstra que o início da carreira acadêmica dos alunos transcorre sem turbulências, onde o aluno ainda preserva sentimentos de companheirismo, solidariedade, que acontecem e se desenvolvem enquanto brincam e interagem com os demais colegas.

Porém, ao chegar à adolescência que coincide com o ingresso no ensino médio, normalmente, são verificados os mais diversos conflitos, em função da resistência dos estudantes em aceitar passivamente imposições representadas por conteúdos curriculares se mostram sem sentido e incompatíveis com sua realidade. Percebem que seus conhecimentos anteriores não são valorizados e incorporados pela escola no processo de aprendizagem. Além disso, os jovens passaram fácil acesso aos recursos tecnológicos e isto possibilita a obtenção de informações e conhecimentos em forma de diversão e ludicidade e estes aspectos deixam clara a necessidade de transformações na escola e nos atores que compõem o processo educativo, relacionadas com o processo pedagógico e com as relações humanas, pois os

jovens apresentam são resistentes em aceitar um ambiente disciplinar baseado no exercício do poder e da imposição.

Segundo Tavares (2012):

A atuação do professor deveria ser de transmitir conhecimento, ensinar conteúdos, preparar os alunos para a vida em sociedade propiciando-lhes mecanismos que os levam a pensar, agir criticamente, de forma inteligente e assim escolher o melhor caminho rumo a um futuro promissor. É para essa função que o professor é preparado nas universidades, mas a realidade que se tem hoje nas escolas é outra. A função real do professor ficou em segundo plano, dando espaço para que entre em ação outras funções atribuídas (erroneamente) ao professor, que é de psicólogo, amigo e até mesmo, agir como pais em determinados momentos, dando aos alunos carinho e atenção que lhes faltam em casa (TAVARES, 2012, p. 20).

Em sentido prático, os educadores concluem a graduação trazendo presentes os conteúdos ali ministrados teoricamente, mas a realidade concreta mostra uma situação diferente, ausente da teoria apresentada na universidade, onde existem estudantes desmotivados, desinteressados e indisciplinados, cujos comportamentos promovem a turbulência em sala de aula, prejudicando o trabalho do educador como transmissor do conhecimento. Sendo assim, o profissional da educação deve ser inovador e criativo, identificando novas formas de promover a aprendizagem, dando oportunidade para que o conhecimento seja construído por meio da mediação do professor, como elemento merecedor do respeito dos alunos. De outra forma, não será possível alcançar a construção do conhecimento proposta pelo sistema de ensino do país. A conquista da autoridade em sala de aula pelo professor torna-se indispensável para haja ordem e respeito no ambiente escolar.

Sabe-se que todo professor deve ser conhecer do cotidiano dos estudantes, por ser nesse ambiente que o estudante tem seus instintos revelados, assim como as tendências para a indisciplina. Freire (2011) assinala que a prática da indisciplina não tem origem apenas em alguns aspectos, mas em variada quantidade de influências que são direcionadas para o jovem no período de seu desenvolvimento, ficando clara muitas vezes a falta de orientação a respeito do agir do professor nessas situações e cada um agindo principalmente da forma que mais lhe convém, com o uso apenas da experiência e do bom senso.

Segundo Mendonça e Mendonça (2009):

(...) A partir do momento em que o aluno tem a oportunidade de falar e é ouvido pelo professor, sua postura se transforma em sala de aula e o respeito mútuo surge como elemento fundamental na construção da aprendizagem e da disciplina. Quando o professor ouve o aluno, demonstra respeito por ele, a recíproca será mera consequência. De início, em uma sala onde os alunos não aprenderam a dialogar, haverá um pouco de tumulto, pois, quando questionados pelo docente que encaminha as discussões, todos falarão de uma só vez. Nesse momento, o responsável precisará intervir, esclarecendo que, para todos serem ouvidos, é necessário que enquanto um fala o outro ouça, respeitando o colega. Em poucos dias, o professor colherá o fruto de seu trabalho e haverá harmonia no grupo. (MENDONÇA E MENDONÇA, 2009, p.82).

Nessa direção, pode-se considerar que o educador deve se manter preparado para orientar os estudantes na melhor qualidade possível, independente de condições oferecidas pelas instituições. Trata-se de uma situação em que se verifica a escolha política por uma educação de qualidade, pois não é suficiente ser educador, mas é imprescindível tornar disponível ao estudante uma aula agradável e atraente, validando os conteúdos apresentados em consonância com a realidade, fazendo valer a pena o tempo

dedicado aos estudos. A análise do comportamento de um educador frente a um estudante agressivo permite ressaltar que a primeira iniciativa é leva-lo para a diretoria, aspecto que contribui para a diminuição de sua própria autoridade, em função da transferência de autoridade que aí se verifica, podendo resolver a maioria das situações sem o envolvimento de outras pessoas.

Assim, a escola tem condições de contribuir para que seja fortalecida a prática pedagógica do educador, através de condições favoráveis para uma boa atuação, possibilitando a coordenação adequada do trabalho com os estudantes, no qual o professor deve evitar excessos que venham a comprometer a qualidade da aprendizagem proposta. Tavares (2012) avalia que o educador necessita de preparação para o atendimento a esse novo tipo de estudante, que exige melhor desempenho no planejamento das aulas. Além do domínio do conteúdo, observa-se a necessidade de diversificação de metodologias que viabilize o alcance ao maior número de alunos possível, aspecto decisivo no sentido de direcionar recursos importantes para a construção da aprendizagem em sala de aula.

A maior problemática relacionada à indisciplina dos estudantes no ambiente escolar está na falta de habilidade de muitos educadores para lidar com ela, tendo em vista que as atitudes ou comportamentos violentos e agressivos certamente são decorrentes de ansiedades, preocupações e angústias mal resolvidas e os educadores são conhecedores dessa situação, quando constatarem que os alunos trazem problemas de casa. Araújo e Mendonça (2015) afirmam que o problema se intensifica porque frequentemente os educadores não consideram estas causas ao lidar com uma situação de indisciplina. Muitos educadores se agitam, falam mal, reclamam, são autoritários com os estudantes, colocam para fora da sala de aula, quando a melhor alternativa seria o diálogo e a demonstração de interesses por seus problemas e disposição para ajudar.

Segundo Tavares (2012):

O aluno deverá ser motivado a aprender com métodos e técnicas que o remetam ao seu dia a dia, esse aprendizado deverá mostrar ao aluno a importância do conhecimento para seu próprio benefício e talvez do outro. O professor, além de estar bem preparado com seu conteúdo e um ótimo plano de aula, precisa ter suporte didático para desenvolver com eficiência o seu trabalho. O apoio pedagógico, materiais didáticos e estrutura escolar adequada são condições mínimas que se esperam de uma instituição escolar, ou seja, as condições de trabalho oferecidas aos professores deverão proporcionar a eles uma facilidade para que consigam envolver o aluno de maneira que ele goste de estar no ambiente escolar e assim construir o seu conhecimento com prazer (TAVARES, 2012, p. 15).

Neste contexto, pode-se considerar que para que seja efetivada a aprendizagem dos estudantes de hoje, os recursos ofertados pelas escolas não se mostram atrativos, pois se verifica fora da instituição escolar a existência de inúmeras fontes de informações que se apresentam bem mais atrativas, tornando ainda mais complexa a prática profissional do professor, que certamente não foi formado para trabalhar com desrespeito e falta de educação e violência que acontecem nas salas de aulas. Nos cursos de formação inicial, as universidades preparam para o exercício da profissão enfatizando apenas o plano de aula e os conteúdos a serem apresentados.

Portanto, considera-se que o trabalho do educador de forma inconsequente e inadequada também pode vir a ser mais uma causa de indisciplina escolar. Dessa forma, as aulas atrativas e lúdicas, que consideram a realidade do estudante e suas preferências enquanto crianças e adolescentes, são indispensáveis na educação contemporânea, tendo em vista que internet e celulares modernos podem ser adquiridos facilmente e representam uma atração fortíssima para a juventude. Assim, quando o

educador se mantém preparado e inteirado das novas tecnologias passa a ter maiores possibilidades de alcançar êxito no trabalho de educador.

O sistema de ensino que norteia a atuação do educador, assim como a estrutura oferecida pela escola representam fatores fundamentais para que seja concretizada a aprendizagem o aluno. O educador deve estar bem preparado em termos de conteúdo e plano de aula, devendo dispor um suporte de qualidade para o desenvolvimento competente de sua prática pedagógica, onde as condições de trabalho disponíveis adquirem substancial importância, porque devem possibilitar ao educador a condições ideais para o envolvimento do estudante levando-o a valorizar o ambiente escolar e construir o próprio conhecimento com prazer.

V. INDISCIPLINA ESCOLAR E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade, o cotidiano escolar é cada vez mais marcado pela indisciplina dos estudantes, gerando alertas e preocupações para a identificação de soluções para os problemas trazidos por ela. Dentre as dificuldades que se verificam no ambiente escolar, certamente a indisciplina figura entre aquelas que geram maior preocupação aos pais e aos educadores, em virtude de comportamentos como não prestar atenção na aula, não cuidar dos materiais, não fazer as atividades de classe, além do desempenho escolar deficiente. As atitudes de indisciplina são caracterizadas por não seguir as regras da instituição escolar e gerar desordem num ambiente volta para a aprendizagem. Sendo assim, pode significar a desobediência às normas estabelecidas, o que gera desequilíbrio e desordem nos relacionamentos entre as pessoas, evidenciando posicionamentos antagônicos entre a prática pedagógica do educador e o que o estudante faz no contexto escolar.

Segundo Lima (2017):

Pouco se investiga na escola sobre aquilo que o aluno traz de seu contexto de vida, seus interesses, motivações e necessidades. Das crianças são esperados na escola comportamentos que nem sempre condizem com os padrões culturais de sua comunidade, embora a sociedade brasileira seja diversa e cheia de contradições. A melhor forma de lidar com a diversidade que elas trazem é explicitando-as, compreendendo-as e respeitando-as como diferenças que enriquecerão o grupo. A escola deve estar a serviço de todas as crianças que ali ingressam e só será capaz de fazê-lo quando incorporar esta diversidade à sua cultura (LIMA, 2017, p. 3).

Deve-se destacar também que a distância e a falta de conhecimento da realidade vivenciada pelo estudante podem vir a influenciar os comportamentos rebeldes e indisciplinados na escola que levam ao descumprimento das normas. As regras devem ser claras e guardam sintonia com a realidade dos estudantes, para que façam sentido para eles e possibilitem o seu cumprimento, tendo em vista que a falta de clareza quanto ao que o aluno deve cumprir pode contribuir para a indisciplina. Moraes e Bedin (2017) afirmam que, ao entrarem no ambiente escolar os estudantes se deparam com uma nova cultura que é a da própria escola, podem influenciar e ser influenciado por ela. Passam a conhecer e conviver com a figura do educador, portador de características próprias e que procurar desenvolver sua prática de forma autônoma. Este é o cenário em que surge a indisciplina no comportamento do estudante, quando resistem a novas culturas e ambientes, como também à figura do educador, que passa a representar limitações que não conheciam até então.

Segundo Sousa (2016):

A ideia de indisciplina na escola, na realidade brasileira, acompanha a vida escolar desde as primeiras práticas de ensino, com a criação da primeira escola no Brasil, pelos jesuítas. Estudando o desenvolvimento histórico da educação no Brasil, aprendemos que o marco da História da Educação foi o ano de 1549, com a chegada dos primeiros jesuítas, que vieram com uma missão: a de civilizar os nativos - promover a conversão dos gentios à fé católica. Para que isso acontecesse de forma organizada e sistemática, foram criados colégios, escolas e seminários (SOUSA, 2016, p. 33).

No cenário da modernidade torna-se necessário evidenciar as formas como as pessoas se desenvolvem e não apenas as suas deficiências, sendo necessário que sejam vistas e destacadas as situações em que os alunos se envolvem e se tornam sujeitos de sua própria aprendizagem, ao invés de

tornar evidente apenas os erros ou insuficiências. Isto mostra que a instituição escolar deve enfatizar as maneiras como ocorrem o desenvolvimento do aluno e suas particularidades, sem que se tornem evidentes apenas aspectos negativos de sua atuação. Fica clara a importância de analisar situações desagradáveis como insuficiências que devem ser compreendidas, trabalhadas e superadas.

Dessa forma, a proposta de atividades alinhadas com a realidade do estudante proporciona a oportunidade de sua participação de forma espontânea e criativa, tendo a ocupação do seu tempo voltada para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Morais e Bedin (2017), reduzir a indisciplina depende de transformações significativas no processo educacional em todos os níveis, com vistas à construção de uma escola democrática, onde o aluno seja o centro dos esforços e atenções.

Segundo Rebelo (2011):

O aluno com cultura diferente da transmitida na escola, sentindo-se excluído, sem espaço para pronunciar o seu mundo, é levado a acreditar que existe apenas uma maneira correta de se viver, que não é a sua. Com isso, a sua identidade e perspectivas de um futuro melhor diminuem e, “não tendo nada a perder”, denuncia a discriminação da qual é vítima por meio de atitudes incômodas entendidas por essa concepção como indisciplina (REBELO, 2011, p. 49).

Alcançar a eficácia no processo educativo requer que a instituição escolar tenha a devida compreensão de como o estudante desenvolve seu entendimento sobre os mais variados assuntos. Tratando-se de conceitos, sabe-se que os mesmos não são interiorizados simplesmente por meio da assimilação e compreensão, tendo em vista ser este um habito mental difícil de ser aprendido através de treinamento. Sousa (2016) assinala que a indisciplina na escola não se revela apenas por comportamentos ativistas,

mas envolve ainda atitudes passivas que podem significar uma denúncia causada por um incômodo social ou pelo tipo de educação da qual participa, que não coincide com seus anseios. Diante disso, a instituição escolar tem a responsabilidade de promover a reflexão sobre as ocorrências internas e procurar dialogar com as partes envolvidas no processo, principalmente alunos e professores, partindo daí para a implantação de modelo de trabalho que leve em conta a realidade de cada estudante, sem imposições ou arbitrariedades.

Portanto, é de grande importância que a escola institua regras e normas dentro da escola e sejam divididas com pais e alunos, pois a indisciplina precisa ser freada. Faz-se necessário para todos abrangidos na sociedade ter conhecimento para lidarem com os conflitos adequadamente e contribuírem para a elevação da pacificidade dentro e fora da sala de aula priorizando, sempre, o diálogo entre todos os envolvidos com a educação.

Segundo Vasconcellos (2009):

[...] a disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais e coletivos. Pode haver divergência quanto à concepção de disciplina, mas, com certeza, sua ausência inviabiliza o crescimento do sujeito, uma vez que a aprendizagem, especialmente a escolar, é um processo rigoroso, sistemático, metódico (VASCONCELLOS, 2009, p. 25).

Dessa forma, considera-se importante que o ambiente escolar disponha de condições favoráveis e adequadas, não apenas no sentido físico, mas envolva também as relações e a afetividade que ocorrem no espaço das escolas, que têm uma função relevante no processo educativo, no sentido de contribuir para que os estudantes venham a alcançar os propósitos da

educação quanto à formação de cidadãos livres e críticos no ambiente social em que vive.

Assim, oferecer ao aluno condições favoráveis a que se torne um sujeito ativo na comunidade em que vive, como também aumentar sua capacidade de socialização, no sentido de melhorar sua capacidade de interagir com os demais colegas, incluindo o professor. Estes aspectos favorecem a disciplina no contexto das escolas de ensino básico. Lopes e Gomes (2012) evidenciam a disciplina excluindo o sentido de submissão e ressaltando a possibilidade de diálogo consciente no ambiente escolar, de forma a favorecer a aceitação das regras estabelecidas pelos participantes do processo educativo, ficando claro que referidas regras não representam uma imposição, pois existe um respeito às diferenças que existem no ambiente das escolas. Estes são aspectos importantes para que a indisciplina não evolua como um problema educacional de grandes proporções, como ocorre nos dias atuais.

Segundo Ferreira (2012):

Numa primeira perspectiva, avançamos no entendimento do conceito de indisciplina na relação professor-aluno como uma regressão ou inadequação da função sentimento. Na segunda perspectiva, [...] o conceito pode ser compreendido como uma expressão das diferenças tipológicas e da projeção gerando expectativas nos envolvidos na relação. Na terceira perspectiva [...] podemos compreender que a forma de se comunicar e reagir a determinadas situações pode ser diferente de acordo com a atitude predominante do indivíduo (FERREIRA, 2012, p. 113).

De qualquer forma, em qualquer das perspectivas citadas, o educador deve buscar o conhecimento das peculiaridades do estudante que pensa, que é ativo e que se desenvolve. É imprescindível que o educador conheça a história de vida de seus educandos e procure adequar sua

estratégia de ensino à realidade do aprendiz. Este aspecto pode ser uma forma eficaz de enfrentamento da indisciplina. Neste sentido, Ferreira (2012) ressalta que a maneira de raciocinar do educador, que já compõe seu perfil como profissional da educação, pode contribuir ou não para que as regras da instituição sejam seguidas. Além disso, as peculiaridades de cada estudante, com jeito próprio, variadas maneiras de compreender, pensar e promover relações diferentes em sala de aula, levando ou não à indisciplina.

É necessário que o olhar sobre o aluno indisciplinado mude, pois o que se observa hoje é que o corpo docente, diretores, coordenadores, criam uma imagem do aluno indisciplinado como sendo o sujeito que não quer aprender, que não quer nada com nada, que não recebeu educação em casa. No entanto é preciso despertar o aluno que a indisciplina é a fonte causadora de vários fracassos no futuro, que existe necessidade de estudar e aprender o que é repassado por cada professor. A conscientização é o caminho, o professor é transformador.

Segundo Alves Neto (2016):

O que podemos inferir nesse momento a respeito dos termos disciplina e indisciplina? Que não se trata de um conjunto de conceitos possíveis de serem resumidos em um parágrafo. É impossível dar a um setor da sociedade, a um espaço único, a responsabilidade pela “indisciplina” na escola. Existem problemas familiares, econômicos, afetivos, de aprendizagem etc. Cabe ao profissional da educação observar como está constituído o seu problema e buscar os caminhos possíveis para seu enfrentamento. Dentro de suas possibilidades muito pode ser feito, não existe outro setor da sociedade que pode ser mais eficiente no que se refere à formação humana do que a escola. Ela não resolverá todos os problemas, mas deverá saber observá-los com prudência. É necessário observarmos os contextos, as regras, as convenções sociais estabelecidas em cada espaço (ALVES NETO, 2016, p. 70).

Dessa forma, torna-se evidente que o conhecimento da realidade e do espaço social do estudante, seus interesses e valores, são fundamentais como estratégia para conduzir com êxito as atividades escolares e a convivência com os alunos, sempre levando em conta que os indivíduos veem e assimilam o mundo de variadas formas e que na escola, igualmente, aprendizes e educadores partilham um mesmo espaço de convivência, onde se conjugam todas as suas experiências culturais, sociais e familiares, onde são desenvolvidas motivações para as diversas atividades e comportamentos. Uma abordagem da indisciplina escolar contemplando a realidade do aluno representa um avanço e um pré-requisito para que se compreenda a função social da instituição escolar e para o surgimento de novas práticas pedagógicas.

Segundo Santos (2013):

Além disso, essa representação hegemônica comporta um discurso de diabolização da juventude e de culpabilização da instituição familiar pelos déficits morais dos alunos, que coloca o professor apenas como uma vítima impotente frente à indisciplina. Com esse discurso, os professores defendem sua pretensão inocência sobre sua parcela de contribuição à emergência de manifestações de indisciplina escolar, ou seja, os professores se eximem como corresponsáveis pela indisciplina. (SANTOS, 2013, p. 269)

Neste cenário, destaca-se que comportamentos caracterizados pela indisciplina escolar já são antigos no Brasil, embora se possa afirmar que sua relevância tem aumentado nas últimas décadas, em consonância com o crescimento da violência no interior das instituições escolares, como também pela divulgação de informações na mídia sobre o tema. Mesmo assim, ainda não é possível adotar procedimentos sistematizados sobre o problema, apresentando justificativas claras e consistentes, tendo em vista que a maioria das explicações apresentadas até agora se referem apenas a culpar o

estudante e sua família. Sobre o assunto, Alves Neto e Antônio (2016) afirma que já está muito clara a necessidade urgente de redirecionamento das iniciativas da escola em relação ao enfrentamento da indisciplina, pois deve existir alinhamento com a realidade atual e do aluno e com as formas recentes de funcionamento da sociedade. Sendo assim, torna-se imprescindível estimular o diálogo de forma que seja possível a participação de todos os envolvidos no processo educativo, visto que os resultados alcançados trarão benefícios para todos.

Segundo Alves Neto (2016):

“Todavia, consideramos que indisciplina escolar não se trata de um ou outro fator ligado ao mau comportamento do aluno, algo que este possa fazer individualmente, mas sim de um conjunto de fatores ligados a todos os agentes dentro do campo da escola (mesmo os que ultrapassam seus muros, como os fatores econômicos). Evidentemente que a responsabilidade recai mais sobre uns do que sobre outros, como é o caso do professor, e é simplesmente justo, pois apenas um lado da relação professor-aluno está apto, formado e capacitado a refletir sobre esse processo (ALVES NETO, 2016, p. 69).”

Além disso, pode-se perceber nos dias atuais, diante de inúmeros estudos publicados, a existência de um ambiente que favorece o desenvolvimento de uma prática pedagógica que considere a possibilidade de que todos os envolvidos no processo educacional possam desempenhar sua função, além de estudantes, familiares e professores, todos que compõem a comunidade escolar, destacando que o ambiente social da instituição escolar depende da união de todos pela solução para os mais diversos problemas que surgem no cotidiano da escola.

A sociedade que se habita passa por alterações todos os dias, tendo a tecnologia como a principal ferramenta transformadora e cheia de inovações.

E todo esse conjunto de alterações provocam mudanças no modo de vida, na cultura, nas normas, nas regras, nas leis enfim, em toda a sociedade. O que tem se notado ultimamente é uma sociedade apontada por ausência de restrições, pela banalização dos valores, pela falta de respeito ao próximo, falta de solidariedade. Habituar-se um mundo sem restrições é melhor do que em um mundo com regras e limites.

Segundo Vasconcellos (2009):

Outro elemento que pode relativizar nossa apreensão é a constatação da crise disciplinar em outras esferas da sociedade, para além da escola. Um simples caminhar na rua revela um conjunto significativo de transgressões. O carro que não para no semáforo; o motoqueiro que passa sem capacete; o ônibus que não para no ponto para pegar pessoas idosas; a madame que leva o cachorro para fazer necessidades fisiológicas na calçada (em autêntica confusão entre o público e o privado); [...] as faixas e cartazes sem autorização, poluindo visualmente o ambiente; poltronas e sofás jogados no lixo; os pneus jogados no rio; carros parados em lugares proibidos; papéis jogados no chão; carro riscado de propósito; o troco na padaria, que não devolve os centavos ou dá balas no lugar; a nota fiscal que não é dada; [...] (VASCONCELLOS, 2009, p. 56).

Assim, a definição de normas, acordos e combinados são indispensáveis e tais regras devem ser claras e elaboradas com justiça e de forma igual para todos, embora seja importante destacar a necessidade de que os educadores e a própria instituição escolar devem dar o exemplo em sua prática profissional, por meio de uma autoridade constituída de respeito, sem características autoritárias, devendo servir de motivação e inspiração para todos. Trata-se de um desafio extremamente difícil, mas é notória a urgência de transformações importantes no ambiente das escolas, sendo a reflexão e o aperfeiçoamento profissional os melhores caminhos.

O comportamento indisciplinado e violento no ambiente escolar pode ter relação com o desenvolvimento dos alunos, por não disporem ainda da construção e reconstrução do raciocínio moral, o que significa a falta de consciência sobre as limitações impostas pelo meio social. Piaget (1994) afirma que outras atitudes indisciplinadas estariam relacionadas com outro estágio, no qual as crianças têm as primeiras aproximações com normas e regras, certo e errado, mas sem qualquer aprofundamento ou reflexão. Num outro nível, caracterizado pela autonomia, os alunos passam a imitar as atitudes daqueles que se tornam exemplo para eles, sem a convicção de que vão praticar ou não as normas apresentadas.

Crianças e jovens precisam sim se conformar com as regras e normas propostas pela escola, uma vez que a mesma precisa fazer com que suas determinações sejam cumpridas. Os limites atribuídos por estas regras não devem ser apenas vistos no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou excedido. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite põe, dá noção de atitude ocupada dentro de um certo ambiente social, isto é, a família, a escola, a sociedade completa.

Dessa forma, tem-se que a educação desempenha importante função no desenvolvimento comportamental de aspectos psicológicos, principalmente quando aos aspectos disciplinares, incluindo o modo de expressão e atitudes. Vygotsky (1984) considera que a escola tem a responsabilidade pela formação de pessoas para o crescimento em sociedade e nas situações em que as normas não são corretamente aplicadas, as atitudes não serão positivas.

Segundo Siqueira (2017):

Os comportamentos de indisciplina são resultados de ações e condutas de atos indisciplinados no contexto de maior convívio, onde são estimulados, educados, ou seja, na instituição familiar e na instituição escolar, ambas com o

mesmo papel de educar para convivência no meio social. Assim, as pessoas agem como são ensinadas ou se espelham no que veem. (SIQUEIRA, 2017, p. 27).

Neste sentido, o procedimento adotado pelo educador para chamar a atenção do estudante em situações de desentendimento em sala de aula representa um fator importante na relação entre os dois, sendo infinitamente preferível fazer uma aproximação do aluno e iniciar o diálogo pertinente e equilibrado, sem provocar constrangimento diante dos demais colegas de sala. Percebe-se que a sociedade contemporânea necessita dispor de indivíduos capazes de buscar o desenvolvimento máximo de suas habilidades intelectuais, afetivas e emocionais, no sentido de capacitá-lo a transitar pelos mais diversos setores da sociedade e mercado de trabalho.

Casos de indisciplina sem dúvida geram inúmeras consequências em todo o contexto escolar, dentre estas, destaca-se a perda de tempo na aquisição do conhecimento, comprometimento no processo de ensino aprendizagem, fracasso escolar e distorção idade/série. O professor perde em média quinze minutos da aula resolvendo conflitos do tipo estudantes falando alto, piadas inadequadas com colegas, etc. O tempo das aulas era para ser aproveitado ao máximo possível com aprendizagem, desenvolvendo habilidades, atingindo metas e alcançando os objetivos almejados pelo professor de forma que a construção do conhecimento aconteça coletivamente. Em uma situação dessas perde-se também os colegas que não estavam envolvidos no conflito.

Segundo Salvi (2017):

A disciplina é muito importante para a formação do ser e, para que ela ocorra é indispensável a presença de uma autoridade. Ao professor, no uso de suas atribuições e autoridade inerentes ao cargo que ocupa, cabe o papel de além da transmissão dos conteúdos programados para cada disciplina da grade,

também utilizar ações disciplinares a fim de contribuir para a formação cidadãos íntegros, instruídos e capazes de conviverem com os demais com respeito, para por fim, contribuir de forma efetiva para a construção de uma sociedade melhor. Os objetivos da educação brasileira na formação de pessoas éticas que tenham pensamento autônomo e crítico também devem ser estendidos a educação superior (SALVI, 2017, p. 25).

No ambiente das escolas públicas, a disciplina se apresenta com duplo significado, com finalidades voltadas para o meio e o fim da educação, tendo em vista que as instituições escolares se esforçam para disciplinar o estudante no sentido de que tenham um convívio saudável em uma sociedade dirigida por regras e comportamentos pré-estabelecidos, porém buscando também fixar normas mínimas e necessárias para que ocorra a prática pedagógica. Segundo Silva e Lopes (2010), esta característica de duplo sentido do comportamento disciplinar tem relação com o fato de que as escolas possuem variados perfis comportamentais nos estudantes, envolvendo os disciplinados, responsáveis quanto aos estudos e ao desempenho acadêmico, como também os alunos instáveis e que apresentam desempenho abaixo do esperado, o que certamente interfere o processo educativo.

Neste contexto, a preservação da disciplina em sala de aula vem se apresentando como um importante desafio para escolas e educadores no mundo contemporâneo, tendo em vista que os comportamentos indisciplinados ocorrem no dia a dia da educação brasileira, tornando-se um obstáculo significativo no processo de ensino aprendizagem do sistema de ensino atual.

O desenvolvimento de atitudes obedientes nas escolas vem se transformando nas últimas décadas, tendo relação direta com normas e castigos a serem aplicados por comportamentos desobedientes, que podem

ser justificados pelo temor a sanções. Segundo Salvi (2017), trata-se de um temor que leva estas instituições a obedecerem ou cederem, ou se corrijam de acordo com as regras impostas. A palavra indisciplina caracteriza a atitude contrária à disciplina, evidenciando a desobediência, desordem, contravenção, sendo indisciplinada a pessoa que contraria as ordens e se rebela contra a disciplina.

Segundo Rebelo (2011):

O aluno com cultura diferente da transmitida na escola, sentindo-se excluído, sem espaço para pronunciar o seu mundo, é levado a acreditar que existe apenas uma maneira correta de se viver, que não é a sua. Com isso, a sua identidade e perspectivas de um futuro melhor diminuem e, “não tendo nada a perder”, denuncia a discriminação da qual é vítima por meio de atitudes incômodas entendidas por essa concepção como indisciplina (REBELO, 2011, p. 49).

Dessa forma, percebe-se que os padrões disciplinares norteadores do sistema educacional, assim como os procedimentos adotados para evidenciar um comportamento indisciplinado, vêm se transformando com o tempo, tornando-se distintos no seio da sociedade, o que leva ao entendimento de que a definição de indisciplina tem relação direta com variadas expectativas e valores existentes no meio social onde os alunos estão inseridos.

No contexto do ensino básico, a ocorrência de indisciplina se caracteriza pelo dinamismo e vai muito além dos aspectos relacionados apenas com a índole do estudante. A indisciplina pode ser decorrente da falta de motivação do estudante em relação ao aprendizado, dos métodos de ensino utilizados pela escola ou até mesmo desinteresse pelos conteúdos apresentados.


VI. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A sociedade como um todo busca constantemente uma condição melhor para ela própria e neste contexto se inclui a instituição escolar, socialmente legitimada como espaço de formação integral dos jovens, o que resulta na atribuição à escola de grande responsabilidade para que esta formação ocorra nas melhores condições possíveis e na qual se deposita enorme confiança e credibilidade como espaço de aprendizagem, aquisição do conhecimento e desenvolvimento do indivíduo como cidadão, tendo em vista atuar na educação de crianças e adolescentes. Neste cenário se desenvolve o estudo sobre a indisciplina escolar no ensino básico das escolas públicas.

O início do trabalho de campo se constitui em momento de ansiedade para o pesquisador, pois até então a representatividade dos sujeitos ocorria apenas na teoria, se constituindo como parte do objeto de investigação. Verifica-se neste ponto o começo de uma interação social importante e desconhecida entre pesquisador e sujeitos envolvidos.

Segundo Minayo (2011):

O trabalho de campo tem que ser pensado a partir de referenciais teóricos e também de aspectos operacionais que envolvem questões conceituais. Isto é, não se pode pensar um trabalho de campo neutro. A forma de realizá-lo revela as preocupações científicas dos pesquisadores que selecionam tanto os fatos a serem coletados como o modo de recolhê-los (MINAYO, 2011, p. 107).



Nesta fase dos trabalhos de pesquisa, a problemática revela-se com clareza, viabilizando as indispensáveis interações entre os sujeitos envolvidos e os cenários que fazem parte do objeto de estudo. O trabalho de campo se iniciou após a realização de quatro etapas distintas: visita às escolas e contato com os respectivos dirigentes, oportunidade em que se fez esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa, ressaltando objetivos e metodologias planejadas para implementação; solicitação de autorização das instituições para submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em funcionamento na Universidade Federal do Piauí/UFPI; realização de um pré-teste ou estudo piloto, previsto no planejamento e na metodologia da investigação, envolvendo 45 pessoas que apresentavam características semelhantes às dos componentes da amostra, buscando identificar a existência de alguma problema ou interrogação passíveis de questionamento no processo de coleta de dados, relacionados com clareza e precisão dos termos, forma e ordem das questões, introdução, entre outros aspectos (GIL, 2002).

O procedimento mostrou a inexistência de qualquer ocorrência como falta de entendimento, dificuldades ocasionadas por questões difíceis, ambíguas ou mal formuladas, voluntários que não quiseram responder ou comentários negativos sobre uma ou mais questões. Na sequência, foram iniciados os trabalhos de coleta de dados propriamente dita, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Os contatos iniciais com os sujeitos da pesquisa foram marcados pelos esclarecimentos a respeito dos aspectos gerais da pesquisa e da necessidade de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para coordenadores, pais e professores e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para os alunos. Não foram registradas recusas quanto à participação. A análise e os resultados são apresentados a seguir.

ANÁLISE DOS COORDENADORES PEDAGÓGICOS

A atividade de coordenação pedagógica vem crescendo de importância no cenário educacional, principalmente em razão da variedade e quantidade de atribuições desempenhadas no contexto educativo, tornando evidente a necessidade de que este profissional venha a atuar cada vez mais como um elemento integrador e dinamizador de toda a equipe escolar, inclusive em relação aos processos de indisciplina que se verificam atualmente no ambiente das escolas, principalmente as públicas.

A coordenação das escolas de ensino básico tem um potencial significativo no sentido de controlar a indisciplina no ambiente educativo. O equilíbrio almejado nas relações interpessoais que se verificam no interior da escola depende dos esforços de professores, gestores e equipe pedagógica, para promover a socialização e inclusão de todos os estudantes igualmente, gerando o sentimento de que todos são partes do ambiente da escola.

QUADRO 1 METODOLOGIA DE ENSINO DESENVOLVIDA EM SALA DE AULA.

“[...] Utiliza-se de aulas expositivas, e dialogadas, com incentivo à participação do aluno” (CP1)

“[...] Aulas expositivas, seminários e aulas práticas” (CP2).

“[...] Diálogo, debate e conversa informal com o alunado” (CP3).

“[...]Explicações, resumos e seminários” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O quadro 1 relata as respostas apresentadas pelos coordenadores pedagógicos participantes da investigação, relacionadas com as metodologias de ensino desenvolvidas em sala de aula pelos professores. As manifestações transcritas revelam a utilização de métodos tradicionais e pouco inovadores pelos educadores, com destaque para aulas expositivas, explicações e seminários, que se caracterizam pela aula centralizada na figura do professor, havendo pouca flexibilidade para a participação e criatividade do aluno. Assim, Santos (2011) afirma que os professores que utilizam somente a metodologia tradicional, as aulas são centradas no professor, que definem quais serão os conteúdos repassados aos alunos. Nesse método, tem-se como vantagem o fato de o professor possuir um maior controle das aulas, porém tem a desvantagem de propender a aulas cansativas, com nítidas demonstrações de desinteresse pelos alunos.

Segundo Weintraub, Hawlitschek e João (2011):

Um problema do método tradicional a não aprendizagem, “pois há baixa interação entre o aluno e o objeto estudado, pouca promoção de reflexão e problematização [...] também possui a desvantagens, pois se torna difícil para o professor explicar a prática por meio de aulas expositivas, assim como para o aluno se torna difícil pensar na aplicabilidade da teoria exposta (WEINTRAUB; HAWLITSCHKE; JOÃO, 2011, p. 24).

Assim sendo, pode-se destacar que, no ambiente escolar, o relacionamento entre o professor e o estudante pode surgir como causador da indisciplina, quando é conduzido por meio de atitudes autoritárias, metodologia inadequada ou falta de diálogo. Para Amado (2001), muitos alunos identificam comportamentos de professores que estimulam a indisciplina na escola, como por exemplo, os métodos de ensino inadequados e atitudes agressivas com os alunos.

As metodologias apresentadas pelos sujeitos se mostram inadequadas para a educação contemporânea, podendo certamente contribuir para situações de indisciplina na escola. Além disso, considera-se também que os métodos utilizados pelos professores na sala de aula podem causar inibição no aluno ou o contrário, podendo ainda provocar comportamentos indisciplinados. Ao educador cabe a responsabilidade de facilitar a aprendizagem e a interação sadia com o estudante.

O professor promove a aplicação dos métodos de ensino na escola em direção ao aprendizado, conduzindo os estudantes em direção a reflexões importantes e identificando alternativas que contribuam para a solução de cada problema que surge, levando a um desempenho satisfatório. Boruchovitch e Bzuneck (2004) afirmam que ao educador cabe a organização do próprio trabalho, incluindo-se aí o estímulo que leva ao aprendizado, tornando-se sujeitos preparados para pensar e obter a capacidade de pesquisa e desenvolvimento da criatividade, interesse e curiosidade, problematizando e buscando soluções adequadas. Este processo se torna realidade quando o docente compreende e aplica o ensino multidisciplinar, atribuindo significado aos conteúdos apresentados.

A inserção verdadeira do estudante no processo educativo se dá por meio da participação nos processos pedagógicos, onde este assume a condição de figura principal de todo o processo e podendo revelar seu potencial e sua criatividade, situação em que o professor se torna o mediador da aprendizagem do aluno.

QUADRO 2 PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS.

“[...] A participação se dá por meio do interesse, estímulo do professor e aulas inovadoras” (CP1),	“[...] Ainda é tímida. Apenas uma minoria participa ativamente das aulas” (CP2).
“[...] Através da observação, análise e direcionamento por parte dos professores” (CP3).	“[...] A participação dos alunos nas aulas ainda é restrita, mas está aumentando” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O quadro 2 foi elaborada a partir do questionamento sobre a participação dos alunos nas aulas. As respostas transcritas permitem inferir que o contexto estudado se caracteriza pela pouca participação dos alunos nas aulas, dependendo do próprio estudante e de seu interesse e sendo reconhecida como uma participação restrita. Sabe-se que a participação do aluno nas atividades em sala de aula ocorre a partir das oportunidades e situações criadas pelo professor, e estes procedimentos devem ser planejados, devem ter como prioridade o potencial e a criatividade nos estudantes envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Sendo assim, considera-se que o planejamento elaborado pelo professor possibilita reorganizar conteúdos e conhecimentos sistematicamente, fazendo com que os alunos possam interagir com seus conhecimentos prévios, agregando um valor pessoal ao próprio aprendizado. Anastasiou, Cavallet e Pimenta (2003) afirmam que o processo de ensino se torna mais democrático quando o professor permite o desenvolvimento dessa prática, que representa uma prática social constituída de complexidade, mas diferenciada em relação às análises individuais e às emoções que desperta.

O coordenador pedagógico CP2 relata que “a participação ainda é tímida. Apenas uma minoria participa ativamente das aulas” (CP2). Infere-se que a participação do estudante do ensino básico nas atividades escolares só se concretiza por iniciativa do professor, tendo em vista que o educador estrategista envolve todos os educandos no processo de ensino, contribuindo para elevar a motivação em sala de aula, preservando o respeito às peculiaridades de aluno, tanto em relação à aprendizagem quanto em relação aos conhecimentos prévios que possuam, aspectos que promovem um envolvimento profundo do estudante com o processo de aprendizagem em desenvolvimento.

Segundo Mendonça e Mendonça (2009)

(...) A partir do momento em que o aluno tem a oportunidade de falar e é ouvido pelo professor, sua postura se transforma em sala de aula e o respeito mútuo surge como elemento fundamental na construção da aprendizagem e da disciplina. Quando o professor ouve o aluno, demonstra respeito por ele, a recíproca será mera consequência. De início, em uma sala onde os alunos não aprenderam a dialogar, haverá um pouco de tumulto, pois, quando questionados pelo docente que encaminha as discussões, todos falarão de uma só vez. Nesse momento, o responsável precisará intervir, esclarecendo que, para todos serem ouvidos, é necessário que enquanto um fala o outro ouça, respeitando o colega. Em poucos dias, o professor colherá o fruto de seu trabalho e haverá harmonia no grupo. (MENDONÇA E MENDONÇA, 2009, p.82).

Diante disso, fica clara a grande necessidade de ressignificação da prática em vigor, inovando no sentido de promover a emancipação, por meio da incorporação de novos personagens e elementos, excluindo a possibilidade de imposição autoritária de conteúdos e possibilitando o debate e a contradição, oferecendo ao estudante a possibilidade de construção do próprio conhecimento, o que exige do educador muita

segurança em relação ao que pretende levar ao seu aluno, aspecto que favorece a aprendizagem significativa e a criação de um ambiente saudável para a prática pedagógica e aquisição do conhecimento.

QUADRO 3 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E AS INSTITUIÇÕES ONDE ATUAM.

[...] A função de coordenador é específica para esta escola, voltando-me apenas para as atividades e demandas desta instituição”
(CP1)

“[...] Apenas nesta escola” (CP2).

“[...] Como coordenadora atuo apenas nesta instituição” (CP3).

“[...] Apenas em uma escola como coordenador e em outras como professor”
(CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Procurou-se saber dos sujeitos coordenadores pedagógicos sobre sua atuação junto à instituição pesquisada, se atua em mais de uma escola, no intuito de avaliar sua contribuição para a solução de conflitos que levem à indisciplina e como apoio administrativo aos professores. O quadro 3 revela que a metade dos entrevistados não atuam em mais de uma instituição de ensino, sendo este um aspecto positivo no sentido de administrar as situações em que sua presença possa ser fundamental na condução dos processos que envolvem a indisciplina na escola.

Segundo Ferri (2014):

O coordenador pedagógico é, sim, um governante, um estrategista. Governa não apenas o território da escola, mas um grupo de pessoas que faz parte do processo educativo. Atua de um polo a outro das relações de ensino e aprendizagem, resolve problemas diários, rotineiros ou não;

portanto, convive com a imprevisibilidade, observando sempre a melhor maneira de resolução das situações conflitivas (FERRI, 2014, p. 49).

Certamente, os conflitos gerados pela indisciplina no contexto escolar e sua administração se incluem nas atividades do coordenador pedagógico, exigindo dele postura e preparação técnica, administrativa e emocional para obter êxito neste que é um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores e técnicos no ambiente das escolas públicas.

QUADRO 4 AÇÕES DO EDUCADOR PARA ATRAIR A ATENÇÃO DOS ALUNOS.

“[...] Chamando a atenção, proporcionando momentos de reflexão e inserindo-os nas atividades planejadas pela escola” (CP1)	“[...] Buscando inovar suas práticas, apresentando formas diferentes de ministrar as aulas” (CP2).
“[...] Chamando a atenção dos alunos através do diálogo e de histórias vivenciadas para mostrar exemplos do dia a dia” (CP3).	“[...] Geralmente brigam com os alunos ou retiram alguns de sala de aula” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O quadro 4 apresenta a transcrição das respostas dos sujeitos coordenadores pedagógicos sobre as ações desenvolvidos pelos educadores para atrair a atenção dos estudantes em momentos de dispersão. As respostas apresentadas mostram uma certa divisão quanto às iniciativas adotadas na situação indicada. Enquanto CP1 relata que os educadores “chamam a atenção” conduzindo-os para o silêncio e a reflexão sobre os conteúdos das disciplinas e CP4 afirma que os educadores “geralmente brigam com os alunos ou retiram alguns da sala de aula”, demonstrando certo autoritarismo e rigidez no trato com os estudantes, verifica-se também a existência de

iniciativas democráticas e estratégicas no sentido de atrair e manter o foco dos alunos nas atividades propostas, como CP2, que busca inovar em suas práticas, apresentando formas diferentes de apresentar as aulas, podendo surpreendê-lo positivamente, atraindo sua atenção espontânea e contribuindo para aflorar suas potencialidades, o que certamente não ocorre nas ações arbitrárias do professor que, ao contrário, pode conduzir à indisciplina e à agressividade do estudante.

Segundo Banaletti e Dametto (2015):

No processo escolar há a necessidade de o professor desenvolver concomitantemente dois traços, então inerentes: disciplina e motivação. Se o professor realizar atividades que promovam a motivação, sem dúvida terá menos problemas de indisciplina, o aluno motivado dirige sua atenção e as suas ações para a realização das atividades e por consequência, resta menos tempo para o envolvimento do aluno em atividades que comprometam o trabalho desenvolvido e gerem indisciplina (BANALETTI E DAMETTO, 2015, p. 12).

Da análise, infere-se que as iniciativas voltadas para inovar em suas práticas em sala de aula e trazendo formas diferentes de transmissão do conhecimento (CP2), certamente trarão maiores índices motivacionais, redução dos casos de indisciplina e maiores níveis de aprendizagem, devido à adesão dos alunos a uma proposta de aprendizagem democrática e humana.

A indisciplina envolve também fatores internos da escola, ocorridos em seu interior, a exemplo do relacionamento aluno e professor, porque comumente surge o professor intransigente e que assume a posição de dono da verdade, por meio da imposição e determinação de ordens em sala de aula, tornando-se um fato gerador da indisciplina dos alunos, por revolta e protesto.

Segundo Freire (2001):

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 2001, p.73)

Trata-se de marcas positivas ou negativas, que podem acompanhar o estudante por toda a carreira acadêmica ou por toda a vida, considerando que as atitudes autoritárias dos docentes marcam o estudante por meio da angústia e da impotência, gerando revolta e indignação durante muito tempo, podendo interferir em sua aprendizagem daí por diante. Ao contrário, procedimentos democráticos, compreensivos e afáveis certamente contribuirão para tornar o aluno motivado e confiante em sua capacidade de aprender e realizar.

QUADRO 5 FALTA DE RESPEITO DOS ALUNOS COM OS PROFESSORES.

<p>“[...] Não. Historicamente a nossa demanda de alunos é pequena. Com isso, favorece um maior controle das situações de falta de respeito” (CP1).</p>	<p>“[...] Sim, mas hoje ocorre com menor frequência” (CP2).</p>
<p>“[...] Sim, com muita frequência” (CP3).</p>	<p>“[...] Sim, na minha escola não é tão assíduo quanto em outras” (CP4).</p>

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Em relação à falta de respeito dos alunos com os professores nas escolas pesquisadas, o quadro 5 mostra que ela se concretiza, em maior ou menor grau, na maioria das instituições, corroborando a veracidade do

problema da presente investigação, pois se trata de um procedimento que traduz nitidamente um ato de indisciplina, levando a prejuízos incalculáveis para todo o processo educativo e os atores envolvidos.

As ocorrências de indisciplina na escola revelam alunos que apresentam comportamentos agressivos e mal-educados, demonstrando total descaso com o processo educativo e o trabalho do educador, que, na maioria dos casos não se encontra preparado para lidar com situações dessa natureza, especialmente em relação aos conflitos com os alunos indisciplinados.

No ambiente escolar existem diversos estilos de autoridade que fazem surgir comportamentos indisciplinados, situações nas quais o educador vem a ser considerado como injusto e incoerente. Neste contexto, considera-se que, para alcançar um aprendizado consistente e significativo, deve existir ambiente e convivência escolar direcionados por limites e regras capazes de regular as atitudes e comportamentos dos atores envolvidos no processo. Para Antunes (2009), trata-se de regras e limites que devem ter propósitos voltados para a boa convivência e não para um ambiente rígido e contrário à liberdade dos alunos. Neste ambiente, ao professor cabe a construção de uma autoridade democrática e reconhecedora da necessidade de dar liberdade aos alunos, de forma equilibrada e constante.

A indisciplina escolar vem sendo foco de muitos estudos e isso ocorre porque a indisciplina nas escolas é um dos maiores problemas a serem resolvidos, além de tornar o trabalho docente mais difícil está diretamente ligado ao número considerável de reprovação e evasão escolar, portanto, identificar as causas e consequências da indisciplina nas escolas poderá facilitar o trabalho do docente e proporcionar o sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

QUADRO 6 MÉTODOS MAIS EFICAZES PARA O CONTROLE DA SALA DE AULA.

“[...] É o envolvimento dos alunos com aulas práticas, atribuindo-lhes responsabilidades na execução de tarefas” (CP1)

“[...] O diálogo, onde as regras são colocadas de forma clara” (CP2).

“[...] O diálogo, visto que esta metodologia á a que ainda nos permite chegar até o alunado” (CP3).

“[...] O uso de Datashow sempre os mantém em silêncio” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Em relação aos métodos mais eficazes para o controle da sala de aula pelos professores, o quadro 6 registra a transcrição das respostas dos coordenadores pedagógicos a respeito do tema. A atuação dos professores na sala de aula é fundamental para manter o ambiente propício à aprendizagem no processo educativo. Atitudes democráticas do professor e respeito mútuo se tornam os alicerces de uma aprendizagem significativa. As respostas dos coordenadores pedagógicos indicam que os métodos ou estratégias existentes no meio pesquisado não são uniformes para todas as escolas ou professores, podendo se inferir que o uso dessas metodologias é aleatório e indefinido, dadas as diferentes respostas apresentadas. Ainda assim, percebe-se que o diálogo está presente nas tentativas dos docentes para manter a ordem e o clima de aprendizagem na sala de aula (CP2 e CP3).

Os métodos utilizados pelos professores na sala de aula podem causar inibição no aluno ou o contrário, podendo ainda provocar comportamentos indisciplinados. Ao educador cabe a responsabilidade de facilitar a aprendizagem e a interação sadia com o estudante. Souza (2015) considera importante salientar que o professor ocupa posição de destaque no gerenciamento das situações de indisciplina na sala de aula, porém todos os

esforços não devem se limitar apenas à figura do educador, tendo em vista que a tarefa é atribuição também de outras instâncias que não podem ser excluídas do processo, a exemplo da escola, sociedade e família e o próprio estudante. O docente busca opções que destaquem a importância da disciplina no ambiente escolar, como forma de torná-lo dinâmico e apropriado para a disseminação do conhecimento.

Adicionalmente, percebe-se que muitos educadores já vêm modificando seus métodos de ensino, abstendo-se do modelo rígido e adotando técnicas mais dinâmicas e interativas. Nesse caso, as metodologias são baseadas no ensino de parceria entre alunos e professores, isso se deu, “devido visões mais modernas trazidas pelos avanços da tecnologia que facilitou o acesso à informação” (BRIGHENTI, BIAVATTI, SOUZA, 2015).

Percebe-se ainda claramente a falta de criatividade com que muitos professores planejam suas aulas, recorrendo sempre aos mesmos métodos de ensino e procedimentos de avaliação, deixando nítido que não acompanharam as mudanças e evoluções que vêm ocorrendo, pois continuam com as tradicionais formas de ensinar que já não servem, ou não são tão eficientes como no passado, despertando a necessidade de aprimoramento dessas práticas docentes. Nogueira e Bastista (2012) observam que na visão dos alunos, os professores frequentemente fazem uso de recursos como livros e quadro negro em suas aulas, mas dificilmente utilizam outros materiais didáticos como vídeos, Datashow e aulas fora do ambiente da sala, o que, na opinião dos alunos, tornam a escola monótona e desestimulante.

Entretanto, considera-se fundamental a revisão frequente das práticas pedagógicas, no sentido de superar a reprodução de metodologias ultrapassadas e de valorizar a produção crítica e criativa do saber. Essa preocupação com a prática pedagógica deve passar pela análise de professor e aluno, pois ambos são coautores do processo ensino-aprendizagem.

QUADRO 7 CONCEPÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO SOBRE AS RAZÕES DA INDISCIPLINA ESCOLAR.

“[...] A falta de domínio dos conteúdos por parte dos professores, a falta de afetividade e confiança dos professores para com os alunos” (CP1).

“[...] Hoje acredito que seja a tarefa de educar que a família delegou à escola” (CP2).

“[...] Vejo a indisciplina como resultado de uma má formação e também como a falta de acompanhamento em casa e também como reflexo da desestrutura familiar” (CP3).

“[...] A ausência dos pais nas escolas e a falta de punição e fixação de limites” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Neste questionamento, buscou-se conhecer as concepções dos sujeitos coordenadores pedagógicos sobre as razões da indisciplina escolar, de acordo com as transcrições do quadro 7. Sabe-se que não há uma definição conclusiva sobre as origens da indisciplina nas escolas, embora sejam levantadas hipóteses que certamente contribuem para que este fenômeno ocorra no interior das instituições escolares.

A resposta de CP1 remete a motivos internos da escola e à figura do professor, especialmente quando se refere a carências no domínio do conteúdo e ausência de afetividade para com os alunos. São fatores que podem contribuir para a ocorrência de casos de indisciplina, mas que não podem ser considerados isoladamente, em razão de outros aspectos internos e externos que pode influenciar este tipo de comportamento por parte do aluno.

Segundo Oliveira e Torres (2017):

Os fatores causadores da indisciplina escolar não são da responsabilidade de algo ou alguém, pois existe uma

dimensão multifatorial relacionada a esse problema em sala de aula. Para amenizar esse cenário no contexto escolar, torna-se essencial capacitar os professores e buscar parcerias da família e de segmentos da sociedade para provocar mudanças nos problemas relacionados à indisciplina dos alunos (OLIVEIRA E TORRES, 2017, p. 13).

Certamente a capacitação dos professores para lidar com o problema da indisciplina na escola vai contribuir para a diminuição das ocorrências, mas existem os demais fatores que, comprovadamente, são responsáveis pelo comportamento indisciplinado dos jovens no ambiente escolar e pela falta de respeito para com professores e gestores.

Neste sentido, pode-se levar em conta as respostas de CP2, CP3 e CP4, que relacionam a indisciplina a problemas familiares, resultado de má formação e ausência dos pais da vida escolar dos filhos. São fatores que influenciam o comportamento de um jovem em fase desenvolvimento e acabam interferindo em sua vida acadêmica.

Segundo Tavares (2012)

As causas da indisciplina estão vinculadas a problemas que não cabem somente à escola, mas envolve a família e a comunidade. É um problema social que vem se agravando e dificultando a relação professor-aluno. As consequências são: o baixo rendimento escolar e a insatisfação dos profissionais de educação (TAVARES, 2012).

Fica clara a importância da parceria entre família, escola e sociedade, que esses segmentos devem estar interligados em mutualismo, tendo em vista que o sujeito é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, portanto a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também por meio da família, dos amigos e dos meios de comunicação. Os pais devem fornecer os primeiros ensinamentos sobre uma boa conduta, devem mostrar

interesse pelos assuntos da escola, assim diante dessa postura a criança se sente cuidada, protegida e procura se tornar mais responsável, já à escola deve fornecer princípios e conhecimentos que o tornará um cidadão crítico e capaz de desenvolver seu papel na sociedade.

Ainda que a gestão escolar e os professores representem o setor social mais capacitado e comprometido na busca de alternativas para possíveis soluções aos problemas de ordem indisciplinar, as escolas não podem ser vistas como as únicas responsáveis pela educação, é necessário que o entorno escolar também participe, por meio de diálogos, sugestões ou simplesmente visitando as escolas para que seja possível reinventar a educação e as relações pedagógicas.

QUADRO 8

A INDISCIPLINA E AS DIFICULDADES GERADAS PARA O COORDENADOR PEDAGÓGICO.

“[...] A indisciplina dos alunos traz como dificuldade para o coordenador a mudança de foco, da atividade de gestão para a resolução de conflitos, prejudicando a função de coordenar” (CP1)

“[...] Acaba por atrapalhar o bom funcionamento da escola e consequentemente o desenvolvimento das ações propostas ao longo do ano” (CP3).

“[...] Dificulta o trabalho, pois ao invés de focar em suas tarefas tem que resolver conflitos” (CP2).

“[...] A organização da escola, o transcorrer das atividades escolares.” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O quadro 8 revela a transcrição das respostas dos coordenadores pedagógicos a respeito do questionamento sobre a indisciplina e as dificuldades geradas para o coordenador pedagógico. Assim como as atividades pedagógicas propriamente ditas, a ocorrência de indisciplina

também prejudica muito as atividades de coordenação e gestão, porque são funções fundamentais de administração e organização da escola como um todo e que sofrem turbulências nocivas a toda a estrutura da instituição nas situações de indisciplina. As respostas revelam como consequência da indisciplina a mudança de foco, deixando de exercer as atividades de gestão para administrar conflitos, como também as dificuldades para o funcionamento da instituição e o planejamento a curto e longo prazo.

Segundo Ferri (2014):

O olhar da supervisão tem um único viés, que é para o sistema, e o do coordenador pedagógico tem que levar em conta diferentes posições e contextos. Ao articular quatro modos de olhar, é necessário um exercício de ponderação constante. Nesse aspecto, há referências diferentes, e cada uma dessas referências (o aluno, o professor, os pais e a direção) acaba gerando outros pontos de vista. O Coordenador Pedagógico precisa olhar e desenvolver essa multifuncionalidade, entendendo que, para a tomada de decisão, é necessário considerar esses diferentes pontos de vista (FERRI, 2014, p. 67).

Levando em conta a convergência de interesses de professores, alunos, gestores e pais para a figura do coordenador pedagógico, percebe-se a grande importância desse profissional no interior das escolas, onde a indisciplina se faz presente e surge como demanda relevante para a continuidade do processo educativo. Além da perda de foco ocasionado com a necessidade de administrar conflitos oriundos da indisciplina, o coordenador pedagógico se depara com a complexidade de atender a interesses bastante diversificados, tendo como objetivo principal a normalidade dos trabalhos e das atividades escolares.

QUADRO 9 O QUE A INDISCIPLINA MAIS PREJUDICA NA ESCOLA.

“[...]O aprendizado visto que são gastos muito tempo e recursos na mediação dos conflitos, tempo que deveria ser investido na aprendizagem” (CP1)	“[...] A aprendizagem, porque enquanto o tempo é perdido chamando a atenção do aluno, os conteúdos ficam de lado” (CP2).
“[...]O rendimento do alunado e o bom funcionamento da escola, porque quase inviabiliza o funcionamento normal da instituição” (CP3).	“[...] A aprendizagem do aluno, já que o professor não consegue dar uma boa aula com o barulho.” (CP4).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Os coordenadores pedagógicos foram questionados sobre o que a indisciplina mais prejudica na escola. As respostas transcritas no quadro 9 revelam a convicção dos sujeitos quanto aos prejuízos para a aprendizagem dos estudantes, em função do desvio de foco para a mediação de conflitos (CP1), do desperdício de tempo para retomar as atividades interrompidas (CP2), das turbulências que inviabilizam o funcionamento normal da instituição (CP3) e da queda na qualidade das aulas por causa do barulho provocado pelas atitudes indisciplinadas.

A prática da indisciplina pelos alunos das escolas públicas tem relação direta com determinadas atitudes como alterar a voz para o professor, apresentar respostas grosseiras, conflitos com colegas de classe, desobediência, bagunça, recusa a fazer as tarefas propostas pelo professor. Oliveira (1996) acrescenta que os referidos atos são prejudiciais ao processo educativo, atrapalhando seriamente a prática profissional do educador e o alcance dos objetivos da escola.

Segundo Banaletti e Dametto (2015):

As instituições escolares enfrentam múltiplos problemas preocupantes, dentre eles, a indisciplina dos alunos. Pode-se

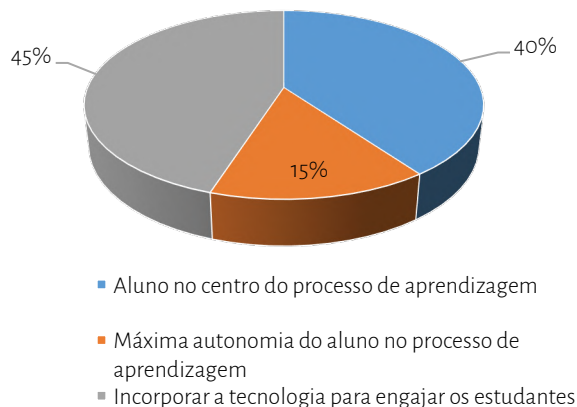
identificar que a mesma é um dos grandes desafios a serem enfrentados pelos professores, que em diversas circunstâncias, não sabem como atuar perante essa questão que abrange a todos os envolvidos no processo educativo e que causa inúmeros prejuízos para o processo de escolarização (BANALETI E DAMETTO, 2015, p. 1).

Depreende-se que a indisciplina no ambiente escolar traz prejuízos para todos os atores que fazem parte do processo educativo, incluindo estudantes, educadores, gestores, coordenadores e técnicos. Estes aspectos revelam a necessidade urgente de implementar mecanismos que possam trazer alternativas de controle da indisciplina nas escolas, em razão dos graves prejuízos trazidos para a prática profissional do educador e para o aprendizado dos alunos.

ANÁLISE DOS DOCENTES

Os professores concluem a graduação e trazem presentes os conteúdos assimilados na teoria, mas a realidade concreta mostra uma situação diferente, ausente da teoria apresentada na universidade, onde existem estudantes desmotivados, desinteressados e indisciplinados, cujos comportamentos promovem a turbulência em sala de aula, prejudicando o trabalho do educador como transmissor do conhecimento. Diante disso, o docente deve ser inovador e criativo, identificando novas formas de promover a aprendizagem, dando oportunidade para que o conhecimento seja construído por meio da sua mediação, como elemento merecedor do respeito dos alunos.

GRÁFICO 1 MÉTODO DE ENSINO UTILIZADO EM SALA DE AULA



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Sobre os métodos de ensino utilizados em sala de aula, o gráfico 1 mostra as respostas dos sujeitos professores, onde 45% deles consideram que a principal metodologia desenvolvida em sala de aula é incorporar a tecnologia para engajar os estudantes no processo e obter melhores resultados na aprendizagem, 40% entendem que o método mais adequado é colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, motivando-o a produzir mais e obter melhor desempenho e 15% afirmaram que a melhor metodologia é conceder máxima autonomia ao estudante durante o processo educativo. Não houve respostas para a alternativa que destacou o ensino centrado na figura do professor.

A didática e as metodologias fazem as mediações entre a teoria educativa e a prática educativa escolar, essas ciências oferecem conhecimentos que instrumentalizam os professores para a realização da atividade de ensino do conteúdo. Assim os métodos de ensino escolhidos e utilizados pelos professores em sala de aula são grandes responsáveis em criar as condições e estratégias que assegurem a construção do conhecimento, sendo o interposto nos processos de ensino e aprendizagem. Segundo Libâneo (2002), para que seja possível promover o desenvolvimento humano, juntamente com a valorização do conteúdo escolar, surge o desafio de criar modos de tornar a absorção dos conhecimentos acessíveis e concretos aos alunos.

As respostas constantes do gráfico 1 indicam que os professores participantes da pesquisa, em sua maioria, atribuem grande importância à tecnologia no processo de ensino, incluindo-a em seus métodos pedagógicos em direção a obter melhores resultados na aprendizagem dos estudantes, o que pode ser justificado pela relevância e interesse que a tecnologia tem na vida dos jovens contemporâneos, podendo levar a resultados significativos no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Além disso, pode-se destacar ainda uma contribuição importante para redução das ocorrências de indisciplina no ambiente escolar, tendo em vista que o uso de recursos tecnológicos na sala de aula, certamente elimina vários fatores considerados responsáveis pela indisciplina dos alunos, como aulas repetitivas e enfadonhas, métodos de ensino ultrapassados, entre outros.

Segundo Golenia (2008, p. 11):

O emprego das novas tecnologias como metodologia de trabalho em sala de aula tem se mostrado como ferramenta eficaz uma vez que minimiza os efeitos da indisciplina quando bem empregado, utiliza uma linguagem integradora entre professor e aluno, aproxima o professor e intensifica a interação desses dois mundos, desperta o interesse, mantém a motivação, possibilita maior capacidade crítica, estimula a criatividade do aluno e confere maior significado real à aprendizagem (GOLENIA, 2008, p. 11).

Confirma-se, dessa forma, que é necessário rever constantemente as práticas pedagógicas, visando superar a reprodução de metodologias ultrapassadas e de valorizar a produção crítica e criativa do saber. Essa preocupação com a prática pedagógica deve passar pela análise de professor e aluno, pois ambos são coautores do processo ensino-aprendizagem.

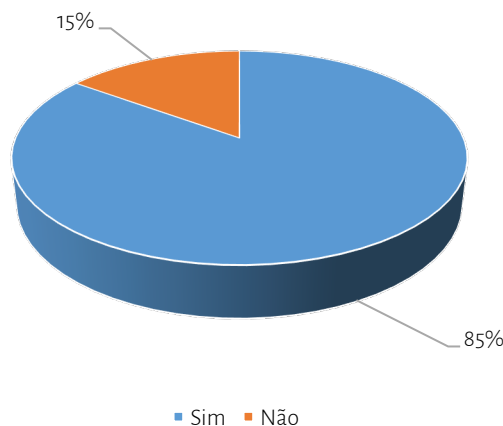
Outra metodologia citada por parcela significativa dos professores entrevistados (40%) se refere a colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, como forma de obter êxito no processo de aprendizagem. Trata-se de um método relativamente moderno e que funciona na medida em que se concretiza a valorização do aluno e são estimuladas as suas potencialidades, mantendo seu nível de interesse e motivação.

Neste sentido, pode-se evidenciar a aplicação do método construtivista no contexto educacional, em que o aluno é o sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem, e o professor age como um agente

facilitador no processo que orienta o aluno a buscar e gerar seus próprios conhecimentos. Para Belilini (2009), uma vantagem do método construtivista é que existem diversos meios de consulta ao conteúdo, como livros, internet, revistas, televisão, entre outros, o professor não é o único que tem acesso aos conteúdos da disciplina, contudo existe a dificuldade da condução da turma pelo professor, pois cada aluno possui um jeito próprio de trabalhar.

Este aspecto se torna relevante porque o estudante tem a possibilidade de construir o próprio aprendizado, contando com o professor apenas para orientar e dar apoio, mas sem a dependência de acesso aos conteúdos apenas pelo educador, o que se constitui em uma inovação no processo educativo e reduzir as ocorrências de indisciplina na escola, devido ao alto nível de participação do aluno no processo, tornando-se responsável pelo andamento do aprendizado.

GRÁFICO 2 PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O gráfico 2 apresenta o resumo das respostas dos sujeitos professores a respeito da participação dos estudantes durante as aulas, revelando que 85% deles responderam que sim, existe uma participação efetiva nas aulas e 15% responderam que não, no sentido de que inexistente uma participação significativa por parte dos estudantes das escolas pesquisadas. Sabe-se que a participação dos alunos nas atividades em sala de aula representa um dos aspectos de maior importância no processo acadêmico, tanto do ponto de vista da aprendizagem, pois o rendimento do estudante claramente melhora quando tem oportunidade de se posicionar sobre os conteúdos apresentados, como do ponto de vista da indisciplina, tendo em vista que a participação do processo de aprendizagem representa inovação e aulas dinâmicas, que são metodologias que levam a rendimentos satisfatórios dos alunos, principalmente no ensino básico das escolas públicas.

Dessa forma, a proposta de atividades alinhadas com a realidade do estudante proporciona a oportunidade de sua participação de forma espontânea e criativa, tendo a ocupação do seu tempo voltada para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Moraes e Bedin (2017), reduzir a indisciplina depende de transformações significativas no processo educacional em todos os níveis, com vistas à construção de uma escola democrática, onde o aluno seja o centro dos esforços e atenções.

Neste sentido, no contexto da sala de aula identifica-se a grande necessidade de ressignificação da prática em vigor, inovando no sentido de promover a emancipação, por meio da incorporação de novos personagens e elementos, excluindo a possibilidade de imposição autoritária de conteúdos e possibilitando o debate e a contradição, oferecendo ao estudante a possibilidade de construção do próprio conhecimento, o que exige do educador muita segurança em relação ao que pretende levar ao seu aluno, aspecto que favorece a aprendizagem significativa e a criação de um ambiente saudável para a prática pedagógica e aquisição do conhecimento.

QUADRO 10 FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS.

“[...] Lendo e debatendo o assunto em evidência na aula” (P1)	“[...] Nem sempre. Apenas uma pequena parte participa ativamente” (P2).	“[...]Dando opiniões e participando de leituras de classe” (P3).
“[...]Geralmente com a participação falada” (P4).	“[...]Dando opiniões nos trabalhos, nas leituras e nas peças teatrais” (P5).	“[...]De forma organizada e prestando atenção no professor” (P6).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Em referência às formas de participação dos alunos nas aulas, o quadro 11 demonstras a transcrição das principais respostas dos sujeitos professores, evidenciando diferentes formas de participação dos estudantes das escolas pesquisadas. Percebe-se claramente a utilização de métodos ultrapassados de atuação em sala de aula, por meio de *dando opiniões nos trabalhos, nas leituras e nas peças teatrais* (P5), sem qualquer inovação, ludicidade ou criatividade para estimular ou motivar os jovens ao aprendizado. As formas de participação dos alunos reveladas pelos professores participantes da pesquisa podem-se contribuir para a ocorrência de indisciplina em sala de aula, tendo em vista que não consideram a realidade do estudante, muito menos a evolução tecnológica que permeia todas as atividades da sociedade contemporânea.

Segundo Lima (2017)

Pouco se investiga na escola sobre aquilo que o aluno traz de seu contexto de vida, seus interesses, motivações e necessidades. Das crianças são esperados na escola comportamentos que nem sempre condizem com os padrões culturais de sua comunidade, embora a sociedade brasileira seja diversa e cheia de contradições. A melhor forma de lidar com a diversidade que elas trazem é explicitando-as, compreendendo-as e respeitando-as como diferenças que

enriquecerão o grupo. A escola deve estar a serviço de todas as crianças que ali ingressam e só será capaz de fazê-lo quando incorporar esta diversidade à sua cultura (LIMA, 2017, p. 3).

Entende-se que o trabalho do educador de forma inconsequente e inadequada também pode vir a ser mais uma causa de indisciplina escolar. Dessa forma, as aulas atrativas e lúdicas, que consideram a realidade do estudante e suas preferências enquanto crianças e adolescentes, são indispensáveis na educação contemporânea, tendo em vista que internet e celulares modernos podem ser adquiridos facilmente e representam uma atração fortíssima para a juventude. Assim, quando o educador se mantém preparado e inteirado das novas tecnologias passa a ter maiores possibilidades de alcançar êxito no trabalho de educador.

QUADRO 11 COSTUMA DAR AULA FORA DA ESCOLA E COM FREQUÊNCIA.

“[...] Não” (P1)	“[...]Não” (P2).	[...] Não! Nunca.” (P3).
“[...] Às vezes. Pouca frequência” (P4)	“[...]Atualmente não” (P5).	“[...]Aulas particulares, geralmente!” (P6).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O quadro 12 relata as respostas dos sujeitos professores quanto a sua atuação em outras instituições, além da que respondeu como professor efetivo, no sentido de identificar até que ponto a sobrecarga de trabalho pode influenciar em sua atuação, com reflexos na qualidade do ensino e no comportamento dos alunos. A maioria dos entrevistados afirma não atuar em outras escolas, o que reflete como um fator positivo, tendo em vista que a possibilidade dedicação exclusiva remete a uma atuação mais eficaz por parte do educador em sala de aula.

Segundo Vasconcellos (2005):

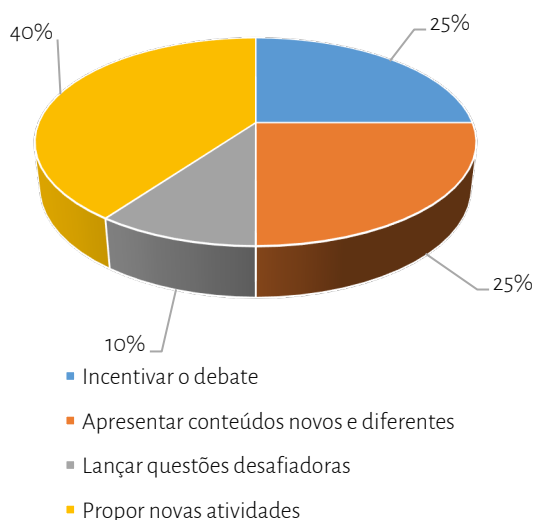
(...) O trabalho do professor do educador é estressante; ele procura um pouco de paz para poder respirar; daí espera o comportamento dócil, passivo do aluno. É claro que esta expectativa se coloca a partir do círculo da alienação em que se encontra, onde seu desejo, alienado, não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a submissão, com a esperança de reencontrar assim o espaço vital que sente falta (...) (VASCONCELLOS, 2005, p.47).

Dessa forma, no processo de construção do conhecimento, o educador deve se posicionar de forma a transmitir o gerenciamento da sala de aula, evidenciando este comportamento continuamente em sua prática pedagógica, tendo em vista que o desenvolvimento efetivo das atividades que conduzem ao conhecimento se baseia na contribuição do professor em relação ao estudante, o que possibilita a este identificar e construir mentalmente uma representação verdadeira do objetivo do estudo, alcançando sua essência. Vasconcellos (2002) comenta que se tornou fundamental o reconhecimento dos professores como administradores da sua prática profissional, no sentido de promover uma transformação verdadeira no interior da sala de aula.

Estes aspectos confirmam que o professor deve ser inovador e criativo, identificando novas formas de promover a aprendizagem, dando oportunidade para que o conhecimento seja construído por meio da mediação do professor, como elemento merecedor do respeito dos alunos. De outra forma, não será possível alcançar a construção do conhecimento proposta pelo sistema de ensino do país. A conquista da autoridade em sala de aula pelo professor torna-se indispensável para haja ordem e respeito no ambiente escolar. O educador deve se manter preparado para orientar os estudantes na melhor qualidade possível, independente de condições

oferecidas pelas instituições. Trata-se de uma situação em que se verifica a escolha política por uma educação de qualidade, pois não é suficiente ser educador, mas é imprescindível tornar disponível ao estudante uma aula agradável e atraente, validando os conteúdos apresentados em consonância com a realidade, fazendo valer a pena o tempo dedicado aos estudos.

GRÁFICO 3 MÉTODOS UTILIZADOS PARA ATRAIR A ATENÇÃO DOS ALUNOS EM MOMENTOS DE DISPERSÃO.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

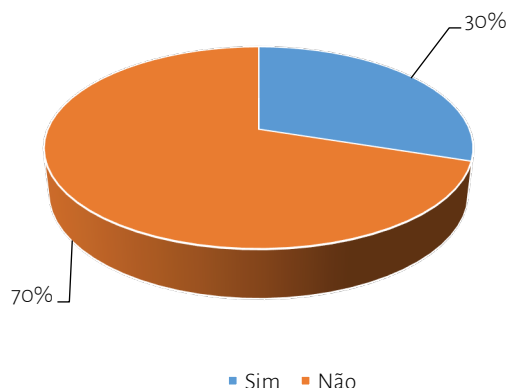
Para o questionamento voltado para os métodos utilizados pelos professores para atrair a atenção dos estudantes em momentos de dispersão, o gráfico 3 mostra que 25% deles estimulam o debate em sala de aula, enquanto 10% preferem lançar questões desafiadoras, como forma de alinhar a atenção dos alunos com os assuntos propostos, outros 25% apresentam conteúdos novos e diferentes e 40% preferem propor novas atividades, representando a

maioria dos entrevistados. Certamente a proposição de temas novos e desafiadores pode contribuir para que os discentes voltem sua atenção para o que está sendo apresentado, pois no campo do saber a apresentação do novo acaba contribuindo para melhorar a aprendizagem, o que leva a diminuição dos casos de indisciplina em sala de aula, aspectos também considerados como importante pelos 25% dos professores que apresentam conteúdos novos e diferentes.

Diante disso, pode se considerar que os professores têm consciência do prejuízo que traz para a aprendizagem as propostas de aulas repetitivas e enfadonhas, baseadas em métodos antigos e ultrapassados, centralizados apenas na figura do professor, pois o fato de não reconhecer a importância do aluno no processo também leva a situações de indignação, revolta e indisciplina por parte dele. Este aspecto se confirma diante da proposição da inovação, de aulas e atividades diferentes e atrativas, como forma de envolver o estudante na proposta de aprendizagem apresentada pela escola.

O professor promove a aplicação dos métodos de ensino na escola em direção ao aprendizado, conduzindo os estudantes em direção a reflexões importantes e identificando alternativas que contribuam para a solução de cada problema que surge, levando a um desempenho satisfatório. Para Veiga (2004), existe a necessidade de o educador fornecer informações aos educandos em conformidade com a evolução de cada um, contribuindo assim para que haja o senso de responsabilidade e competência e seja construída a autonomia indispensável enquanto cidadão crítico e reflexivo. Trata-se de um nível de motivação que faz surgir no aluno emoções positivas que o desafiam ao aprendizado por meio de atividades que exigem tempo, energia e dedicação, aspecto que gera o engajamento intenso do estudante na atividade apresentada.

GRÁFICO 4 DESRESPEITO AOS PROFESSORES PELOS ALUNOS DAS ESCOLAS



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O gráfico 4 traduz as respostas dos professores participantes da pesquisa sobre o desrespeito dos alunos em sala de aula, onde 30% revelaram que existe desrespeito dos alunos em relação ao docente na escola em que atuam e 70% afirmam que não há situações de falta de respeito no ambiente escolar em que trabalha. Embora a maioria dos sujeitos professores tenham respondido negativamente quanto a situações de desrespeito dos alunos na sala de aula, pode-se considerar que o percentual de 30% daqueles que afirmaram a existência de desrespeito é significativa e configura a existência de comportamentos indisciplinados no ambiente estudado, o que já não é tolerável no ambiente escolar contemporâneo diante de todos os esforços dispendidos pelas escolas e educadores no sentido de combater situações dessa natureza, diante dos sérios prejuízos causados ao processo de aprendizagem e à saúde dos envolvidos.

O comportamento indisciplinado e violento no ambiente escolar pode ter relação com o desenvolvimento dos alunos, por não disporem ainda da construção e reconstrução do raciocínio moral, o que significa a falta de

consciência sobre as limitações impostas pelo meio social. Piaget (1994) afirma que outras atitudes indisciplinadas estariam relacionadas com outro estágio, no qual as crianças têm as primeiras aproximações com normas e regras, certo e errado, mas sem qualquer aprofundamento ou reflexão. Num outro nível, caracterizado pela autonomia, os alunos passam a imitar as atitudes daqueles que se tornam exemplo para eles, sem a convicção de que vão praticar ou não as normas apresentadas.

Dessa forma, entende-se que o professor tem a responsabilidade pelas atividades desenvolvidas em sala, incluindo as reações dos alunos em relação às mais variadas situações, podendo-se considerar inclusive que o tratamento dado ao aluno pelo professor e os métodos de ensino aplicado são ações que podem levar a situações de rebeldia e indisciplina por parte dos alunos.

No ambiente escolar, o relacionamento entre o professor e o estudante pode surgir como causador da indisciplina, quando é conduzido por meio de atitudes autoritárias, metodologia inadequada ou falta de diálogo. Para Amado (2001), muitos alunos identificam comportamentos de professores que estimulam a indisciplina na escola, como por exemplo os métodos de ensino inadequados e atitudes agressivas com os alunos. Além disso, verifica-se a existência de diversos estilos de autoridade que fazem surgir comportamentos indisciplinados, situações nas quais o educador vem a ser considerado como injusto e incoerente. Neste contexto, considera-se que, para alcançar um aprendizado consistente e significativo, deve existir ambiente e convivência escolar direcionados por limites e regras capazes de regular as atitudes e comportamentos dos atores envolvidos no processo.

QUADRO 12 MÉTODO MAIS EFICAZ PARA O CONTROLE EM SALA DE AULA.

“[...] Argumentação informal sobre o assunto em questão” (P1)	“[...]realização de atividades que compõem a nota da disciplina” (P2).	“[...] O diálogo. Conversar de forma coletiva e individual. Envolver os pais ou responsáveis.” (P3).
“[...]Como estratégia nesse sentido usamos a apresentação de vídeos e realização de mini gincanas entre os alunos” (P4).	“[...] Conversando com os alunos a respeito das atividades e trazendo práticas e temas inovadores para dentro da sala de aula” (P5).	“[...]O professor se impondo como orientador e parceiro no processo de educação!” (P6).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

As respostas transcritas no quadro 13 se referem ao questionamento feito aos sujeitos professores sobre o método mais eficaz para o controle de sala de aula e demonstram uma variação muito grande nas respostas, comprovando não haver uniformidade nesse sentido no tocante às escolas pesquisadas. Tendo em vista que o controle dos alunos num ambiente como a sala de aula requer habilidades específicas do professor e também se trata de uma situação até certo previsível, razão porque os procedimentos deveriam ser semelhantes nesse sentido de implementar as orientações destinadas a melhor forma de preservar o ambiente da sala propício à aprendizagem.

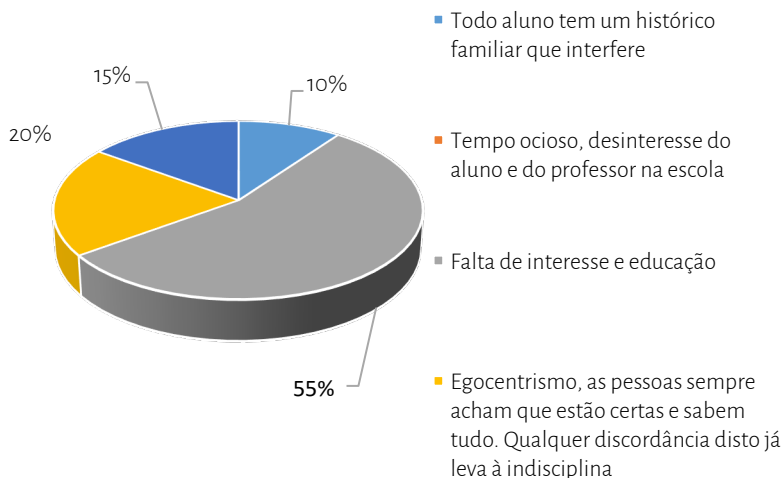
Verifica-se que a conversa com os estudantes tratando das atividades pedagógicas e a proposta de práticas e temas inovadores no ambiente da sala de aula, como sugere P5, se mostra como a iniciativa mais coerente com a eficácia exigida para as ações de aprendizagem em sala de aula e como forma de inibir comportamentos indisciplinados, pois se trata de procedimentos

capazes de atrair a atenção do estudante e despertar sua motivação e participação ativa nas atividades. Aquino (1998) afirma que a indisciplina pode significar uma resposta transparente do aluno à indiferença do professor quanto às atividades em sala de aula, pois a partir do comportamento transparente do educador o aluno pode identificar o seu próprio papel no processo educativo e sua importância.

Usar estratégias que chamem atenção dos alunos e fujam da monotonia é um fator importante, além disso o professor deve ter domínio do conteúdo trabalhado. Além disso, muitos educadores atualmente já vêm modificando seus métodos de ensino, abstendo-se do modelo rígido e adotando técnicas mais dinâmicas e interativas. Nesse caso, as metodologias são baseadas no ensino de parceria entre alunos e professores.

A implementação de práticas inovadoras e o desenvolvimento de parcerias com os alunos são exemplos de práticas que se revelam eficazes para o controle da sala de aula, que podem levar ao aprendizado satisfatório e a melhorias na qualidade do ensino das escolas públicas, além de contribuir para redução de ocorrências de indisciplina no ambiente escolar, em função de serem iniciativas que preservam o respeito ao aluno e possibilitam sua atuação como sujeito principal do processo educativo.

GRÁFICO 5 PROBLEMAS QUE GERAM INDISCIPLINA NAS ESCOLAS.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O gráfico 5 trata dos problemas que geram indisciplina na escola, revelando que, para 10% dos professores entrevistados, o histórico familiar interfere no comportamento do aluno na escola; para 55% dos sujeitos existe falta de interesse e falta de educação nos alunos; para 20% prevalece o egocentrismo, onde as pessoas sempre acham que estão certas e sabem de tudo e qualquer discordância gera um comportamento indisciplinado e para 15% os problemas que geram indisciplina na escola são provenientes de famílias que não conseguem ensinar os princípios básicos de uma boa educação para o jovem.

A análise das respostas mostra que a grande maioria dos sujeitos professores são categóricos em afirmar que os problemas de indisciplina

presentes nas escolas de ensino básico se referem ao acentuado desinteresse do aluno pelas atividades escolares. Infere-se que o desinteresse demonstrado pelos estudantes são reflexos da insatisfação com a proposta pedagógica da escola, os métodos adotados em sala de aula, além de outros problemas que interferem em seu comportamento, mas que extrapolam os limites da instituição escolar, interferindo da mesma forma no comportamento dos jovens.

Segundo Batista (2012):

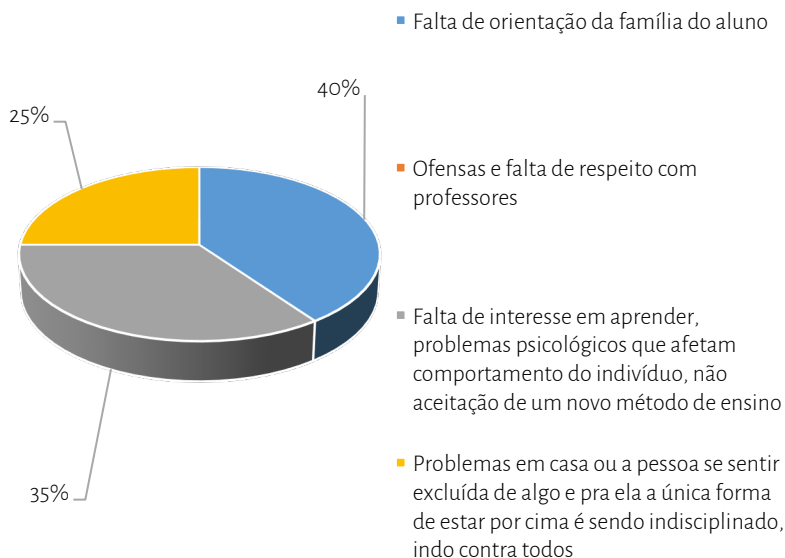
O aluno está desinteressado da escola, por isso é cada vez mais importante à escola, o professor, a família e a sociedade caminharem juntas, para assim entender as necessidades desse aluno e supri-las, tornando o sistema de ensino mais atrativo, mais flexível e dinâmico (BATISTA, 2012, p. 43).

Dessa forma, pode-se considerar que a indisciplina no ambiente da sala de aula se apresenta de várias formas, sob diferentes conceitos, assim como as manifestações e atitudes decorrentes dela. Registre-se ainda que uma significativa parcela dos professores participantes da investigação – 20% - enxergam a presença de forte egocentrismo, onde os estudantes sempre se consideram certos em todas as situações e qualquer discordância ou imposição de regras leva a comportamentos indisciplinados. As grandes frustrações causadas pela indisciplina nas escolas e a vontade incontinente de resolver o problema fazem com que todos tendem a encontrar um único e determinante responsável pelo fracasso escolar esquecendo que essas questões perpassam ambientes e convivências, e não se encontram exclusivamente no ambiente da escola, mas também nas mudanças estruturais ocorridas na sociedade moderna.

Para os professores participantes da pesquisa, existe significativa falta de educação nos alunos, que se revela na falta de respeito para com

superiores e colegas e que possivelmente se origina na formação inadequada recebida em casa. Vasconcelos (1997) afirma ser notório que os padrões de família e sociedade mudaram e isso tem refletido de forma negativa na vida das crianças e adolescentes. Os pais altamente permissivos e a sociedade moderna, onde tudo pode, têm causado grandes manifestações de indisciplina o que vem interferindo na aprendizagem dos alunos e na atividade de docência.

GRÁFICO 6 POR QUE OS ALUNOS AGEM COM INDISCIPLINA.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O gráfico 6 evidencia as respostas relacionadas com o questionamento que buscou saber porque os alunos agem com indisciplina no ambiente escolar. Para 40% dos professores entrevistados, prevalece a falta de orientação da família do aluno; para 35% se sobressai a falta de interesse em aprender, problemas psicológicos que afetam o comportamento do indivíduo; na opinião de 25% o principal motivo para a indisciplina dos alunos na escola são os problemas em casa ou o aluno se sentir excluído de alguma coisa, sendo a indisciplina a única forma de sentir importante, se posicionando contra todos.

Na opinião da maioria dos sujeitos professores a falta de orientação da família dos alunos é o mais forte motivo da indisciplina na escola, podendo-se inferir que os comportamentos indisciplinados têm sua origem fora escola, excluindo-se desta responsabilidade a instituição e o modelo atual de ensino. Sabe-se que não é possível atribuir apenas à família a responsabilidade pela indisciplina que se verifica atualmente no ambiente das escolas de ensino básico. Existem inúmeros fatores que contribuem conjuntamente para que este problema persista.

Neste sentido, Garcia (1999) afirma que as origens da indisciplina são bastante variadas e se agrupam naqueles que se verificam dentro da escola e nos que ocorrem fora da instituição escolar. Dessa forma, percebe-se a necessidade de evidenciar que os referidos fatores internos e externos à escola interagem intensamente e podem levar à necessidade de promover a discussão da indisciplina a partir de suas várias formas de manifestação. Trata-se de um problema educacional que não pode ser atribuído apenas a um dos pilares da formação da pessoa humana, pois tanto a escola como a família têm participação no desenvolvimento dos jovens.

Quanto à responsabilidade da família, destacada pelos professores, Aquino (1996) afirma que:

A tarefa de educar não é de responsabilidade da escola, é tarefa da família, que ao educador cabe repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda aponta que a solução pode estar na forma da relação entre professor e aluno, ou seja, a forma que suas relações e vínculos se estabelecem aponta também que a solução pode estar no desenvolvimento do resgate da moralidade discente através da relação com o conhecimento e que esse conhecimento deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade (AQUINO, 1996, p. 98).

Neste contexto, cabe ao educador a responsabilidade pelo ensino e a família pela orientação equilibrada dos filhos, tendo em vista que, de maneira geral, o estudante não acata as orientações ou regras implantadas pela instituição ou pelo professor, sendo este um reflexo da convivência familiar sem a existência de regras ou a colocação de limites pelos pais.

A falta de interesse em aprender e a não aceitação de métodos de ensino citados por 35% dos entrevistados como a motivação principal para a indisciplina no ambiente escolar também se constituem em motivos plausíveis para que o problema da indisciplina continue no centro do debate no contexto da educação brasileira. No entanto, também não podem ser considerados os únicos motivos para os comportamentos indisciplinados dos alunos, tendo em vista a comprovação de que muitos e variados, internos e externos a escola, são os fatores que contribuem para a persistência da indisciplina no ambiente escolar, trazendo os prejuízos para o processo de ensino aprendizagem já conhecidos.

Segundo Rego (2001):

A indisciplina na sala de aula não ocorre isoladamente, ela está atrelada a outros fatores que há na sociedade em que o aluno está inserido. Podemos apontar diversos fatores que fazem com que o aluno se torne indisciplinado, dentre eles, os meios de comunicação e principalmente a TV. Nessa perspectiva, parecem compartilhar a ideia de que os alunos são o retrato de uma sociedade injusta, opressora e violenta, e a escola, por



decorrência, vítima de uma clientela inadequada (REGO 2001, p. 19).

Dessa forma, a indisciplina pode ser também originada pelo desinteresse do estudante e diante da falta de condições dos pais para fazer o acompanhamento e poder conhecer a evolução escolar e social do próprio filho. Dessa forma, a questão da indisciplina poderia estar relacionada à falta de valorização da escola pelos pais, visto que muitos deles não comparecem aos eventos escolares e não se envolvem com o processo de aprendizagem do estudante, deixando perceptível a interpretação de que os pais acreditam que a responsabilidade pelo comportamento do estudante é apenas da escola.

QUADRO 13 O QUE A INDISCIPLINA MAIS PREJUDICA NA ESCOLA.

“[...] O rendimento escolar” (P1)	“[...]O aprendizado. Perde-se mais tempo disciplinando o aluno do que produzindo conhecimento” (P2).	“[...] A aprendizagem dos alunos.” (P3).
“[...] Precisamente o aprendizado, pois ele não foca naquilo que é mais importante e necessário” (P4).	“[...] Dificulta a aprendizagem daqueles que querem estudar” (P5).	“[...] Os problemas geralmente envolvem o interior da família e acaba interferindo na educação do aluno!” (P6).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O quadro 14 transcreve as respostas dos sujeitos professores para a questão sobre o que a indisciplina mais prejudica na escola. De forma coerente, percebe-se uma consciência de todos quanto aos prejuízos para a aprendizagem dos estudantes advindas das ocorrências da indisciplina escolar. Enquanto os recursos e os esforços de todos os atores envolvidos no

processo educativo deveriam ser direcionados para aperfeiçoar e fortalecer o processo de ensino e aprendizagem, por vezes são direcionados para a resolução de conflitos e de situações indesejáveis de desrespeito e agressividade geradas pela indisciplina e desobediência no ambiente da sala de aula.

Segundo Oliveira (2009):

Apesar do tempo em que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e o quanto que isto tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva a sentimento de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão (OLIVEIRA, 2009, p.450).

O fenômeno da indisciplina na escola prejudica seriamente a prática profissional do educador e torna instáveis as atividades desenvolvidas pela equipe de apoio pedagógico e pela gestão escolar, gerando a possibilidade conflitos com familiares e responsáveis. Para Leite (2010), existem inúmeros fatores capazes de interferir na aprendizagem e que se desenvolve na própria escola, dentre eles a percepção dos atores da comunidade escolar sobre a temática da indisciplina, ou seja, o que pensam pais, professores e até alunos a respeito das causas da indisciplina. No espaço da sala de aula, percebe-se a necessidade de identificação das exposições realizadas pelos educadores tratando das atitudes relacionadas com o processo ensino aprendizagem dos estudantes.

Considera-se também que a indisciplina na escola vem se tornando cada vez mais um problema de proporções consideráveis na aprendizagem dos alunos, trazendo claros prejuízos para a prática profissional do educador e para o processo de aquisição do conhecimento pelos estudantes. Aquino



(1998) afirma que a indisciplina e o desempenho insatisfatório dos estudantes refletem dois grandes problemas no processo educativo da contemporaneidade, por serem produtores de insucesso na escola e de problemas gigantescos para o trabalho dos professores, tornando-se, por isso, motivo de análises constantes entre os atores que fazem a educação, envolvendo inclusive a comunidade e tornando o assunto presente nas reuniões que envolvem pais, professores e conselhos escolares. Trata-se de um problema educacional que se faz presente em todo cenário educativo do país, trazendo grandes preocupações para pais e professores de escolas públicas e particulares.

Dessa forma, os prejuízos causados pela indisciplina nas escolas públicas de ensino são difíceis de avaliar. No entanto, pode-se assegurar que o maior prejudicado é o próprio estudante, sua aprendizagem, sua vida acadêmica, e principalmente aqueles alunos que são disciplinados e aplicados nas atividades escolares, cujo processo de aprendizagem se torna deficiente em razão da prioridade aos problemas gerados pela indisciplina dos colegas.

QUADRO 14 MEDIDAS QUE PODERIAM COMBATER A INDISCIPLINA NA ESCOLA.

“[...] Usar novas tecnologias” (P1)	“[...] Deveria Haver uma conscientização da família” (P2).	“[...] Promover a participação mais ativa da família e medidas exemplares de punição mais rígidas.” (P3).
“[...]Manter a ordem e fazer com que o aluno enxergue a importância de sua participação” (P4).	“[...] desenvolver novas regras e novas formas de ensino” (P5).	“[...] Apresentar conteúdos diferentes e inovadores, incluindo palestras mais frequentes direcionadas ao aluno!” (P6).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Os professores foram questionados sobre as medidas que poderiam combater a indisciplina na escola. As principais respostas são transcritas no quadro 15 e enfocam, principalmente, aspectos relacionados com práticas inovadoras em sala de aula e uso da tecnologia, como também na defesa de uma aproximação da família com a escola, além da fixação de punições mais rígidas e imposição de limites por parte da instituição escolar.

Quanto ao uso de práticas inovadoras em sala de aula (P5 e P6), pode-se inferir que tais iniciativas podem contribuir significativamente para a mudança comportamental de alunos agressivos ou desrespeitosos por meio do desenvolvimento de atividades diferentes e modernas, despertando o interesse e a motivação, enaltecendo a participação e o envolvimento destes estudantes no processo, levando-os à percepção de que são as principais figuras do processo educativo. Estes aspectos abrangem o uso de novas tecnologia nas aulas, conforme a afirmação de P1.

As aulas atrativas e lúdicas, que consideram a realidade do estudante e suas preferências enquanto crianças e adolescentes, são indispensáveis na educação contemporânea, tendo em vista que internet e celulares modernos podem ser adquiridos facilmente e representam uma atração fortíssima para a juventude. Assim, quando o educador se mantém preparado e inteirado das novas tecnologias passa a ter maiores possibilidades de alcançar êxito no trabalho de educador.

Quanto à aproximação da família com a escola no sentido de melhorar o desempenho e a convivência dos estudantes durante o tempo de permanência na escola, percebe-se que os sujeitos P2 e P3 consideram fundamental esta relação, como forma de possibilitar a redução das ocorrências de indisciplina na sala de aula e melhorar a qualidade do ensino.

A parceria entre familiares e as instituições de ensino devem ser estabelecidas e aprimoradas, pois esses dois pilares tem a responsabilidade

de formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com uma perspectiva de um futuro promissor. Maimoni e Miranda (1999) afirmam que a família deve participar da vida educacional do estudante, visitando a escola, conversando com professores, acompanhando as tarefas e trabalhos escolares e estabelecendo horários de estudos.

Portanto, mesmo considerando a gestão escolar e os professores como o setor social mais capacitado e comprometido na busca de alternativas para possíveis soluções aos problemas de ordem indisciplinar, as escolas não podem ser vistas como as únicas responsáveis pela educação, é necessário que o entorno escolar também participe, por meio de diálogos, sugestões ou simplesmente visitando as escolas para que seja possível reinventar a educação e as relações pedagógicas.

ANÁLISE DOS DISCENTES

O perfil dos sujeitos da pesquisa mostra que 45% destes são do sexo feminino e 55% do sexo masculino, possuindo as seguintes faixas etárias: 9 a 11 anos: 24%; 12 a 14 anos: 59%; 15 a 17 anos: 14% e 18 a 20 anos: 3%, sendo que todos estão distribuídos na frequência ao ensino fundamental do 4º ao 9º ano.

A indisciplina em sala de aula prejudica o processo de ensino-aprendizagem, tendo como consequência diversos fatores como o desrespeito entre alunos e professores, desordem e estresse. A falta do diálogo e de uma boa relação entre professor e aluno pode ser aludida como uma das causas à indisciplina, por isso a importância do processo de formação do professor e da presença familiar na escola como medidas interventivas fundamentais para minimizar seus efeitos negativos e proporcionar uma educação significativa e transformadora aos estudantes.

GRÁFICO 7 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS NA MAIORIA DOS DIAS.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O gráfico 7 expõe as respostas dadas pelos sujeitos alunos para o questionamento sobre como ocorre o desenvolvimento das aulas na maioria dos dias, no cotidiano da turma. Para 68% deles as aulas se desenvolvem *com a participação dos alunos* e para 32% *apenas os professores falam*. A maioria dos estudantes participantes da investigação confirmam a participação nas aulas, o que representa um aspecto positivo para o ambiente educativo, tendo em vista que normalmente em aulas participativas as ocorrências de indisciplina são poucas ou inexistentes. Quando o aluno se envolve com os conteúdos não há espaço para comportamentos indisciplinados. Quando as aulas são dinâmicas, lúdicas e agradáveis, também não há ambiente para indignação, revolta, desrespeito e indisciplina.

Segundo Dozena (2008):

A participação em aula deve sempre ser muito estimulada e estimulante. No entanto, quando o aluno expõe suas ideias de forma “cochichada”, não as tornando coletivas, contribui para que as aulas se tornem barulhentas, dificultando a aprendizagem e a elaboração do raciocínio por todos. A fala do aluno que “cochicha” é perdida na impossibilidade de se conhecer suas ideias (lembrem-se dos personagens do desenho da MTV, Beavis e Butt-Head, que o tempo todo resmungam a respeito do que veem ou escutam). Com frequência, alguns alunos temem passar pelo ridículo diante de seus colegas de classe, e por isso costumam não se pronunciar em voz alta (DOZENA, 2008, p. 6).

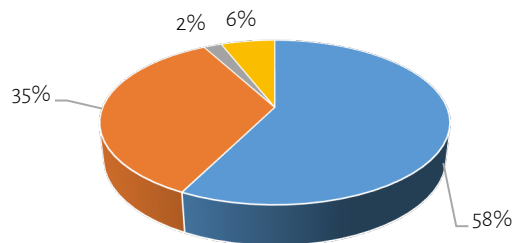
A participação do aluno nas aulas deve estimulada pelo professor como uma prioridade, tendo em vista ser esta a oportunidade de o aluno superar os medos de falar em público e expor suas ideias e potencialidades, influenciando positivamente os colegas no sentido de ampliar a participação dos demais e enriquecer a exposição dos conteúdos em sala de aula. Estes aspectos contribuem sobremaneira para diminuição dos casos de indisciplina na escola.

Registrou-se que 32% dos alunos entrevistados afirmam que apenas os professores falam no decorrer das aulas. Este cenário se enquadra no modelo tradicional e ultrapassado de educação, onde todo o processo de aprendizagem se centraliza na figura do professor, tornando-se inadequado para as propostas educacionais do século XXI, nas quais o estudante pode e deve se expressar, revelando suas potencialidades e se posicionando como elemento principal do processo educativo. A falta de oportunidade para se manifestar e expressar suas ideias torna as aulas enfadonhas e desprovidas de ludicidade e atrativo para o estudante, podendo contribuir para a indisciplina.

Muitos professores seguem esse comportamento obsoleto, no qual alunos tem que se manterem passivos e obedientes, com um único propósito de memorizar o conteúdo para as avaliações, no caso de objeções os alunos seriam submetidos à aplicação de castigos. Assim, Santos (2011) afirma que os professores que utilizam somente a metodologia tradicional, as aulas são centradas no professor, que definem quais serão os conteúdos repassados aos alunos. Nesse método, tem-se como vantagem o fato de o professor possuir um maior controle das aulas, porém tem a desvantagem de propender a aulas cansativas, com nítidas demonstrações de desinteresse pelos alunos.

Trata-se de uma metodologia de ensino que deve ser complementada com outros métodos. Porém não bastam incluir um novo método para melhorar o aprendizado dos alunos, os professores devem avaliar constantemente os resultados alcançados com esta mudança, para identificar as lacunas a serem ajustadas objetivando um melhor aprendizado.

GRÁFICO 8 O QUE MENOS GOSTA NAS AULAS.



- Muito barulho
- As aulas sempre do mesmo jeito
- Você não quer aprender
- Motivos fora da escola

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

O gráfico 8 apresenta as respostas dos sujeitos alunos para a pergunta sobre o que menos gostam nas aulas. Obteve-se que 58% não gostam do excesso de barulho, 35% não gostam das aulas sempre do mesmo jeito, 2% reclamam da ausência de vontade de aprender e 6% deles não gostam da escola por motivos externos à escola. As manifestações dos estudantes indicam que a maioria deles próprios se sente incomodada com o barulho excessivo produzido durante as atividades em sala de aula. Trata-se de um aspecto que prejudica o aproveitamento daqueles que realmente querem aprender e pode ter origem tanto nos métodos adotados pelo professor, que levam a um excesso de liberdade e falta de autoridade para conduzir e ordenar as atividades dos alunos em sala de aula, como nos próprios estudantes, por não gostarem ou não concordarem com os conteúdos apresentados.

Neste contexto, Carvalho, Olivera e Carita (2016) ressaltam que, quando os professores entram em sala de aula e encontram diariamente a desordem, e a completa falta de respeito, se sentem abandonados, com

dificuldades para enfrentar esta situação, o que os levam a nítida sensação de desânimo e desprazer no ato de lecionar, pois se considera incapaz de resolver o problema e mudar esse cenário. Mesmo diante de tantas adversidades, cabe ao professor ser o protagonista da sua história, avaliar e buscar intervenções e soluções para a problemática.

Diante dessas considerações, pode-se evidenciar como indispensável que os professores se mantenham preparados para orientar os alunos da melhor forma possível, independente de condições oferecidas pelas instituições. Trata-se de uma situação em que se verifica a escolha política por uma educação de qualidade, pois não é suficiente ser educador, mas é imprescindível tornar disponível ao estudante uma aula agradável e atraente, validando os conteúdos apresentados em consonância com a realidade, fazendo valer a pena o tempo dedicado aos estudos.

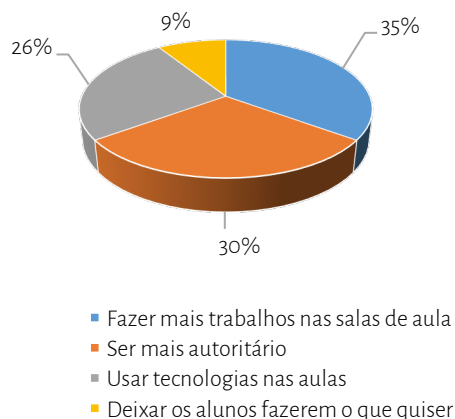
A análise demonstrou ainda um percentual significativo de alunos (35%) que afirmaram não gostar das aulas sempre do mesmo jeito. Infere-se que as aulas repetitivas e enfadonhas, centralizadas na figura do professor, destituídas de inovação, criatividade, ludicidade e do uso de modernos recursos tecnológicos, certamente desagradam a grande parte dos alunos e podem levar à indisciplina, visto que a sociedade atual tem a presença da tecnologia em todas as atividades que desenvolve e os estudantes se mostram fascinados, motivados e estimulados pelas atividades desenvolvidas com o uso de recursos tecnológicos.

Neste contexto, Gil (2012, p. 31) aponta para a importância da definição dos métodos que serão utilizados para o desenvolvimento das atividades escolares, pois muitos professores ainda planejam suas atividades consoantes com o material didático utilizado sem considerar o que realmente é necessário para os alunos, “simplesmente seguem os capítulos de um livro-texto, sem considerar o que realmente é necessário que os alunos aprendam”

não acompanhando as mudanças de paradigmas que os estudantes e a sociedade, em geral, vêm passando.

Verifica-se a necessidade de revisão frequente das práticas pedagógicas, visando superar a reprodução de metodologias ultrapassadas e de valorizar a produção crítica e criativa do saber. Essa preocupação com a prática pedagógica deve passar pela análise de professor e aluno, pois ambos são coautores do processo ensino-aprendizagem. O posicionamento dos alunos quanto às aulas repetitivas apresentadas pelos professores no ambiente pesquisado revela a importância de ouvi-lo e levar em conta suas opiniões no planejamento das atividades escolares, sendo esta uma alternativa eficaz no sentido melhorar a qualidade do ensino básico das escolas públicas e contribuir para a diminuição das ocorrências de indisciplinas na sala de aula. Para isto, destaca-se a necessidade de que os professores mantenham o bom relacionamento com os estudantes, preservando o respeito mútuo e a oferta de oportunidades.

GRÁFICO 9 O QUE OS PROFESSORES PODERIAM FAZER PARA MELHORAR AS AULAS.




FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Conforme se pode observar nos dados acima, em relação ao que os professores poderiam fazer para melhorar suas aulas, o gráfico 9 mostra que 35% destes afirmam que seria a realização de mais trabalhos em sala de aula, 30% dizem ser mais autoritário, 26% pontuam que seria usar tecnologias nas aulas como forma de atrair o aluno e 9% afirmam que seria deixar o aluno agir em sala de aula mediante sua própria vontade. Os percentuais apontam para a necessidade de realizar mais trabalhos em sala de aula porque na percepção dos sujeitos dessa pesquisa será esse tipo de estratégia que pode contribuir para melhorar as aulas dentro da escola reduzindo assim, a indisciplina e a inatividade dos alunos.

Conforme a análise de Vasconcellos (2015) é fato comum os docentes enfrentarem desafios em relação a indisciplina em sala de aula, porque se trata de um problema que não é único de uma escola, mas algo comum em muitas escolas do país.

Partindo dessa constatação, é importante que todas as escolas busquem projeto de intervenção para dirimir a indisciplina, buscado atuar dentro dessa problemática com ações que visem melhorar o comportamento dos alunos que, conseqüentemente melhorará a escola e o processo de aprendizagem, já que a atuação do professor, a metodologia, a aprendizagem e as relações dentro da escola serão também melhorados conforme o problema da indisciplina seja solucionado.

Por outro lado, no estudo de Garcia (2009) o autor defende que deve existir uma diretriz disciplinar que traga uma combinação entre encaminhamentos preventivos a indisciplina e interventivos, sob a forma de práticas em sala de aula que busquem melhorar as aulas e torna-las mais atrativas do ponto de vista pedagógico, para que o aluno se sinta motivado dentro da sala de aula.

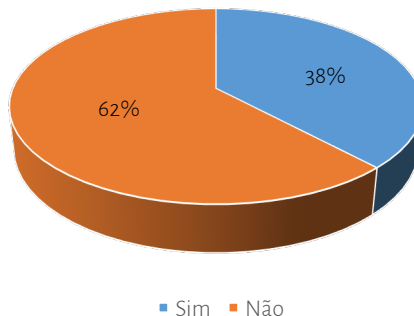


Os encaminhamentos preventivos para a indisciplina são aqueles que podem ser traduzidos em projetos escolares realizados a curto prazo na escola com vistas a reduzir a indisciplina. Certamente, são trabalhos diários que devem enfatizar a relevância da mora, da ética e dos bons costumes para que de forma gradativa, a escola seja um espaço de disciplina e não somente se transmissão de conhecimentos, como se tem visto nos dias atuais. As escolas têm demonstrado grandes preocupações com a aprendizagem e resultados de avaliações nacionais, esquecendo ou relegando a um segundo plano questões de respeito e indisciplina, o que acarretou esse aumento de casos indisciplinados dentro das escolas.

E ainda, segundo Camargo (2009) a questão da indisciplina presente em sala de aula, muitas vezes, vincula-se a ausência de condições necessárias para que o aluno obtenha um bom desempenho, a exemplo da superlotação em sala de aula e da inadequação das salas que oferecem poucas carteiras, pouca iluminação, cronograma, e planejamento curricular que pense no aluno dentro desse espaço escolar e de que forma essas questões o afetam e podem melhorar ou não dentro da sala de aula.

Portanto, é importante que se observe também as condições do aluno, o lugar do educando na sala de aula, colocando em sua condição e verificando se a escola tem oferecido a este as devidas condições para estar dentro da sala e permanecer nesta.

GRÁFICO 10 NA SUA ESCOLA OS PROFESSORES GRITAM COM OS ALUNOS.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Em seguida, discutiu-se com os discentes acerca da postura de voz dos professores, questionando aos alunos se os professores gritam com eles, se alteram o tom de voz com os alunos a fim de manter o controle da sala de aula e em torno dessa questão, o gráfico 10 mostra que 62% dos pesquisados informam que não e apenas 38% destes afirmam que os docentes gritam.

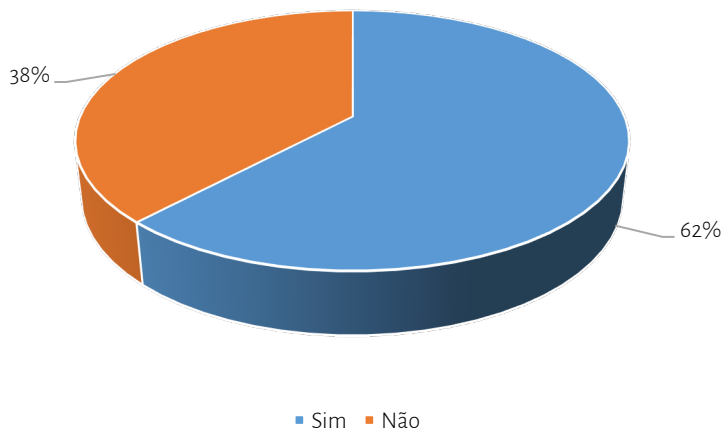
O tom de voz do professor por vezes se torna o grande problema, sendo que este se evidencia ainda em parte significativa das escolas, muito embora se reconheça que a escola e a sociedade vivem novos tempos, ainda são necessárias algumas mudanças de posturas, pois segundo Boarini (2013) “o grande problema que se evidencia na maioria das escolas é que mesmo com todas estas mudanças ocorridas na instituição e nos membros que a compõem, ainda há docentes que seguem tão somente a linha tradicional de ensino”. Sendo assim, admite-se que ainda alguns docentes apresentam em sala de aula práticas e posturas de um comportamento tradicional sendo o tom de voz, o gritar uma forma de manter sua autoridade em sala de aula.

Segundo Boarini (2013):

(...) ainda se mantém a didática que considera o professor como o único detentor do saber em sala de aula. O aluno deve manter-se, horas a fio, calado e atento. O professor vai se habituando a trabalhar com os “limites do não pode”, ao invés de privilegiar os “limites da possibilidade”, não levando em conta que o objetivo do trabalho pedagógico é “suprimir a figura do aluno enquanto aluno, isto é, o trabalho pedagógico se efetua para fazer com que a figura do estudante desapareça (BOARINI, 2013, p.128).

A didática da qual o autor se refere remete à ideia de que muitos professores mantêm posturas incorretas e com tom de voz alterados dentro da sala como meio de manutenção da indisciplina e porque alimentam o pensamento de que sua figura é a de detentor do saber ao qual os alunos devem submeter-se.

GRÁFICO 11 NA SUA ESCOLA OS ALUNOS DESRESPEITAM OS PROFESSORES.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018



Mediante os dados apresentados no gráfico 11, verifica-se que quando indagados quanto ao desrespeito na escola em relação aos professores, 62% dos alunos informam que sim, existe um desrespeito com os docentes afirmado por grande parte da população investigada, enquanto que apenas 38% destes afirmam que não.

O desrespeito se trata na verdade de comportamentos que não são considerados aceitáveis dentro do espaço escolar. Nesse sentido, observando o comportamento dos próprios alunos, estes afirmam em sua maioria que há desrespeito na escola sim, para com seus professores. Acerca disso, Camargo (2009) afirma que na escola, ao lidar com a disciplina, esta necessita definir quais comportamentos são aceitos do ponto de vista pedagógico e social assim como também aqueles que não são aceitos e mediante essa tarefa, é relevante ainda que se considere em que medida esse comportamento é aceitável ao outro: professores, alunos e comunidade escolar.

QUADRO 15 QUAL A AULA QUE VOCÊ MAIS GOSTA E POR QUE.

“[...] Aula de português porque sempre foi boa matéria. Ótima e que tem muitas explicações. Adoro!” (P1)	“[...]Português, porque o professor explica em detalhes tudo que nós perguntamos” (P2).	“[...] Português, porque o professor fala muito bem e explicando com paciência fica bem melhor de aprender” (P3).
“[...] Matemática, porque o professor é muito legal comigo” (P4).	“[...] Gosto muito de ciências porque me deixa fascinada com tanta novidade. Eu adoro descobrir mais coisas” (P5).	“[...] Geografia, porque o professor explica muito bem. Eu gosto dele. É o melhor professor” (P6).

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018.

No quadro acima, percebe-se que entre a população investigada a aula com maior preferência dos alunos é português, sendo mínima a opção pela disciplina de matemática e geografia e ciências que tem pouca adesão dos educandos.

Uma das formas de manter o aluno atraído é atuar nas disciplinas que eles mais se familiarizam, pois assim, o déficit de atenção e de indisciplina tende a reduzir-se. Como se viu pelos dados transcritos, mesmo com muitas dificuldades em aspectos gramaticais como a leitura e a interpretação de texto, as aulas de português são sempre as mais optadas pelos alunos como a que mais gostam. Isso deve ser utilizado em favor de romper com a indisciplina atuando com essa área por meio de atividades diversas e pluridisciplinares que permitam ao professor atender às expectativas de seus alunos, sem que estes se tornem indisciplinados.

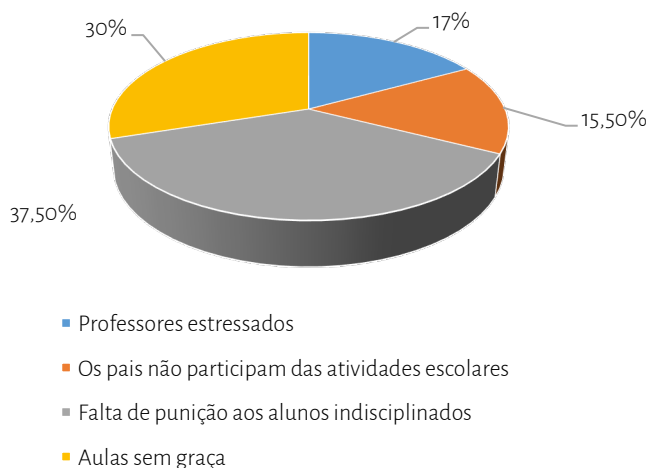
Conforme pontua Neto (2008) a indisciplina em sala de aula contribui para o baixo aprendizado dos alunos, de modo que atuar sobre aquilo que lhe atrai será uma forma de vencer esse desafio, uma vez que se pode afirmar que não existe aprendizagem de qualidade dentro de um ambiente de indisciplina e rejeição. Assim, compete ao professor atuar sobre o que o aluno se motiva e dali seguir com seu trabalho a fim de que supere a rejeição, pois, é bem verdade que a indisciplina é fator preponderante para que o aluno apresente baixos índices de aprendizagem e demanda da escola, portanto, novas formas de agir sobre.

Uma das questões que mais deve ser pensada quanto à existência da indisciplina é a aprendizagem do aluno. O professor perde muito tempo reclamando da indisciplina, a escola não apresenta projeto que visem solucionar o problema e o aluno vai passando a cada ano, contudo, permanecendo o problema e ainda tendo maiores agravos visto que o aluno não consegue ser disciplinado, mas que segue adiante, sendo desconsiderado sua aprendizagem. Tudo isso na verdade, não deixa de existir, apenas são

problemas que são mascarados e passados a frente, tendo como prejuízos, os resultados futuros porque a indisciplina do aluno que lhe afeta a aprendizagem lhe gera como prejuízo, abandono escolar e revela a ausência das relações afetivas e sala de aula.

No estudo de Santana (2007) consta que o ambiente da sala de aula pode, muitas vezes, contribuir para a indisciplina, sendo que às vezes, somente se faz necessário que algumas mudanças nesse espaço se façam para que se melhorem o comportamento dos alunos promovendo assim, uma melhoria significativa e elevando a autoestima do aluno e sua capacidade e nível de satisfação e de aprendizagem. Portanto, a mudança, a superação do problema de indisciplina, deve começar dentro da sala de aula, pelo próprio professor, uma vez que seu alvo é a aprendizagem e esta é a questão mais afetada quando se trata da indisciplina.

GRÁFICO 12 PRINCIPAIS MOTIVOS DA INDISCIPLINA EM SUA ESCOLA.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Quanto aos principais motivos que tem levado à indisciplina na escola pesquisada, verifica-se que 37,5% dos sujeitos da pesquisa informam que a indisciplina decorre da falta de punição aos alunos indisciplinados, 30% informam que são as aulas sem graça, 17% dizem ser professores estressados e 15,5% afirmam ser os pais que não participam de forma ativa das atividades escolares.

É bem verdade que as causas para a indisciplina podem ser diversas e estar relacionada a fatores intrínsecos a escola e extrínsecos a essa instituição. Todavia, ao se discutir essa questão, Cruz, Aguiar e Dantas (2017) afirmam que as causas da indisciplina ou os motivos que geram esse tipo de comportamento podem estar vinculadas a diversos fatores sendo que alguns dos problemas que são externos à escola são os responsáveis por causar certos comportamentos indisciplinados nos educandos, problemas esses como os desajustes sócio familiares, o uso de drogas, violência, trabalho entre outros.

A indisciplina pode decorrer, portanto, de situações que estão dentro da escola e que alimentam esse tipo de comportamento como também podem estar relacionadas com problemas fora da escola, a exemplo da convivência familiar e social que o aluno tenha, desajuste emocional, entre outras situações. Certo é que se deve buscar compreender essas causas para atuar sobre elas.

Todavia, na visão de Eccheli (2008), a possível e mais provável causa da indisciplina está relacionada com a ausência de motivação dos alunos, que é um fator interno à escola uma vez que os alunos percebem a vida escolar como algo obrigatório a se colocar dentro de uma sala de aula e de forma descontextualizada não compreende a utilidade dos conteúdos estudados.

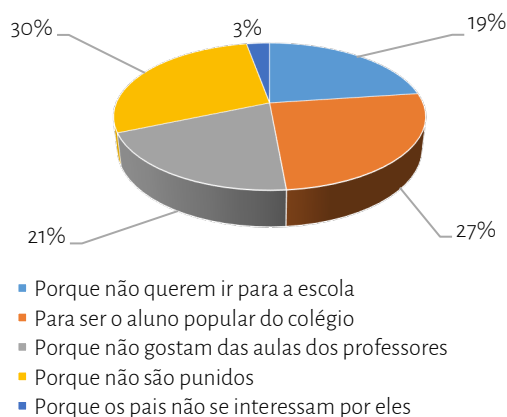
Assim, o trabalho docente tem grande peso e medida nessa problemática. Nem sempre a rigidez funciona como forma de manter a disciplina, será, portanto, oportuno dar ênfase em sala de aula à afetividade,

compreensão quanto à ausência de motivação dos alunos e sobre essa desmotivação atuar para que seja revertida.

Benette (2009) afirma por outro lado, que os problemas de aprendizagem dos alunos indisciplinados referem-se também aos resultados de problemas que são externos à escola e que se manifestam no interior da escola mediante uma expressão da indisciplina e dessa forma, cabe ao professor não se colocar como figura central, mas coordenar um processo educativo criando um espaço de interesse, estimulante e desafiador para o aluno para que ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

A escola e o professor quando se deparam com a indisciplina devem analisar as condições de vida dos educandos e perceber as fragilidades destes alunos, dando um apoio maior nas questões pedagógicas que são em geral, as partes mais comprometidas do processo de aprendizagem, sendo relevante que o professor traga um apoio pedagógico mais efetivo e menos rígido para o aluno.

GRÁFICO 13 PORQUE OS ALUNOS AGEM COM INDISCIPLINA.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

No que toca aos alunos agirem de forma indisciplinada na escola, os sujeitos da pesquisa informam que 30% destes agem dessa forma devido não terem punições na escola, 27% afirmam ser porque o aluno é popular na escola, 19% indicam que é porque não querem frequentar a escola sendo a indisciplinada uma expressão dessa vontade, 21% dizem que se tratam das aulas dos professores que não gostam e 3% pontuam que é devido à ausência dos pais e o desinteresse destes pelos filhos indisciplinados. A partir desses dados, o que se compreende é que em sua maioria, os alunos afirmam que o agir indisciplinado decorre, sobretudo, porque não se tem punições dentro da sala de aula, fazendo com que a ausência dessa punição leve o aluno a sentir autônomo para agir reconhecendo que não nenhuma incidência sobre esse comportamento, um número pequeno de sujeitos apontam que a indisciplinada dentro da sala de aula decorre da ausência familiar, sendo importante que a escola venha a atuar de forma mais rígida e criativa no combate à indisciplinada.

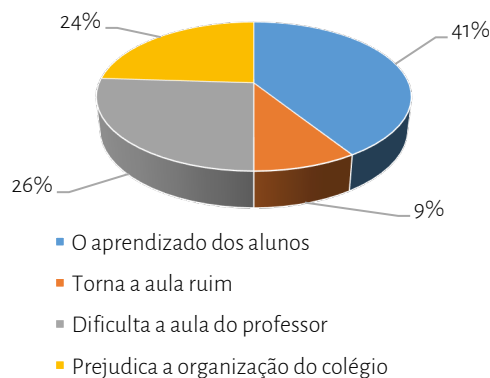
Assim, ao se estabelecer regras dentro da sala de aula, o professor pode dessa maneira, reduzir a indisciplinada, contudo é preciso ressaltar que independente do ambiente é importante a presença de regras e condutas que venham a alimentar o comportamento adequado e regularizar esse comportamento mantendo um ambiente saudável e propício à função desempenhada.

A indisciplinada deve ser trabalhada dentro da sala de aula por meio do estabelecimento de regras em que se evidencie a importância de comportamento regido por normas de conduta e que o aluno tenha consciência da necessidade do cumprimento dessas regras para assimilar com a disciplina, só assim será capaz de compreender que o bom comportamento desencadeia a disciplina, na mesma medida que o mau comportamento também gera a indisciplinada.

Atualmente, a imposição de regras ou normas a serem cumpridas dentro do espaço escolar é chamada de contrato didático que é criado com a participação dos alunos, uma vez que na medida em que estes mesmos criam suas regras mencionando aquilo que deve ser cumprido ou não, estes assumem a responsabilidade de cumprir esse compromisso e obedecer tais regras e com isso, se desenvolve nos alunos, o senso de responsabilidade e dessa forma, torna-os autores e responsáveis pelo cumprimento destas e sua manutenção dentro da sala de aula que pode ser estendida a todo espaço escolar. Todavia, na medida em que não for cumprido, é de responsabilidade do docente, dosar medidas de conscientização de descumprimento destas e verificar a gravidade das ações comprometidas e não respeitadas.

O contrato didático é uma das alternativas para que se tenham dentro de sala de aula um guia de normas e comportamentos a serem cumpridos. Nos dias atuais, as escolas têm adotados esse tipo de alternativas que se tornou uma prática comum para vencer a indisciplina.

GRÁFICO 14 O QUE A INDISCIPLINA PREJUDICA.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Por fim, questionou-se aos discentes o que a indisciplina prejudica e acerca isso, o gráfico mostra que 41% destes afirmam que prejudica a aprendizagem dos alunos, 26% dizem que a indisciplina dificulta a aula do professor, 24% destes afirmam que a indisciplina prejudica a organização da escola e 9% pontuam que prejudica a aula tornando-a ruim.

Certamente, a indisciplina é um dos problemas da educação do país que mais tem desafiado os professores e toda a comunidade educativa. As respostas acima confirmam veemente a preocupação com a aprendizagem que fica comprometida em razão da existência da indisciplina, já que todas as demais alternativas apresentadas decorrem da indisciplina em sala de aula.

A indisciplina é um problema da educação que pode ser entendida, grosso modo, como uma forma de manutenção da ordem e a obediência às normas imposta, sendo que a sua negação a essas normas implica na quebra da ordem e sendo assim, se o aluno age em discordância a ordem, a indisciplina surge trazendo consigo outros problemas para dentro da sala de aula, a exemplo da falta de atenção, inquietação da turma, desconcentração (OLIVEIRA, 2005, p. 28).

Portanto, não é de fácil solução a indisciplina, mas deve-se buscar dentro da escola ações que sejam viáveis de serem concretizadas, a fim de acabar com os problemas de indisciplina.

Segundo Scandolari (2014):

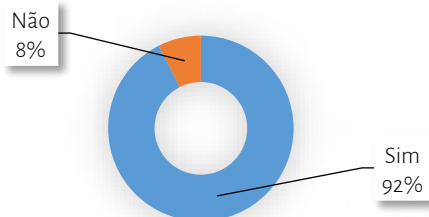
A indisciplina do aluno pode ter relação com o fraco rendimento escolar, devido ao pouco interesse em realizar as tarefas, levando-o a não se interessar pela escola, demonstrando atitudes negativas e comportamentos inadequados. A indisciplina não deve ser atribuída somente a um segmento da escola, e, portanto, deve ser combatida por todos de diversas formas (SCANDOLARI E ESTRADA, 2014, p. 9).

A partir do exposto, é cada vez mais claro que a indisciplina é um aspecto da educação que prejudica de maneira expressiva a aprendizagem e o bom andamento de uma turma. Muitas vezes, a resposta para o mau desempenho do aluno está na sua relação com a escola, na sua indisciplina dentro do espaço escolar, sendo relevante reconhecer esse fato e atuar sobre ele.

ANÁLISE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

O perfil dos sujeitos pais ou responsáveis revela que 76% destes são do sexo feminino, demonstrando uma presença mais forte das mães na condução dos assuntos escolares dos filhos, e 24% são do sexo masculino, confirmando um envolvimento menor por parte dos pais. Observou-se ainda que, do total de participantes da investigação 44,5% possuem entre 31 e 40 anos; 44,5% possuem idade entre 41 e 50 anos e 11% apresentam idade acima de 50 anos. Quanto à escolaridade, registrou-se que 10% não tem nenhum estudo; 72% possuem o ensino fundamental incompleto; 5% possuem o ensino fundamental completo e 13% cursaram o ensino médio, completo ou incompleto.

GRÁFICO 15 APROVA A FORMA COMO OS PROFESSORES ENSINAM AOS ALUNOS.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Na discussão com os pais ou responsáveis em torno da indisciplina na escola, questionou-se a estes se aprovam como os docentes dos filhos tem conduzido o ensino na escola e a partir dos dados acima expostos no gráfico 15, verifica-se que 92,50 % destes afirmam que sim, enquanto que apenas 7,50% destes afirmam que não apoiam esse ensino.

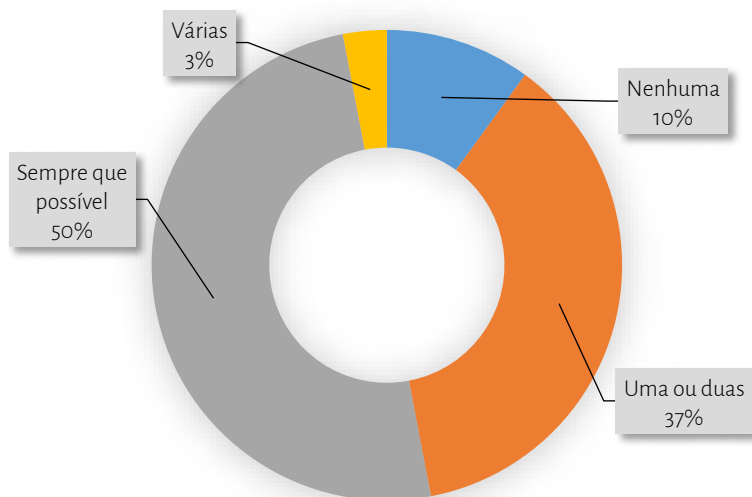
A maioria dos pais ou responsáveis concordam com a forma como os professores tem conduzido à sala de aula, mas que na verdade é uma forma de compensar ao professor a ausência de acompanhamento que deveria ter junto aos filhos. Sendo assim, a participação dos pais na escola e a aprovação destes quanto à forma como tem educados as crianças é de suma relevância e nesse sentido, se pode afirmar:

Segundo Vasconcellos (2009):

A participação dos pais na elaboração e desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola é de notável importância na construção do sentido desejado para a prática educativa. A família, sendo a primeira instituição socializadora, tem como atribuição principal o desenvolvimento de valores, ou seja, ajudar o filho a desenvolver um projeto de vida (VASCONCELLOS, 2009, p. 203).

Trazer os pais para dentro da escola e inseri-los dentro da construção do PPP da escola é uma forma de fazê-lo perceber quão complexo é a sala de aula e toda sua tessitura, só assim eles serão capazes de compreender que o ensino vem sendo conduzindo não tendo mais somente coo foco a aprendizagem dos alunos, mas a educação familiar que vem sendo relegada pela instituição citada.

GRÁFICO 16 QUANTAS VEZES VAI À ESCOLA DO FILHO.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

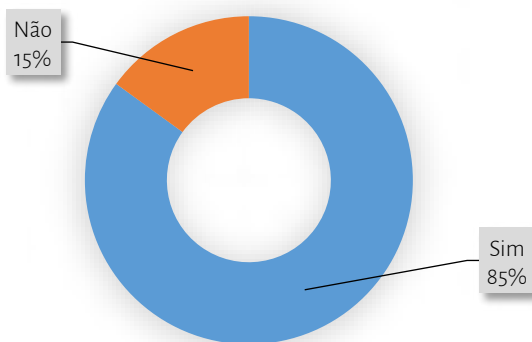
Conforme se pode verificar no gráfico 16, ao serem indagados sobre quantas vezes vai à escola do filho, 50% dos pais ou responsáveis afirmam que sempre que possível, 37% uma ou duas vezes por mês, 10% afirmam que nenhuma vez vão à escola e 3% somente indicam que frequentam a escola várias vezes por mês.

Os dados acima revelam que a relação família escola tem sido afetada e por vezes, não se tem uma relação de parceria como se desejaria, entre ambas as instituições. Isso tem dificultado o trabalho do professor na escola, como tem deixado a desejar a atuação da família. Nesse estudo, verifica-se que a frequência dos pais à escola não é a esperada sendo que a maioria

afirma que frequenta a escola sempre que possível. Poucos são aqueles que pontuam que vão várias vezes à escola. Fato preocupante.

Para Scandolari (2014), os problemas de indisciplina representam algo preocupante porque se deseja que haja mobilização não somente da escola, mas por ser uma questão que deveria ser tratada também como apoio familiar que tem deixado a desejar nesse sentido. Trata-se de uma mobilização de todos em busca de soluções para o enfrentamento do problema e partindo dessa constatação, é necessário pontuar que a escola e a família tenham plena consciência de seus papéis e que busquem em conjunto ações que possam superar esse problema. Diante dessa proposta, também se faz necessário que a escola e a família tenham clareza de quem são seus atores, quais os motivos ou causas da indisciplina quais as formas como tem se apresentado, ou seja, é de suma importância que se conheça profundamente a realidade na qual o aluno está inserido e sobre esse atuar.

GRÁFICO 17 OS PROFESSORES DEVERIAM INOVAR EM SUAS AULAS.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Quando se discutiu sobre a atuação docente, questionou-se aos pais se eles acreditam que os professores deveriam inovar suas aulas, e mediante o gráfico 17, observa-se que a maioria dos pais (85%) destes afirmam que sim, enquanto que apenas 15% destes afirmam que não há necessidade.

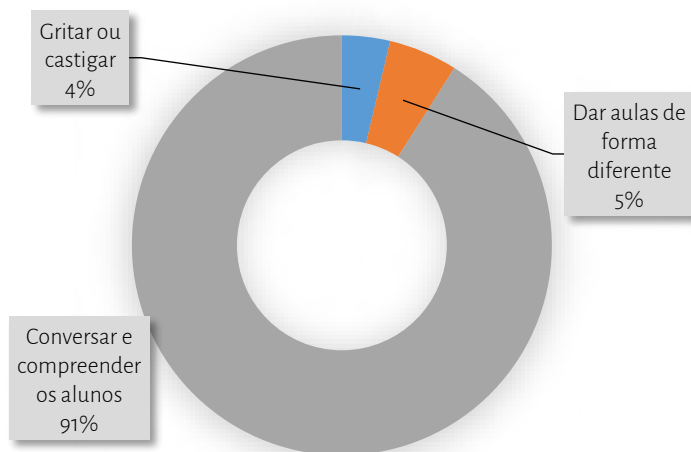
Certamente que a maioria dos pais concordam que haja necessidade de inovação em sala de aula, pois também sabem que a indisciplina é um tema preocupante já que tem a capacidade de modificar o currículo da escola e assim, chegar, muitas vezes, a inviabilizar aquilo que havia sido planejado. A partir desse ângulo, Garcia (2013, p. 95) diz que a indisciplina também, é capaz de induzir mudanças nas práticas educativas insatisfatórias.

De fato, o aluno inquieto e mal comportamento não consegue concentração e perde na aprendizagem por não conseguir a atenção devida na aula. a inovação dentro da sala de aula deve ser um ponto de partida para atrair o aluno e a escola deve na elaboração de seus projetos pensar alternativas que estejam voltadas para a superação da indisciplina.

Na visão de VICHESSI, MOÇO e GURGEL, (2009), no entanto, o trabalho do professor de inovar relaciona-se com os conteúdos vinculados às questões morais, convívio social, cooperação mútua, de modo tal que as abordagens nesse sentido, devam possibilitar que se estabeleçam uma relação de respeito mútua e por extensão, inibindo a indisciplina, já que será uma forma de valorizar o aluno e fazê-lo sentir-se parte do processo de aprendizagem como figura central deste.

É importante resgatar e trazer para dentro da sala de aula as relações de respeito, o tratamento, o comportamento, o trabalho com a moral e os bons costumes. A disciplina é exatamente isso, cumprir regras, ter bom comportamento, e disso deve partir o trabalho pedagógico.

GRÁFICO 18 AÇÕES DOS PROFESSORES PARA CONTROLAR AS TURMAS NA ESCOLA DO SEU FILHO.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

No que se refere as ações dos docentes para manter o controle da turma na escola, os pais ou responsáveis afirmam (91%) destes que é importante conversar e compreender os alunos, 5,3% dizem que dar aulas de forma diferente seria uma estratégia que poderia reverter a situação e 3,7% dizem que o grito ou castigo resolveria o controle das turmas indisciplinadas. Das ações propostas para controlar as turmas na escola, os pais ou responsáveis mostra sensatez em suas respostas evidenciando nesta pesquisa que a conversa e a compreensão docente para com o aluno se trata de uma das principais dessas ações.

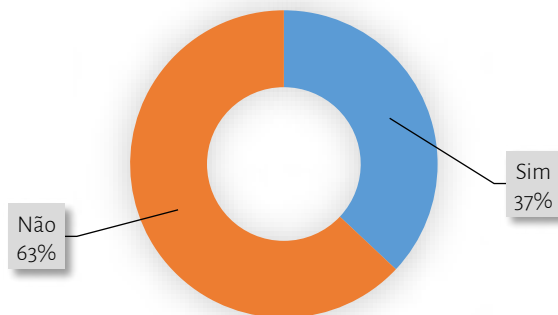
Para Santos (2016) é bem verdade que os docentes têm buscado, teoricamente, diversas formas de enfrentamento a indisciplina na escola e, no entanto, nem sempre as propostas de intervenção nesse enfrentamento têm sido suficientes ou capazes de inibir a indisciplina. A ausência de ações ou

medidas que possam melhorar o desempenho e reduzir a indisciplina ainda há de ser pensada com toda a complexidade que se apresenta.

É cada vez mais urgente a necessidade de se trabalhar de forma cada vez mais intensa a disciplina dentro da escola e mais precisamente dentro das salas de aula. Os professores sentem a necessidade de vencer a indisciplina, mas não será somente suficiente discutir sobre o tema, sem que se busquem as formas de intervenção. Dessa forma, é importante que se planejem ações a serem cumpridas a curto e médio prazo para a indisciplina.

No estudo de Vasconcellos (2013) o aluno contribui no combate a indisciplina mediante sua participação efetiva em sala de aula e sua interação. Não se pode falar em apenas um único método ou recurso (sejam esses humanos ou não) que são capazes de reduzir ou até mesmo combater a indisciplina.

GRÁFICO 19 NA ESCOLA DO SEU FILHO HÁ DESRESPEITO AOS PROFESSORES.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Ao serem indagados se na escola dos filhos, há situações de desrespeito aos professores, 63% dos pais afirmam que não, e 37% destes

afirmam que sim. Como se observa, um percentual maior aponta que na escola não existem situações de desrespeito aos professores.

Considerando o espaço escolar, é importante que se compreenda que, no âmbito pedagógico, alguns autores consideram importante definir a disciplina e a indisciplina e nesse sentido, vale pontuar a definição proposta por Vasconcellos (2009) quando este define a disciplina como uma forma de organização do ambiente de trabalho escolar, comportamento e postura e atitudes corretas.

A escola precisa ter clareza do que de fato pode ser considerado comportamento indisciplinar e aquilo que não é disciplina, pois atualmente alguns comportamentos não necessariamente representam comportamentos indisciplinados, mas se tratam de distúrbios ou déficits comportamentais. Há, portanto, uma necessidade imediata de formação da escola nesse sentido e de atuação a indisciplina. A clareza e a compreensão quanto à indisciplina é algo relevante para que se tomem decisões dentro da escola e se apliquem projetos para que se diminuam os problemas de indisciplina.

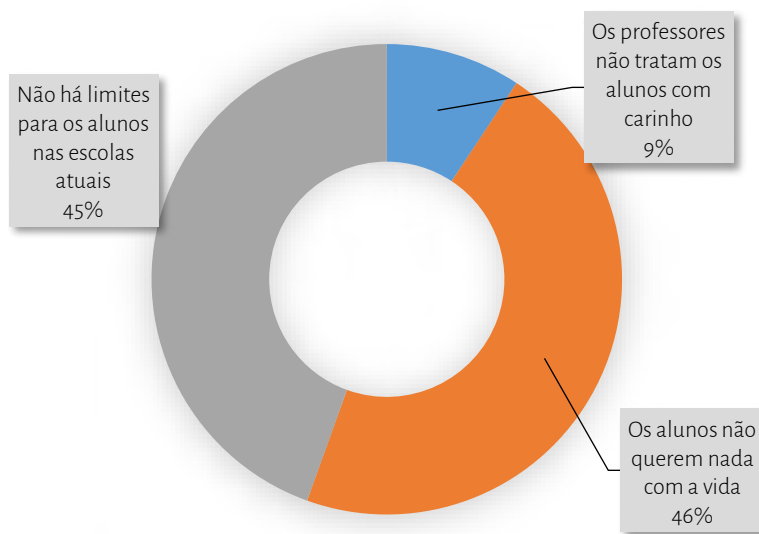
Enquanto que Garcia (2013) define a indisciplina como “uma instabilidade e ruptura no contrato social da aprendizagem. Ela é, assim, uma força que atua no tecido da relação entre educadores e alunos, que sustenta o desdobrar do currículo”. Portanto, o desrespeito é uma das formas de indisciplina em que o aluno, dentro da escola, não consegue cumprir as normas disciplinares e por essa razão, descumpra-as mediante o comportamento e atitudes que muitas vezes, são à revelia do comportamento desejado.

Dessa maneira, o comportamento, as atitudes e outras formas de manifestações de indisciplina se constituem como uma forma de desrespeito aos professores já que deixa de ser um comportamento aceitável, para se

constituir um tipo de comportamento não aceito socialmente e dentro do espaço escolar.

Para se reduzir os problemas de indisciplina é importante discutir e construir um Projeto Político Pedagógico que atenda a essa demanda dando-lhes assistência e procurando solucionar esses problemas e como já fora mencionado, promover projetos que venham a mobilizar a escola e sua comunidade para erradicar a indisciplina.

GRÁFICO 20 POR QUE OS ALUNOS DESRESPEITAM OS PROFESSORES NA ESCOLA DO SEU FILHO.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

E nessa mesma direção, indagou-se aos pais qual a causa que leva os alunos a desrespeitarem os professores na escola e em torno dessa discussão, obteve-se o seguinte resultado: 46,20% disseram que os alunos não têm

compromisso com a vida futura, 44,50% dizem que a ausência de limites dos alunos nas escolas atuais e 9,3% dizem que se deve ao fato de que os professores não tratam os alunos com carinho, acarretando situações de desrespeito e relações de conflito dentro da sala de aula.

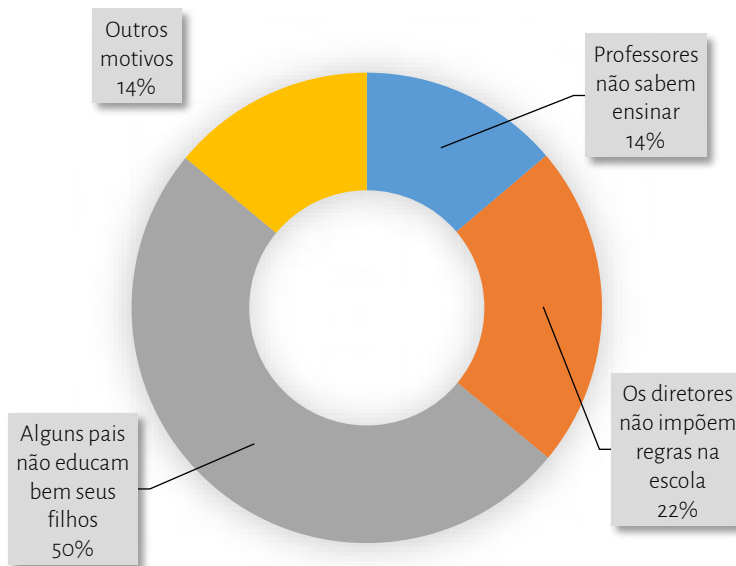
A questão de desrespeito para com a figura do professor é algo comum e pelos resultados aqui obtidos, a maioria dos pais afirmam que esse desrespeito é oriundo de situações externas à escola, mas que interfere de forma decisiva nesta. Nesse sentido, vale atentar para o fato de que, muito embora se perceba os esforços e cuidados tomados pelo professor para estar em sala de aula como o planejamento e a relação com os alunos e família, ainda assim, na maioria das vezes, os conflitos decorrentes da indisciplina surgem em sala de aula.

Como meio de enfrentar tal situação se faz pertinente que o professor tenha bastante clareza do conceito de disciplina se questionando sobre: o que se entende por disciplina e indisciplina? Qual a atuação deste aluno em sala de aula? Pois se um professor é apenas mero transmissor de conhecimentos e apenas transmite os conteúdos de forma mecânica, certamente o aluno vai sentir-se fadado a um comportamento que expresse sua desatenção e não atenda a suas necessidades educacionais. Por isso “o professor necessita educar = humanizar, por meio do ensino, ter todo empenho para que o aluno aprenda, como forma de se constituir como humano- desenvolver sua personalidade, caráter, consciência e cidadania” (VASCONCELLOS, 2009, p. 223), porque é desse processo de humanização que se pode alimentar no aluno a motivação na aprendizagem e a redução dos casos de indisciplina na escola.

Assim, a disciplina na escola, na sala de aula, passa necessariamente por um processo de humanização, onde se enfatiza a necessidade diária de respeito, diálogo e tolerância. Atitudes importantes de formação de caráter e valores morais e comportamentais são relevantes de serem fomentados

dentro da escola para que os alunos fortaleçam a disciplina e não a indisciplina, como tem ocorrida, na contramão de hoje.

GRÁFICO 21 MOTIVOS DA INDISCIPLINA NA ESCOLA DO SEU FILHO.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Sobre os motivos que tem acarretado a indisciplina descolar dos filhos, 50% dos pais afirmam ser a ausência de educação dos pais, uma vez que estes não educam bem seus filhos 22,20% dizem que deve-se aos diretores escolares por não imporem regras na escola, 14% apontam ser outros motivos e 13,8% dizem que se se deve ao fato dos professores não saberem ensinar.

As falhas da família no que toca ao acompanhamento dos filhos no processo escolar estão cada vez mais visíveis como se pode verificar no gráfico

acima em que metade dos pais ou responsáveis afirmam que os motivos da indisciplina na escola se refere ao fato de que alguns pais não têm dedicado de forma devida seus filhos refletindo essa má formação familiar na escola.

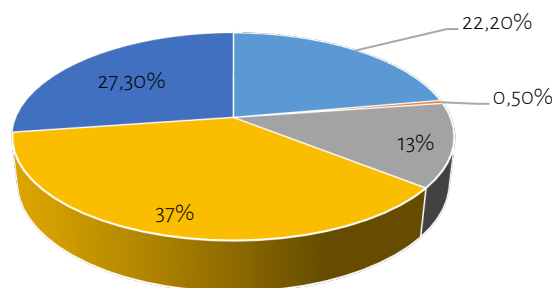
Segundo o estudo de Tessaro (2009) a sociedade vive atualmente a chamada crise de valores que implica, pois numa sociedade marcada pelo convívio com situações turbulentas com força nos meios de comunicação e com altos índices de violência, sendo que a escola não está à margem dessa violência, uma vez que a indisciplina nada mais é do que uma manifestação ou reflexo dessa violência que está fora da escola, mas que atua sobre ela de forma decisiva que não se verifica que a escola recebe alunos de famílias com problemas sociais de desajustes e que assim sendo condiciona os grupos sociais, sendo a escola e a família incluídas nesse rol e que faz com que dentro da escola a indisciplina se mova e ganhe forma por meio do comportamento dos alunos, comportamento esse indesejado.

Alguns estudiosos do tema como Bau e Ruiz (2010) indicam ainda que o desrespeito não somente existe dentro da escola como também é produto de situações como criação sem autoridade dos pais, ausência de limites, desestrutura familiar, separação dos pais, permissividade, falta de interesse pela vida escolar dos filhos, e ainda porque em muitas famílias, existe uma fuga da responsabilidade familiar para com a educação dos filhos, o que os levam a escola acreditando que tem autonomia para agir de maneira indisciplinadamente dentro da escola, ou seja, com desrespeito ao professor e a comunidade escolar.

Os alunos são indisciplinados quando, por alguma razão, refletem na escola aquilo que tendem a vivenciar em casa. O desrespeito pode ser uma forma de expressar uma forma de convivência em casa, quando os pais, por exemplo, têm relações difíceis dentro do ambiente familiar e estabelecem o desrespeito entre ambos, os alunos tem uma relação mais próxima com

vocabulário pobre e ausência de limites fazendo com que na escola esse ambiente familiar seja levado à escola.

GRÁFICO 22 POR QUE OS ALUNOS AGEM COM INDISCIPLINA.



- Porque não querem nada com a vida
- Porque não gostam das aulas dos professores
- Fruto da sociedade moderna
- Para chamar a atenção
- Porque não são punidos

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

Ainda quanto ao comportamento dos alunos dentro da escola questionou-se aos pais o porquê dos alunos agirem com indisciplina e nessa direção, os informantes da pesquisa pontuaram que: 37% dizem que é para chamar atenção, 27,30% dizem que se deve ao fato de não serem punidos, 22,20% dizem que é porque são alunos que não tem compromissos com a vida no futuro, 13% pontuam que se tratam de frutos da sociedade moderna e 0,50% destes refere-se aos docentes porque não gostam de suas aulas.

Os dados transcritos mostram que os alunos agem com indisciplina porque tem necessidade de chamar atenção e a partir disso, decorrem outros comportamentos indisciplinados como não receberem punições, não tem expectativas de futuro, ou ainda porque são considerados “produtos da sociedade moderna”.

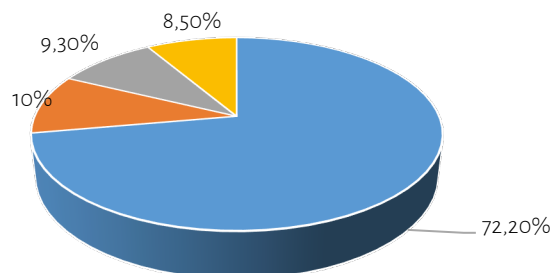
Segundo o trabalho de Santos (2016) pode se considerar que existem crianças que chegam à escola com comportamento indisciplinado que é reflexo de casa, no entanto, na escola tem-se desenvolvido ações pedagógicas que direcionam esse comportamento, de modo que a punição nem sempre é a alternativa mais viável para que se possam oferecer mudanças ao aluno com comportamento indisciplinado.

E então na visão de Tiba (1996, p. 168) pode ser perceber a indisciplina como um reflexo de casa e não necessariamente falta de punição por parte da escola e pontua que:

Há pais que, por pagarem uma escola, acham que a mesma é responsável pela educação de seus filhos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola (TIBA, 1996, p. 168).

A partir do exposto, torna-se lamentável que essas crianças cheguem à escola refletindo comportamentos absurdos de casa, todavia, a punição deve ser fomentada em casa, no ambiente familiar, uma vez que a escola não pode tomar decisões que caberia à família. Castigar educandos com indisciplina dentro da escola é algo diferente da disciplina que se pode atribuir aos filhos em casa. Portanto, não é necessariamente a falta de punição, mas a ausência de atuação dos pais que pode corroborar para o comportamento indisciplinar dentro da escola.

GRÁFICO 23 O QUE A INDISCIPLINA MAIS PREJUDICA.



- O aprendizado dos alunos
- Dificulta a aula do professor
- Torna a aula ruim
- Prejudica a organização do colégio

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA/2018

E, finalmente quanto aos prejuízos causados pela indisciplina, 72,20% dos pais apontam que, sem dúvida nenhuma, é o aprendizado do aluno, 10% dizem que dificulta a aula do professor, 9,30% dizem que torna a aula ruim, e 8,50% dizem que prejudica a organização da escola.

Com a indisciplina em sala de aula, o professor vê o processo de aprendizagem prejudicado, o que se confirma com os dados apontados, já que a maioria dos sujeitos afirma que é a aprendizagem o aspecto mais prejudicado dentro da sala de aula devido à indisciplina dos alunos.

Considerando essa constatação e mediante uma análise da atual realidade da educação no cenário da escola contemporânea, e com a finalidade de trazer para a sala de aula uma disciplina saudável e consciente dos papéis que os sujeitos desse processo devem desempenhar, Vasconcellos (2009) propõe que se desenvolvam algumas ações e decisões relevantes como

fazer uso de forma dialética e promoção de diferentes formas de organização da sala de aula, pois segundo esse estudioso, não se tem receitas prontas para fazer com que a indisciplina seja combatida, porém, é altamente possível orientar-se a partir de práticas ou experiências já realizadas e que lograram êxito e considerado princípios teóricos-metodológicos de modo que a aprendizagem do aluno terá um sentido e objetivo como modo de superar o vazio do sentido existente na prática pedagógica (VASCONCELLOS, 2009, p. 144).

Portanto, a indisciplina é um problema escolar que precisa ser sanado por meio de ações que sejam capazes de desempenhar nos alunos indisciplinados o papel que esse problema desencadeia. Se o educando quer chamar atenção do professor em sala de aula, é importante o professor atentar para isso e assim, dedicar atenção ao aluno. Se o aluno necessita de um trabalho mais efetivo e isolado a fim de superar as dificuldades de aprendizagem que gera déficit de atenção, é importante que isso seja visto pela escola como uma forma de ser pensada a redução da indisciplina. Enfim, de alguma forma é possível tentar buscar formas de intervenção para a indisciplina.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi conhecer as dificuldades causadas pela indisciplina escolar. A partir desse objetivo foi relevante discutir acerca das definições da indisciplina, as implicações desta no ambiente escolar, tratar das mediações metodológicas e a aprendizagem na formação do aluno no contexto da modernidade.

Contudo, o cenário atual da educação do país revela um grande número de alunos indisciplinados, situações desafiantes impostas ao professor que na literatura vigente, mostram-se como um fenômeno que revela desobediência á regras estabelecidas. A indisciplina faz parte do cotidiano escolar, não se pode negar que a indisciplina também é parte dos problemas existentes na escola, pois a manutenção da disciplina é vista como um desafio já que, historicamente, a orientação comportamental e as mudanças em diversos cenários sociais como a família, sociedade e escola vêm se modificando, implicando em novas relações.

Todavia, em sala de aula, a indisciplina se expressa de várias formas, é dinâmica e traz implicações expressivas no processo de ensino e aprendizagem. O papel do professor e da família é essencial como mostram os resultados da pesquisa nesse estudo realizado. Sendo assim, observou-se no estudo, em relação à sala de aula, que a didática e a metodologia fazem as mediações na prática educativa podendo interferir no processo disciplinar do aluno, sendo relevante atentar para o uso dos métodos de ensino em sala de aula. Quanto à família, é importante que os educandos já cheguem à escola conhecedores de normas, valores e boas condutas.

A indisciplina gera dentro da escola, inúmeros problemas, entre eles destacam os docentes que a falta de interesse e educação dos alunos e agem assim porque não tem interesse pela escola.

Entretanto, nas falas dos alunos, estes afirmam que as aulas se desenvolvem com a participação destes, mas afirmam que os professores poderiam fazer mais trabalhos em sala de aula para melhorar suas aulas e na visão destes, o desrespeito existe na escola para com os professores e isso tem contribuído para o baixo aprendizado, consideram ainda que os principais motivos da indisciplina é falta de punição a esses alunos e as aulas “sem graça”.

Por fim, os pais afirmam que aprovam a forma como os professores ensinam e dizem que sempre que possível vão à escola. Pontuam que os professores devem inovar suas aulas e para controlar as turmas devem conversar e compreender os alunos. Sendo assim, em resposta ao problema que norteia este estudo, verifica-se que as inferências da indisciplina influenciam nos processos de aprendizagem dos alunos da rede municipal de Aroeiras do Itaim-PI, porque inegavelmente, a indisciplina escolar prejudica o desempenho em sala de aula e dificulta a aprendizagem dos alunos no ensino básico e ainda se constata que a indisciplina nas escolas contribui para o fracasso e a evasão escolar.

Assim sendo, por ter tido a oportunidade, por meio deste trabalho que ofereceu realidades dos processos da indisciplina presentes nas escolas do município de Aroeiras do Itaim, é possível direcionar, dessa forma, a ações mais práticas e assertivas, com proposições que possam respeitar as idiossincrasias de cada aluno, contudo é recomendado mais estudos sobre a indisciplina no contexto escolar, como exemplo pesquisas voltadas a investigar a relação da indisciplina com o descontentamento das práticas escolares; ou a possível relação da disciplina com a nítida compreensão de hierarquia, questões essas que foram amplamente citadas pelos alunos nesta



pesquisa. Por conseguinte, muito mais há por se fazer em termos de pesquisas científicas e esse trabalho oferece oportunidades para que outros pesquisadores possam dar continuidade ao estudo dessa temática, tendo em vista o caráter complexo e a ampla importância dessa questão na educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ABOU, R. G. (ORG) **Contexto Escolar E Processo Ensino Aprendizagem: ações e interações**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

ALVES NETO, A. B. **As representações sociais de pedagogos (as) sobre indisciplina no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá/UEM. Maringá, 2016.

AMADO, J. **Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula**. Porto: Edições ASA, 2001.

ANDRADE, P. S.; CARDOSO, T. A. de O. **Prazer e Dor na Docência**: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. Saúde Soc. São Paulo: v. 21, n. 1. 2012.

ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia de Ensino na Universidade Brasileira**: elementos de uma trajetória. Campinas: Papirus, 2001.

ANASTASIOU, L. G. C.; CAVALLET, V. J.; PIMENTA, S. G. **Docência no ensino superior construindo caminhos**. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). Formação de educadores: Desafios e perspectivas. São Paulo, Editora UNESP, 2003.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho = aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 3ª Edição, São Paulo: Summus, 1996.

_____. **A violência e a crise da autoridade docente**. Scielo, B. cadernos cedex. CAMPINAS – SP, 1998.

ARAMAN, E. M. de O. **O trabalho do Pedagogo nos espaços educativos**. 1 Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

ARAÚJO, T. M. F. M.; MENDONÇA, O. S. **Indisciplina e/ou dificuldade de aprendizagem**: o papel do professor do ensino fundamental I de uma escola municipal de Presidente Prudente. Educação, arte e inclusão. Volume 11, n. 1. Ano 2015. ISSN 1984-3178.

AZEVEDO, A; FERNANDES, J. **A questão da indisciplina sob novos enfoques e sérias preocupações**: uma revisão de literatura e proposta metodológica. Revista Alpha, v. 13, p. 199-217, 2012.

BANALETI, S. M. M.; DAMETTO, J. **Indisciplina no contexto escolar**: Causas, Consequências e Perspectivas de Intervenção. Rev. REI. Vol. 10. Nº 22. 2015. ISSN:1809-6220.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BATISTA, V. da S. **Afetividade: grande aliada da escola no combate à indisciplina**. 2012. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira. 2012.

BAÚ, L. B.; RUIZ, A. R. **Indisciplina x ensinoaprendizagem**: questões atuais. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Anais, Presidente Prudente, out. 2010.

BENETTE, T. S.; COSTA, L. P. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. [2009]. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2186-8.pdf>>

BOARINI, M. L. **Indisciplina escolar**: uma construção coletiva. Revista Semestral Da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. Maringá, v.17, n.1, Jan. – jun. 2013.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOTELHO, J. **Metodologia científica**, São Paulo. Pearson Education do Brasil, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Congresso Nacional. Brasília, 1988.

BRIGHENTI, J.; BIAVATTI, V.T.; SOUZA, T.R.S. **Metodologias de Ensino-Aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos**. Rev. Gual, Florianópolis. V.8, n.3. 2015.

CAMARGO TORELLI, E. M. F. **Situações de indisciplina na escola e as possibilidades de enfrentamento**: os diferentes olhares dos professores da educação básica. Londrina – PR. 2009.

CAMPBELL, S. **Agressividade, agressão e violência no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: editora wak, 2015.

CARVALHO, M. G.; OLIVERA, G. F., CARITA, A. **Representações da Violência por Professores.** Id on Line Revista de Psicologia, fevereiro, vol.10, n.29. 2016.

CASADORE, M. M.; HASHIMOTO, F. **Reflexões sobre o estabelecimento de vínculos afetivos interpessoais na atualidade.** Rev. Mal-Estar Subj vol.12 no.1-2 Fortaleza. 2012.

CERVO, A. L.; SILVA, R. **Metodologia Científica.** 6ª ed. Prentice Hall Brasil. 2006.

CODO. W. **Educação: carinho e trabalho.** 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CRESWELL, J. W. **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among five traditions.** London: Sage. 1998.

_____. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Artmed, 2007.

CRUZ, J. S.; AGUIAR, F. S. e DANTAS, M. A. O. **A indisciplina em sala de aula e o processo de ensinoaprendizagem.** Paraíba. 2017.

DAMETTO, J. ; ESQUINSANI, R. S. **A Escola como lócus de emergência das disparidades subjetivas: Poder, Saber e resistência na Educação Formal.** In: SILVA, Jacqueline Silva da; LOPES, Maria Isabel. (Org.). **Disciplina: relações de poder na Escola.** Lageado-RS: Univates, 2009.

DEMO, P. **Conhecer & Aprender: sabedoria dos limites e desafios.** Porto Alegre: ARTMED, 2000.

DOZENA, A. **Uma breve análise sobre a postura dos alunos em sala de Aula:** pontos de vista sobre a indisciplina. 2008. Geografia - v. 17, n. 2, jul./dez. 2008.

ECCHELI, S. D. **A motivação como prevenção da indisciplina.** Educar, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Editora UFPR.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus Editora, 2005.

FERRI, M. S. **Conhecimentos implicados na tomada de decisão do Coordenador pedagógico em relação à indisciplina.** Tese apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2014

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio.** 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, A. M. **A indisciplina na relação professor-aluno:** uma análise com base na teoria dos tipos psicológicos de Jung. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2012.

FONSECA, J. J. S.; **Metodologia da Pesquisa Científica.** Fortaleza. UEC, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola:** uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Curitiba, 1999. p. 101-108.

GARCIA, J. **Indisciplina nas aulas de matemática:** a visão de jovens professores. In: Congresso nacional de educação - EDUCERE, 11. 2011b, Curitiba. Anais...Curitiba: PUC-PR, 2011a. p. 11254-11263.

GARCIA, J. **A indisciplina e seus impactos no currículo escolar.** Nova Escola. São Paulo, ed. 261, abril, 2013.

GOLENIA, L. **o espaço de ensino-aprendizagem e as novas tecnologias: realidades e possibilidades.** Paraná. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, L. C.; BELLINI, L. M. **Uma revisão sobre aspectos fundamentais da teoria de Piaget:** possíveis implicações para o ensino de física. Revista Brasileira de Ensino de Física. São Paulo, v. 31, n. 2. 2009.

GONÇALVES, H. A. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** 2 ed. Revista Ampliada. Avercamp. Brasil. 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Piauí – Aroeiras do Itaim.** 2017. <https://cidades.ibge.gov.br/>

JUSTO, J. S. Escola no epicentro da crise social. In: LA TAYLLE, Yves de. (Org.).

Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor. Porto Alegre: Mediação, 2010.p.23-54.

JUSVIACK, A. **Focos e enfoques da indisciplina.** 2009. Disponível em:

http://adm.online.unip.br/img_ead_dp/31515.PDF. Acesso em 07/11/2017.

KRUGER, L. M. **Método tradicional e método construtivista de ensino no processo de**

aprendizagem: uma investigação com os acadêmicos da disciplina contabilidade do curso de ciências contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Contabilidade. Florianópolis. 2013.

LA TAILLE, Y. **Autoridade e limite.** Jornal da Escola da Vila, São Paulo, 1994, p. 24-28.

Disponível em: <http://www.bahienseeducaoinfantil.com.br/arquivos/site-artigo.pdf>

LEITE, S. A. S. **Afetividade nas praticas pedagógicas.** Temas em Psicologia. V.20, nº. 2 Ribeirão

Preto, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-06>

LIBÂNEO, J. C. **Didática – Velhos e Novos temas.** Goiânia. 2002. Disponível em:

http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/scorm/Jose_Carlos_Libaneo.

LIMA, S. **Indisciplina em sala de aula:** concepções, interação social e ação docente-uma análise qualitativa. Investigação Qualitativa em Educação (pp. 836 - 846). Salamanca: 6º Congresso Ibero-Americano De Investigation Qualitativa/Ciaiq. 2017.

LOPES, R. B.; GOMES, C. A. **Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar:** o que revela a literatura? Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. 75, p.261-282, 2012.

MAGALHÃES, J. R. G. **Indisciplina na escola:** impactos e desafios no ensino-aprendizagem.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Coordenação Pedagógica). Universidade Federal da Bahia/UFBA. Salvador/BA, 2015.

MAIMONI, E. H.; MIRANDA, A. A. B. **Uma proposta de avaliação do envolvimento dos pais na vida escolar do filho.** Anais do IV Congresso e IV Mostra de Ciências Humanas e Artes (CD-room), Viçosa (MG). 1999.

MANZINE, E. J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista**

semiestruturada. 2003. Disponível em: www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinilondrinaz2003.pdf. Acesso em 29 de maio de 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 8ª ed. Atlas. 2017.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização - Método sociolinguístico**: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MESQUITA, L. B. da S.; SANTANA, M. C. M.; OLIVEIRA, A. do C. L. A indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental. **Periódico Científico Outras Palavras**, volume 12, número 2, ano 2016, página 130.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOURA, D. A.; PRODÓCIMO, E. **Indisciplina escolar na perspectiva de docentes e gestores de escolas estaduais de Indaiatuba/SP**. Rev. Motrivivência. Vol. 29, n.51. Florianópolis—SC. 2017.

MORAES, C. da S.; BEDIN, E. **Indisciplina e falta de autonomia em sala de aula**: fatores que influenciam nos processos de ensino. Pedagog. Foco, Iturama (MG), v. 12, n. 8, p. 114. 114-133, jul./dez. 2017. DOI: 10.29031/pedf.v12i8.314.

MOREIRA, A. E. C. **Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do ensino fundamental 1**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina/UEL. Londrina/PR, 2014.

MUNDEL, C. S. C. **A indisciplina no ensino fundamental**: um desafio nas escolas do município de SINOP. Ver. Even. Pedagóg. V.8, n.1. ed.21. Mato Grosso. 2017.

MUNHAES, C. **Indisciplina**: representações sociais da comunidade escolar e a contribuição do gestor como agente transformador. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Cidade de São Paulo. São Paulo (2015).

NETO, A. G. **Indisciplina escolar**: suas razões e como previni-la dentro do contexto escolar. Artigonal, Curitiba, Dez. 2008. Seção artigos. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/indisciplina-escolar5190/artigo/>>.

NOGUEIRA, A. J. F. M.; BASTOS, F. C. Formação em Administração: O Gap de Competências Entre Alunos e Professores. **REGE - Revista de Gestão**, v. 19, n. 2, 2012.

NOVA ESCOLA. **O dia a dia do professor**. Como se preparar para os desafios da sala de aula. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

NUNES, F. A. **Indisciplina e Dispersão na Sala de Aula:** um desafio ao educador contemporâneo. Id on line Revista multidisciplinar e de Psicologia. V.11, n.34. 2017.

OLIVEIRA, J. **Estatuto da criança e do adolescente:** lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 7. ed., atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996.

OLIVEIRA, R. L.G. **Reflexões sobre a indisciplina escolar a partir de sua diversidade conceitual.** Anais. IX Congresso Nacional de Educação – Educere. PUCPR, 26 a 29 out. 2009.

OLIVEIRA, M. N.; TORRES, G. M. C. **Indisciplina School:** na entrance for Learning? Id on line Multidisciplinary and Psychology Journal. V.10, n.33. 2017.

OLIVEIRA, M. I. **Indisciplina escolar:** determinantes, consequências e ações. Brasília: Liber, Livro Editora, 2005.

PAIM, A. **Pesquisa Básica e Pesquisa Aplicada:** Como distingui-las e Consolidá-las. Ver. Online. N. 8. Rio de Janeiro. 2010.

PARRAT-DAYAN, S. T.; SILVIA, B. A. e JUNCAL, A. – **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2008.

PASSOS, L. F. **A indisciplina e o cotidiano escolar:** novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 117-127.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Sammus, 1994.

PIMENTA, S.G. (org.). **O estágio e a docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, K. G.; LOUZADA, S. S. S. **A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades.** Revista e - Ped – FACOS/CNECO sório. Vol. 2 – Nº 1. 2012.

RAMPAZZO, S. R. dos R.; STEINLE, M. C. B.; VAGULA, E. **Organização e didática nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** 1 Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

REBELO, R. A. A. **Indisciplina escolar:** causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo:** uma análise vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p.83-101. ISBN 85-323-0583-0

REGO, T. C. R. **Vygotsky**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RUOTTI C. **Violência na escola**: um guia para pais e professores Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. _ são Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SALVI, I. L. **Os impactos da indisciplina sobre o trabalho docente**: perspectivas dos discentes e professores universitários de uma instituição privada do norte do Paraná. Dissertação (Mestrado em Ensino de Linguagens e suas Tecnologias). Universidade do Norte do Paraná/UNOPAR. Londrina/PR, 2017.

SANDRI, C. L. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Artigo. Universidade Tuiuti do Paraná. Curso de Pedagogia. Curitiba, 2014.

SANTANA, P.M.S. **O valor do afeto na relação professor-aluno**. Web artigos, São Paulo, Jun. 2007. Seção homepage. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/1901/1/o-valor-do-afeto-na-relação-professoraluno/pagina1.html>>.

SANTOS, W. S. Organização Curricular Baseada em Competência na Educação Médica.

Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro, v. 35, n. 1. 2011.

SANTOS, E. R. **Representações sociais de professores do ensino básico sobre a indisciplina escolar**. Ponta Grossa: Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2013.

SANTOS, H. C. **A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento**. Estação Científica - Juiz de Fora, nº 15, janeiro – junho / 2016

SCALABRIN, I. S.; HORN, A. M.; PIAIA, K. Indisciplina: implicações da aprendizagem e do desejo de saber. **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/EDUCERE**. I Seminário Internacional De Representações Sociais, Subjetividade E Educação/Sirsse. Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUCPR. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011.

SCANDOLARI. V. **A Indisciplinas na Sala de Aula**: Projeto de intervenção Pedagógica, PDE, Cascavel, 2014.

SFORNI, M. S. F. **Interação entre didática e teoria histórico cultural**. Rev. Educação & Realidade. Porto Alegre. 2015.

SILVA, N. P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVA, D. K.; LOPES, M. I. A indisciplina: um desafio para a equipe gestora. **Revista de Magistro de Filosofia**, ano 3, n. 5, 2.º semestre 2010.

SILVA, O. G.; NAVARRO E. C. **A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem**. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar, nº 8, v.3. 2012.

SIQUEIRA, M. de S. C. **Indisciplina escolar**: contribuições da família e da gestão escolar. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Escola Superior de educação Almeida Garrett. Lisboa/PT, 2017.

SOARES, A. M. **Conflitos na escola: mediação e descontrolo**. **Revista de Ciências Humanas – Educação**. V.18, N.30. 2017.

SOUSA, A. P.; FILHO, M. J. **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional**. Rev. Iberoamericana de Educación. V.7, n.44. São Paulo. 2008.
SOUZA, M. A. **Indisciplina**: um obstáculo à aprendizagem. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional/PDE. Catanduva/PR, 2014.

SOUSA, S. G. **A indisciplina na escola**: um estudo com alunos de escola pública considerados indisciplinados. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Rondônia/UFR. Porto Velho/RO, 2016.

SOUZA, M. M. M. **Um viés de mão dupla no processo de aprendizagem e na farsa da ensinagem no ensino básico na escola pública brasileira**. **Caleidoscópio**, v. 1, n. 5, p. 38-63, 2015.

TAVARES, T. S. da C. **Indisciplina escolar e sua influência no aprendizado**. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Medianeira/PR, 2012.

TESSARO, R. **Indisciplina na escola: educar ou reprimir?** Revista de Educação do Ideau. Instituto de desenvolvimento educacional do Alto Uruguai (IDEAU), v. 4, n. 9, jul./dez. 2009.

TEIXEIRA, M. C. S., SILVEIRA, M. do R. **Imaginário do medo e cultura da violência na escola**. Niterói, intertexto, 2004.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização – São Paulo: Editora Gente, 1998.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, C. dos S. **(In) Disciplina**: Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de Aula e na Escola, 14a ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina e Indisciplina na Escola**. Revista Presença Pedagógica, Belo horizonte, MG. v. 19, n. 112. P. 5-13, set/2013.

_____. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2005.

_____. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Publicação: Série Ideias n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em:
<http://www.sinterroraima.com.br/imagens/artigos/desafios_indisciplinas_01pag>. Acesso em: 31 out. 2017.

VEIGA, S. A. M. Integrar os princípios da aprendizagem estratégica no processo formativo dos professores. In: SILVA et al. **A aprendizagem autorregulada pelo estudante**: perspectivas psicológicas e educacionais. Porto: Porto Editora, 2004. p. 95-106.

VIANA, I. O. A. **A Disciplina participativa na escola**. In: D'ANTOLA, Arlette. Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989.

VICHESSI, B.; MOÇO, A.; GURGEL, T. **Indisciplina: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor**. Revista Nova Escola, edição nº 226, outubro de 2009.

VIEIRA, M. R.; *et al.* **Influência da Família no Processo de Ensino Aprendizagem**. Secretaria do Estado de Educação Esporte e Lazer – SEDUC. Mato Grosso – GO. 2015.

YVGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEINTRAUB, M.; HAWLITSCHKE, P.; JOÃO, S. M. A. **Jogo educacional sobre avaliação em fisioterapia**: uma 133 nova abordagem acadêmica. Fisioterapia e Pesquisa, São Paulo. v. 18, n. 3, p. 280-286, jul./set. 2011.

ZECHI, J. A. M. **Educação em valores**: solução para a violência e a indisciplina na escola? 2014. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) - UNESP, Presidente Prudente.